

ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO,
LITERARIO E SOCIAL
PARA
PORTUGAL E BRAZIL

ANO I

Nº 3

ATLANTIDA

DIRECTORES :

NO BRAZIL — João do Rio

EM PORTUGAL — João de Barros

SECRETARIO DA REDACÇÃO: E. de Campos — EDITOR: Pedro Bordallo Pinheiro

N.º 3

15 de Janeiro de 1916

SUMARIO

<i>Os Portuguezes no Brazil</i>	Alberto d'Oliveira
<i>O ultimo capitulo</i>	Julia Lopes d'Almeida
<i>Solidariedade ethnico-economica</i>	Bento Carqueja
<i>Paineira</i>	Affonso Lopes d'Almeida
<i>Bernardo Pereira de Vasconcellos</i>	Aurelino Leal
<i>Do direito de atropelamento</i>	Jayme de Magalhães Lima
<i>O Desterrado e A Infancia</i>	Soares dos Reis
<i>Para quem?</i>	José Coelho da Cunha
<i>A higiene escolar em Portugal</i>	Costa Saccadura
<i>Na lóca do oleiro</i>	João Barreira
<i>A Noite</i>	Antonio Corrêa d'Oliveira
<i>Ornamentação popular da louça de Estremoz</i> ..	Virgilio Correia
<i>Rythmo</i>	João de Barros
<i>A adolescencia mystica de Liborio Patarôra</i> ..	Aquilino Ribeiro

REVISTA DO MEZ

<i>Sala Beethoven — O motivo da sua fundação</i> ..	Alexandre Rey Colaço
» » — <i>Uma carta</i>	Raul Lino
<i>O Mez Literario</i>	Joaquim Manso
<i>Crónica Musical</i>	Humberto d'Avelar
<i>Os Theatros</i>	Avelino d'Almeida
<i>Chronica d'Arte</i>	José de Figueiredo
<i>Ramalho Ortigão</i>	Braga Paixão

NOTICIAS & COMENTARIOS

Desenhos de Manoel Gustavo.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E COLONIAS

Um anno (12 numeros) 2\$80

Seis mezes 1\$50

BRAZIL

Um anno (12 numeros) Moeda brasileira 12\$00

Seis mezes » » 7\$00

PAIZES DA UNIÃO POSTAL

Um anno (12 numeros) Frs. 15

Numero avulso em Portugal \$25

REDACÇÃO: Rua Barata Salgueiro, 41 r/c }
ADMINISTRAÇÃO: Largo do Conde Barão, 49 } LISBOA

ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO,
LITERARIO E SOCIAL
PARA
PORTUGAL E BRAZIL

SOB O ALTO PATROCINIO DE S. EX.^{AS}
OS MINISTROS DAS RELAÇÕES EXTERIORES
DO BRAZIL
E DOS EXTRANGEIROS E FOMENTO
DE PORTUGAL

ADITIVA ITA



Os Portuguezes no Brazil

M. Augusto

O problema do aperfeiçoamento das relações luso-brazileiras tem sido encarado quasi exclusivamente nos seus immediatos aspectos politicos e economicos, e a essa circumstancia pode talvez attribuir-se que do seu exame se alheassem os pensadores e os poetas, a quem antes de mais ninguem cabia dirigi-lo. As palavras de amizade entre Portugal e o Brazil soavam aos ouvidos mais cultos como pleonasmos ou logares-communs. Tomadas machinalmente para thema de discursos faceis, raras vezes tem circulado dentro dellas o forte pensamento ou sentimento que poderia vivifical-as.

Entre os nossos maiores escriptores modernos não me recordo neste momento senão de Oliveira Martins que tenha escolhido o Brazil para assumpto e inspiração de um dos seus livros. Em compensação Camillo Castello Branco, que foi um grande genio litterario, mas cuja obra é pobre de ideias, fez rir Portugal inteiro, durante annos, á custa dos nossos compatriotas enriquecidos no Brazil, sem que lhe acudisse quanto havia de cruel ingratição na sua attitude, nem como eram perversoras do sentimento nacional as suas grossas caricaturas.

A historia do Brazil colonial parece-nos baça e monotona ao lado da das nossas conquistas no Oriente. Mas esquecemos que o Brazil, na sua existencia laboriosa e tenaz, embora sem o brilho de opera das empresas da India, foi a unica das nossas colonias de que soubemos fazer uma nação. Bastava este resultado

para dar á vida brazileira logar primacial na nossa attenção. Não o esqueceu D. João VI, o mais luso-brazileiro dos nossos soberanos, e por isso o Brazil o consagrou grande estadista e patriota e ainda hoje não comprehende que nós o atirássemos á margem da nossa historia como um rei grotesco.

O prodigio da reproducção da nossa personalidade e da conservação da nossa lingua, a tão immensa distancia de nós e em tão immenso territorio, tem de impôr-se aos mais altos espiritos como uma prova actual, flagrante, da vitalidade da nossa raça. Fomos, ás avessas da fabula, o rato que gerou a montanha. Ainda os mais scepticos sobre o nosso futuro de nação velha não podem supprimir dos seus juizos aquell'outro Portugal moço e longinquo que fala, pensa e sente como nós e que tem diante de si espaço e tempo illimitados para realizar, não só as suas esperanças e ambições, mas até uma grande parte das nossas.

Um por emquanto pequenino factó serve para avaliar até que ponto o Brazil, depois de ter sido descoberto e apresentado por Portugal ao mundo culto, pode tomar a si o encargo filial de nos descobrir e apresentar, por sua vez, a esse mundo esquecido de nós. Esse factó, que eu verifiquei pessoalmente e não me canso de mencionar, é o desenvolvimento que estão tomando os estudos da lingua portugueza na estudiosa Allemanha, graças ás progressivas relações economicas desse paiz com o Brazil. Não ha hoje outra nação na Europa que mais seriamente se interesse pela nossa lingua. E não se supponha que os caixeiros-viajantes germanicos se limitam a ler e a escrever cartas commerciaes. Conheci um allemão, guarda-livros num Banco, que adoptou como livro de leitura a traducção da Biblia pelo padre Figueiredo. Conheci outro, empregado de um grande jornal, que me recitou de cór, com transparente enthusiasmo, as primeiras estrophes dos *Lusiadas*. E para o estudo da epopeia camoneana se abriu ha annos um curso especial, dirigido por um eminente philologo, na Universidade de Berlim.

A expansão da nossa lingua, que encerra em si a nossa alma, mentalidade e cultura, representa para nós, como para toda a nação consciente, um vital interesse, que outros de natureza menos ideal podem egualar, mas não exceder em importancia. Ninguem ignora a parte que cabe a Camões na restauração e na conservação da independencia portugueza. Pode legitimamente duvidar-se que Portugal ainda hoje tivesse a consciencia nitida da sua

existencia se a epopeia camoneana, verdadeiro evangelho nacional, lh'a não revelasse incessantemente. Durante o dominio dos Filippes imprimiram-se em Lisboa quatorze edições dos *Lusiadas*. Foi esse filtro magicamente reconstituente que nos deu forças de corpo e alma para partir as grades da nossa prisão. E não ha exagero em dizer que, assim como a moderna civilização europeia encontra a sua inspiração inicial no christianismo, da cultura portugueza será Camões o timoneiro atravez dos seculos, e que a nossa Nau não sossobrará emquanto conservar esse solido leme.

Como se explica que em tão pequeno numero de portuguezes cultos tenha acordado o desejo de ir ao Brazil estudar o phenomeno maravilhoso da nossa reproducção transatlantica? Sendo as viagens um dos mais efficazes excitantes da imaginação e do pensamento, onde encontrar para um portuguez, fóra de Portugal, fonte mais rica de sensações e emoções? Que outro altar mais grandioso offerece o mundo aos exercicios espirituaes do nosso ardente mysticismo patriotico? Como é que ninguem emprehen-deu e relatou ainda, em prosa ou em verso, essa *viagem sentimental* ao Brazil que aos meus olhos apparece como um dever de peregrinação religiosa? O medo do mar não podemos tel-o herdado de escriptores e poetas que todos foram marinheiros e soldados. Tambem não creio que esta indiferença provenha de qualquer má vontade ou proposito injusto. Encaro-a puramente como um defeito de educação sentimental e intellectual num paiz absorvido em excesso pelas peripecias quotidianas do folhetim politico, e cuja imaginação estagnada precisa de ser sacudida por mais frequentes rajadas de idealismo. Repito que o problema luso-brazileiro, ainda antes de ser um problema de commercio, de navegação, de emigração, é um problema de pensamento, um problema de tradicionalismo culto, que por isso precisa de ser *repensado e resentido* pelas nossas melhores cabeças e pelas nossas mais agudas sensibilidades, afim de que as palavras que o definem e exprimem readquiram o seu cunho e sentido original e percam o enjoativo verdete de banalidade que ainda as reveste. Uma forte corrente de lusitanismo, irrompendo do seio das gerações novas, encontrará no Brazil um paiz do tamanho de um mundo onde espriaiar-se. A Suissa acalenta por todos os modos o seu helvetismo, as ligas de expansão da cultura italiana vão ao encontro e ao amparo da emigração nacional, a arrogante Ger-

mania aspira a germanisar o Universo. Nenhum desses paizes, no entanto, soube fazer um Brazil. Como não hão de, pois, os directores do espirito portuguez fazer sentir, uma a uma, ás successivas camadas concentricas da opinião publica, que uma das tarefas que o passado nos legou em testamento, e a que sem abdicção e degradante renuncia não podemos faltar, consiste em ajudar os brazileiros, por todos os meios ao nosso alcance, a acabar de construir o Brazil! Essa nação foi feita por nós, mas não está ainda tão solida nem tão completa que não corra o risco de vir a ser desfeita por outros, se a nossa cooperação lhe faltar ou se desvalorizar. E' neste sentido que eu digo que o Brazil, politicamente emancipado e independente, nem por isso deixou de ser nosso filho; nem por isso deixou de ser *nosso*. Na construcção historica do Imperio lusitano, uma grande parte da qual está immobilisada ou em ruinas, quando não nos fugiu das mãos, o Brazil está vivo, moço e florescente. Não é sonho desfeito, é realidade incontestavel e tangivel. A sua existencia é a prova real da nossa e o melhor attestado de que não deixamos prescrever o nosso direito á vida. Por isso me parece incrivel que em nenhum dos ministerios do Terreiro do Paço haja ainda uma repartição, a cuja porta de entrada se leia o nome *Brazil*, e dentro de cujas salas se encontrem especialistas, attentos a estudar e a acompanhar passo a passo a vida brazileira em todos os seus aspectos, e a resolver as questões politicas, economicas, sociaes, intellectuâes e juridicas a cada instante suscitadas pelo entrelaçamento continuo dos nossos interesses. Por isso considero como um vexatorio testemunho de impotencia nacional que ainda não tenhamos solvido o problema chronicamente urgente da navegação para o Brazil, continuando a permittir que os dois Portugaes, separados por um mar ainda tão nosso, supportem sem angustia que o hyphen naval que os liga seja injuriosamente estrangeiro. Por isso me espantei e espanto de que no Rio de Janeiro não tenha já nascido espontaneamente, cansado de esperar pelos seus architectos, um palacio portuguez destinado a abrigar as repartições officiaes de Portugal, a filtrar em permanencia a atmospheria brazileira de todos os seus elementos nocivos á nossa expansão, e a consagrar tão authenticamente a nossa obra já realisada como o pequenino padrão das conquistas, hoje conservado no Morro do Castello, consagrou em tempos idos a nossa promessa de realisal-a.

Digamos com humildade que os nossos emigrantes cumprem o nosso destino nacional, sem dar por isso, melhor que nós, por muito mal e imperfeitamente que o cumpram, apenas guiados pelo seu instinto. O Brazil é uma nação em formação, cujo principal problema é o povoamento, e basta dizer isto para fazer comprehender quanto o nosso genio colonizador e o nosso bafo maternal lhe são precisos. Portugal continua a ser para o Brazil o melhor viveiro de Brasileiros. E' essencial que regulemos, eduquemos, disciplinemos e canalisemos essa emigração, no intuito de a tornar mais benefica e proveitosa para os dois povos. E' justo que queiramos saber como ella se distribue e se occupa, e que a guiemos e amparemos nos seus passos com amor e carinho, abrindo-lhe caminhos novos e desembaraçando-a das rotinas que a entorpecem. De direito é ainda que não offereçamos ao Brazil essa preciosa materia-prima humana, senão na proporção em que possamos, embora com sacrificio, dispensal-a. Mas não percamos de vista que estamos creando o nosso filho com o nosso sangue, como nos cumpre, e que se deixassemos esse encargo a outros assignariamos a nossa renuncia de nação-mãe e destruiríamos, num gesto de suicidio, a pagina mais duradoiramente bella da nossa historia.

Um navio de emigrantes que parte não me dá, talvez porisso, a sensação de miseria e de desgraça que em tantos provoca. Esses humildes seres representam a nossa mobilisação espontanea, predestinada, de antigos construtores de imperios. Como os soldados na guerra, nem todos voltarão para nos annunciar a victoria: mas a victoria seria impossivel sem o seu holocausto. Elles encarnam a continuação da historia de Portugal, nas suas mais arduas regras, tradições e responsabilidades. E' Deus que os leva.

* * *

Fui sempre luso-brazileiro de instinto e de vocação e inscrevi sempre o Brazil no roteiro das minhas sonhadas viagens e das minhas maiores atrações de espirito. Como Maurice Barrés, adivinhando que Coimbra seria um echo sonoro para a sua sensibilidade, prometteu não morrer sem visitar a terra da Paixão de Ignez, eu tambem senti sempre de longe o encanto magnetico do Brazil. Fui sempre direito como a um irmão a cada brazileiro que encontrei no meu caminho, certo de que havia, entre as nos-

sas almas, electricidades afins; e o primeiro que encontrei, tendo eu 16 annos, foi o Imperador D. Pedro II, essa grande figura em que Portugal reparou tão distrahidamente, e que morreu sem ter encontrado, como merecia, na alma portugueza, refugio para a sua dor digna de inspirar um Eschyles. Aqui em Portugal devia ter decorrido o seu exilio, de que nós todos fossemos os commovidos enfermeiros. Estou a ver o Imperador, num hotel do Porto, poucas horas depois de ter cahido a seu lado, morta de saudades do Brazil, a veneranda Imperatriz. Estou a vê-lo, imponente na sua estatura e na sua amargura, com a barba alvinitente orvalhada de lagrimas, e devo dizer que o senti *sósinho* como se esta terra não fosse, tanto como nossa, a sua terra. Dessa imagem guardei sempre a lembrança num retrato de D. Pedro II que já figurava entre os meus *santos*, no meu quarto de estudante de Coimbra. Li tudo o que a sua vasta intelligencia e a sua ainda maior alma inspiraram a estrangeiros como Victor Hugo e Jules Lemaître. Decorei os seus sonetos do exilio que Anthero de Quental não desdenharia assignar.

Nas *Palavras Loucas* já eu appellava para o futuro Brazil, triste de encontrar aqui tão hostile ambiente ao meu nacionalismo quasi aggressivo, incapaz de achar alimento para o meu espirito apaixonadamente tradicionalista no naturalismo, parnasianismo e positivismo, sem raizes nacionaes, que então iam a caminho de esterilisar a sensibilidade e a imaginação das gerações novas. E' bem mais nacionalista, valha a verdade, o Portugal intellectual de hoje, e renasce com um vigor que me consola o gosto das tradições e da historia de que eu fiz ha vinte annos a bandeira quasi isolada, mas ardente, do meu *neo-garrettismo*. Então eu voltava-me todo para o Brazil e nomeava-o testamenteiro da nossa riqueza espiritual, herdeiro da nossa lingua, dos nossos costumes, dos nossos poetas. Quando a Europa fosse uma velha entrevada, e a raça latina na Europa um mausoleu perdido num campo santo, eu confiava que o Brazil espalharia a nossa linguagem no mundo e ensinaria aos seus contemporaneos na terra a nossa Historia. Nada tenho a emendar nestas palavras impulsivas da mocidade. Lembro-me ainda de as ter levado, como uma promessa de devoção, a Assis Brazil, quando o illustre homem politico brasileiro veio a Lisboa, como ministro do seu paiz, reatar connosco as relações diplomaticas interrompidas desde o incidente Castilho.

A's vezes pergunto a mim proprio, sem saber completamente responder, de que tendencias atavicas me vem esta attitude de ternura e alvoroço pelo Brazil, que eu creio devia ser a de todos os meus compatriotas. Nunca me foi possivel tratar o Brazil como paiz estrangeiro. Até a maneira de falar dos seus filhos, a que Eça de Queiroz chamou, com tanta graça e verdade, *portuguez com assucar*, até esse suave sotaque me soou sempre como grata musica, especialmente quando filtrado pelos labios meigos das mulheres brasileiras.

Considerarei-me sempre responsavel pelo Brazil perante os estranhos. Quando Ruy Barbosa surgiu na conferencia da Haya, sentei-me logo ao seu lado e defendi-o sempre com zelo ciumento contra a ignorancia ou a indifferença do seu auditorio, até que elle proprio, pelo brilho do seu genio, a dominou. Tenho a certeza que ficaria vexado se no lugar de Ruy Barbosa estivesse alguem que não tivesse sabido, como elle, dar boa conta do Brazil perante o mundo.

Eis summariamente algumas das razões porque, já bem informado da vida brasileira, em contacto pessoal com muitos dos seus homens, embarquei para o Brazil com a alegria de quem ha muito esperava pela realização desse ardente desejo. A travessia durou doze dias, mas pareceu-me durar doze horas. O mar era calmo como se se limitasse a prolongar o Tejo; por isso chamei, áquella longa navegação, breve passeio fluvial, e disse que atravessar o Tejo para ir á Outra-Banda não era mais facil do que atravessar o Mar para desembarcar naquella verdadeira Outra Banda ... de Portugal, que vem litteralmente a ser o Brazil. Espero que a futura companhia de navegação nacional organise entre as duas margens da Lusitania frequentes viagens de recreio. Conto que os portuguezes, seguindo o exemplo dos brasileiros, tomarão de futuro o vapor para o Rio com a facilidade com que todos, lá e cá, tomamos o *bond*.

Frequentes vezes tenho tido occasião de dizer em publico todo o bem que penso do Brazil, do esplendor das suas cidades, do valor dos seus homens cultos, do ardor lusitano das suas ambições e progressos. No coração trago tambem a nossa colonia do Brazil. Nacionaes e estrangeiros louvam dessa colonia a laboriosidade, a honestidade, o patriotismo até economico que a leva a só achar sabor á nossa fructa e a beber como nectar o nosso vinho. Não soffri uma contrariedade, não tive um desgosto, durante

os quinze mezes que já passei no Rio de Janeiro. Senti á volta de mim carinho e simpatia, boa-vontade e bom-senso; e nunca respirei atmosphaera que melhor estimulasse a minha sêde de trabalhar e o meu desejo de ser util.

Fui encontrar, como esperava, os portuguezes empenhados em construir o Brazil e dando-lhe por toda a partê feição nossa. Vi-os aceitando todas as profissões, ainda as mais humildes, com uma doçura e fidelidade enternecedoras. Não resisto a lembrar, como uma sensação que sempre me commovia, que todos os jardineiros do Rio e de Petropolis são portuguezes. Nunca os vi nem lhes falei que me não parecesse falar com outros tantos poetas da minha terra, desafogando sem cessar, em pequeninos poemas lyricos de rosas, cravos, margaridas e violetas, o seu amor e a sua saudade de Portugal. A sua enxada era a sua lyra, ingenua, melancolica, resignada.

O que falta aos portuguezes do Brazil é o espirito pratico de solidariedade e o habito da organisação collectiva na defeza dos seus interesses. Essa falta está sendo mais sensivel perante a concorrência estrangeira, e é urgente remediá-la; mas bem desculpavel foi emquanto só se encontravam em campo portuguezes e brasileiros, sem que se pudesse definir exactamente — como alguém disse — onde acabavam uns e começavam outros.

Que dizer dos proprios brasileiros? Só competem palavras de reconhecimento a quem não encontrou no seu caminho senão gentilezas e deferencias. Mas os nossos irmãos do Brazil sabem-me bastante seu velho e sincero amigo para que aqui tambem possa apontar-lhes, como as acabo de apontar aos meus patricios, as causas que da sua parte me parecem ter contribuido para a actual apathia e inercia das nossas relações espirituaes.

Não quero referir-me aos desvios morbidos e sem consistencia do nativismo, nem aos amúos ou ciumes de familia que só espiritos estreitos podem interpretar como symptomas de incompatibilidade, quando são apenas as naturaes consequencias do parentesco e afinidade, até existentes entre os filhos de regiões diferentes na mesma nação. A persistencia e quasi exclusividade da emigração inculta para o Brazil criou tambem sem duvida entre os brasileiros uma noção errada da vida e da sociedade portugueza. Para dissipá-la é preciso que uns e outros nos visitemos e nos amemos com sincero calor de coração. A Academia Brasileira pensa em erigir no Rio um monumento a Camões. Essa

seria a ocasião adequada para ali celebrar um grande congresso intellectual dos dois povos.

Mas o que mais me impressionou foi a diminuição evidente do espirito tradicionalista na educação brasileira. Na propria literatura se sente essa falta. Os escriptores brasileiros estudam a nossa lingua commum com mais esmero que nós proprios e o seu culto pela forma devia servir muitas vezes de exemplo e lição á nossa negligencia. Mas as suas fontes de inspiração não me parece que guardem sempre o devido equilibrio entre o cosmopolitismo e o nacionalismo lusitano que tanto poderia fecunda-las. Ninguém pensa em restabelecer um *indianismo* que era uma aspiração pueril de autonomia literaria. Mas Paris é excessivamente a capital intellectual do Brazil, como os Estados Unidos são a sua musa economica; e esquece-se porventura que o Brazil futuro tem de embeber bem as suas raizes no passado de Portugal para poder desabrochar em fructos originaes e manter o seu destino historico. A este respeito um brasileiro de 60 anos e outro de 30 fazem já, aos meus olhos, esta importante diferença: o primeiro é entusiasta da historia portugueza e aneia por vir a Portugal conferi-la na visita aos nossos monumentos e paizagens e no estudo dos nossos archivos; o segundo repara mais para o atrazo do Portugal moderno do que para o brilho do Portugal antigo. Ao passar em Lisboa algumas horas, como por uma cidade onde nada tem a ver de novo, não repara talvez que muito tem a ver de *velho*, e de fecundo e educativo, aqui e em todo este maravilhoso paiz, recheado de historia e de lenda, que foi tronco genealogico da sua patria. Falta-lhe talvez (e eu falo em geral e dando largo desconto ás excepções) o orgulho luso-brasileiro, que tanto deve estender-se ao passado da raça gloriosa de que provém como ao grande futuro a que aspira.

O nosso mais poderoso rival, neste aspecto das nossas relações, é Paris. É a tentação parisiense que afasta de nós tantos brasileiros que por aqui passam, esquecidos de que Portugal é o Brazil europeu como o Brazil é o Portugal americano. Para os attrahir teremos de abrir-lhes, cada vez mais largamente, as portas da nossa historia, da nossa arte e da nossa natureza, estudando-as melhor para melhor as sabermos mostrar. Encontrei no Rio escriptores a quem a nossa vida do campo e os costumes pitorescos das nossas aldeias do Minho fascinavam de longe como por uma atavica saudade. As immensas solidões do Brazil, os seus

esessos sertões, as suas raras estradas, devem produzir a nostalgia da nossa paizagem, meiga e aconchegada como um jardim. Esses nossos irmãos americanos sentirão mil vezes exiladas as suas almas europeias no meio da natureza sublime, mas em tanta parte virgem de cultura e de tradição humana, que os rodeia. E é esse conforto espiritual que a nossa terra, onde tudo tem biographia e nome, lhes offerece.

Renan dizia que só podem julgar-se homens de progresso os que tomam como base da sua acção sobre os outros homens um profundo respeito do passado. Nenhum brasileiro esqueça esta sentença, de tão util recordação nos tempos guerreiros de hoje, em que no seio de cada raça se toca anciosamente a reunir. Nenhum perca de vista (foram as minhas mais solemnes palavras ao tomar assento entre os meus eminentes confrades da Academia Brasileira) que Portugal, que soube conquistar para si um dos grandes capitulos da historia universal, é fonte legitima de uma civilisação e de uma tradição; e que o Brazil tem de collocar sempre, acima da sua *americanidade* e até da sua *latinidade*, a sua emancipada e altiva *lusitanidade*, para poder manter entre os outros povos da America verdadeira autonomia, não só territorial, mas moral e historica.

Lisboa 15 de Dezembro de 1915.

ALBERTO D'OLIVEIRA

O ultimo capitulo

Fatigada por uma noite de insonia, levantei-me tarde naquele dia e gozava ainda a moleza do *peignoir* matutino quando a criada veio anunciar-me a visita de uma senhora.

— A estas horas! quem é?

— Não quiz dizer o nome.

— Volte a perguntar-lh'o.

Espreguiçava-me sacudindo o torpor, quando a rapariga tornou com um cartão de visita em que li algumas palavras a lapis, numa letra decidida e nervosa:

«Peço-lhe, por tudo, que me oiça e que me perdõe a imprudencia. *Emiliana Serpa.*»

... Emiliana Serpa?... Flutuou-me pelo espirito uma vaga idéa deste nome, mas tão leve e indecisa que não conseguiu reproduzir nenhuma imagem positiva. Eu já o ouvira, mas onde... mas quando?

Deante da minha perplexidade a criada indagou timidamente:

— Faço-a esperar na saleta ou entrar para o escritorio?

— Conduza-a ao salão.

No curto caminho do divan ao espelho, onde me fui empoar, lembrei-me repentinamente dessa senhora. Fôra-me apresentada nas receções de inverno da M.^{me} Z., e a unica coisa que a recomendava ainda á minha lembrança era um colar de esmeraldas que pela sua irrequieta cintilação lhe cingia o colo branco num movimento vivo, de reptil de escamas verdes, ondulando na volu-

pia do leite. Sem expressão que a caracterisasse, aquela mulher só por meio de um acessorio de gosto ou de luxo conseguiria fixar-se na memoria das apparencias.

Era o que eu supunha.

Quando entrei na sala ella estava de pé.

Nem bonita nem feia. Vestia de escuro e com muita simplicidade. Acomodámo-nos.

Percebendo que ella não estava á vontade acudí em seu favor dizendo ter adivinhado qual o motivo da sua visita. Vinha por certo pedir o meu concurso para a festa de caridade de que falavam os jornaes...

Com uma voz de febre, que não esquecerei nunca, ella replicou resolutamente:

— Não. Não se trata de caridade; trata-se de mim. Parecer-lhe-á absurdo o que lhe vou dizer, mas é a verdade, tanto esta se confunde ás vezes com o fantastico! Por que vim a sua casa? Porque preciso de uma solução para um romance: o meu. Meu, mas não feito por mim. Eu seria incapaz de escrever duas linhas. Sou apenas uma personagem que á força de sofrer quer vêr o enredo em que vive acabado quanto antes. Mas como? Não sei. E' o que lhe venho perguntar. Você é romancista, prevê casos extraordinarios e encontra sempre para elles soluções naturaes. Dir-me-á uma que me salve. Não quero mais nada. Preciso de um desfecho quanto antes e custe o que custar. Não me olhe com essa estranheza; eu não sou louca. Tenho sido sempre uma mulher sensata, mas estou agora numa situação de que não sei como hei de sair; uma verdadeira betesga, donde não posso voltar para traz e não sei como caminhar para a frente. Você conheceu-me em casa de uma amiga comum, mas talvez tenha esquecido alguma coisa do que lá ouviu dizer a meu respeito. Sou viuva, tenho trinta e seis anos e uma filha de dezenove, casada por amor ha dois anos e meio com um rapaz distintissimo. Ella é linda, é intelligente e de uma alegria cristalina, uma dessas alegrias inocentes que enchem de ar e de luz o ambiente em que irradiam. Eu nunca fui bonita, e tendo sido casada com um ciumento tive sempre a grande preocupação de apagar o que ainda pudesse haver de interessante na minha fisionomia ou nos meus gestos. Quando minha filha se casou passei todos os meus titulos para o seu nome. A propria casa em que moramos, deixou de ser minha, para ser deles, não pedindo eu em troco de tudo

senão que me deixassem viver em sua companhia. Durante dois anos a nossa vida deslisou alegremente. Mas depois levantou-se pouco a pouco... pouco a pouco, uma grande sombra entre nós. Meu genro, sempre tão amante da mulher, começou a esquivar-se de acaricial-a ao pé de mim... tinha devaneios, distrações inexplicáveis. Deixou de sair á noite, de levar a mulher aos teatros e aos bailes, só para ficar em casa. Percebia-lhe por vezes o olhar pousado no meu rosto com tal concentração que eu sentia na pele um ardor, como se lhe tivessem aproximado uma brasa. Hesitei ao principio; mas a continuação daquele olhar furtivo, daquela tristeza sem remedio, da ansiedade com que me esperava se eu saía, ou com que em meias palavras me dizia coisas banaes, acabaram por esclarecer-me: meu genro amava-me, não com o respeito de um filho mas com a paixão ardente, insaciavel, terrivel com que um homem pode amar uma mulher que lhe é vedado possuir e em cujo contacto está diariamente! Compreenda o meu martirio: adoro minha filha, não quero que a mais leve nuvem tolde a sua ventura e tremo a cada instante que ela suspeite sequer, ou venha por qualquer imprudencia a conhecer a verdade. Não sei para onde hei de fugir. Ás vezes fecho-me no meu quarto, choro, rezo, martiriso-me, e, quando saio, o olhar dele, que me espera, vae até ao fundo do meu coração. Adivinha tudo, talvez? Não sei, mas penso que sim. Fingi sempre não perceber o fogo em que ele se consumia, mas tenho a certeza, essa certeza intuitiva, inteligente, terrivel, de que não ha segredos entre nós dois e que portanto ele conheceu a minha dissimulação. Ah, você não póde imaginar a tortura que é para uma mulher a presença constante de um homem que a adora, que a deseja, que respira a curta distancia da sua boca, que a envolve num olhar de misterio e de muda solicitação, que lhe beija as mãos nos cumprimentos familiares, que não diz nada que não seja digno e correto, mas em quem, atraz dessa dignidade e dessa correção, se sente uma labareda de sensualidade crescer na ameaça de tudo destruir! Ele continha-se. Eu disfarçava.

Minha filha nada percebia, vivendo entre nós com a mesma alegria confiante de sempre. Mas o amor de meu genro torna-se cada vez mais impetuoso e exigente. Ele tem medo de si mesmo. Já me não beija as mãos nem a face senão quando minha filha está presente, se ela não está cumprimentamo-nos apenas, quasi cerimoniosamente.

Este retraimento mais lhe ateia o amor sopitado. Também em mim o medo é maior. Já não passo pelos corredores da casa às escuras.

A' noite, mal dou um passo, acendo as lampadas do caminho. A's vezes, no silencio dos serões, ouço as pancadas do seu coração e as do meu, no mesmo ritmo; mas se queremos fugir um do outro, vem minha filha beijar-nos e solicitar a nossa presença! Os cabelos dele teem embranquecido; aos trinta anos já lhe alvejavam as fontes. Eu despoetiso-me. Volto ao martirio do tempo de casada. Ele antes elogiava a beleza das minhas mãos e o talhe das minhas unhas. Veja-as: córto-as rente ao sabugo, e já não as lustro para as tornar antipaticas. A minha roupa parece de freira. Em casa chego a ter desmazelos com a minha pessoa.

Pois nem assim ele se dissuade. E ela, a minha filha é cada vez mais encantadora, mais feliz, porque o seu marido não gosta de sair de casa e porque a sua mocidade tem a alegria e o brilho de uma Primavera! Ah, mas eu já não posso, eu já não posso! Como terminará esta historia e como poderei abreviar-lhe o fim? Diga. Foi para isso que eu vim procura-la...

Murmurei comovida:

— Uma viagem... porque não se afasta por algum tempo?

— Uma viagem! com que dinheiro? Tudo quanto eu possuia entreguei-lhes no dia do noivado.

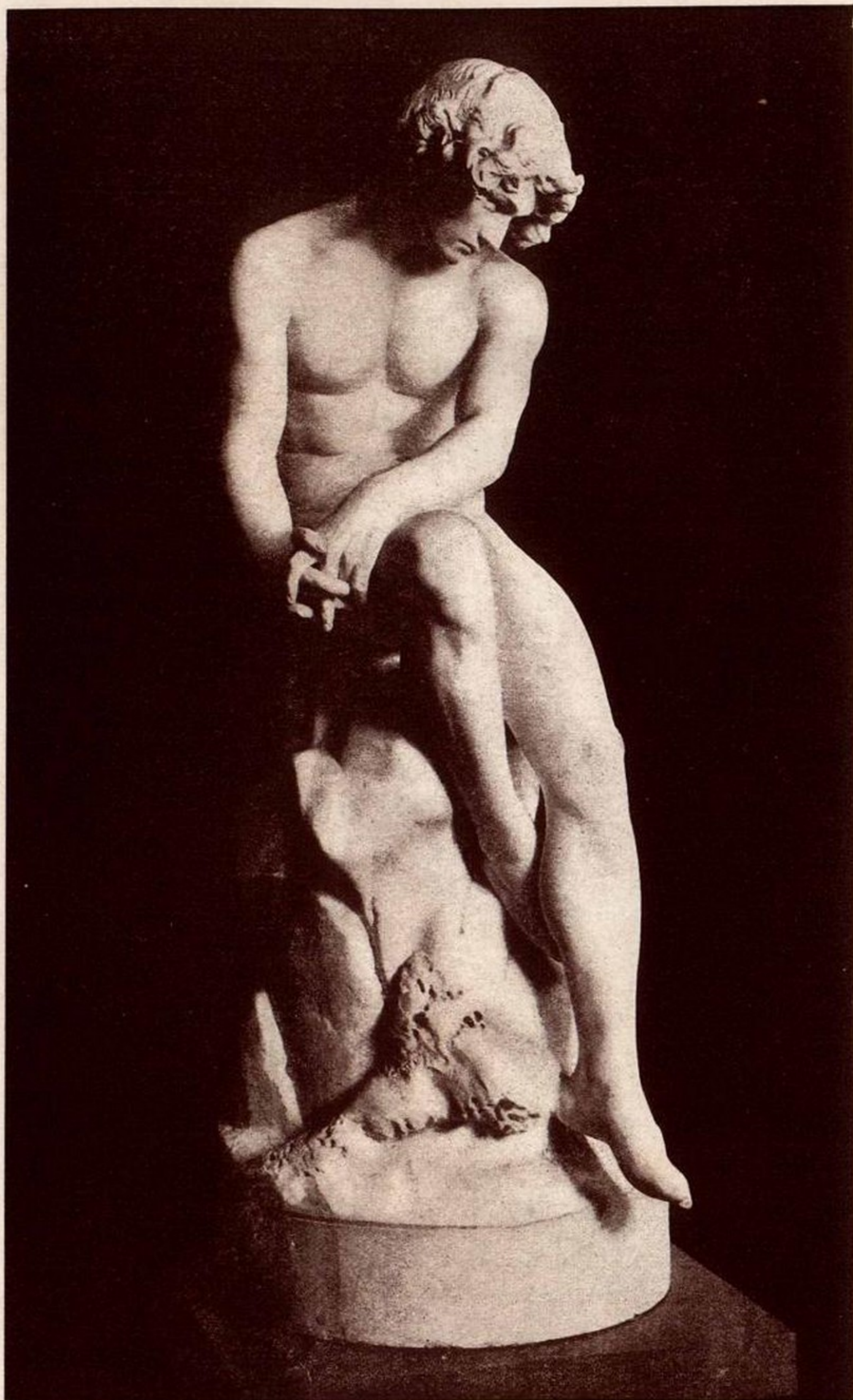
E' uma solução impossivel, essa! Minha filha exigiria uma explicação. Nunca nos separámos... E depois ele iria ter comigo fosse onde fosse. Seria capaz de abandonar a mulher por mim.

Sou-lhe mais indispensavel.

A minha presença é o veneno que ele necessita injectar nas veias a todas as horas... Começa a ter ciumes de mim. Se eu saio, apoquent a mulher com indagações; se tardo, aflige-se ou procura encontrar-me. Por que vim eu tão cedo a sua casa? Porque a esta hora ele está preso aos deveres de uma aula a que não falta. Aproveitei os minutos de liberdade, como uma criança!

— Mas se ele nunca lhe disse nada, quem sabe se não pasará tudo de uma ilusão?...

— Uma mulher da minha idade não se ilude nunca num caso desses... Antes mesmo que ele olhasse tão obstinadamente para mim, e que os seus cabelos embranquecessem, e que as suas mãos se enregelassem nas minhas, já eu sentia como uma ameaça horrivel o germinar dessa paixão. Que hei-de fazer? Responda!



Museu Municipal
do Porto

O DESTERRADO
Soares dos Reis

Não pude: precisaria meditar. Foi ela que se precipitou:

— A unica solução que eu vejo para isto é matar-me.

— Oh...

— Sim, matar-me. Enquanto ele não me disser nada e eu puder manter esta situação angustiosa mantel-a-hei, mas se um dia a sua mão realisar o gesto tantas vezes esboçado nas intenções do seu olhar, e se a sua palavra juntar á certeza que eu tenho, outra mais brutal e dolorosa, ah, então matar-me-hei! Descance, fal-o-hei de maneira que não pareça um suicidio, para que a minha filha se conserve na ignorancia de tudo e possa ainda um dia ser feliz com ele... Mas como eu amo a vida, esta será a ultima resolução escolhida, se você não me sugerir outra melhor. Quem sabe?

A minha imaginação negou-me qualquer recurso.

Procurei ainda assim animal-a.

Instei pela ideia de uma viagem.

M.^{me} Z. tinha uma esplendida propriedade campestre, porque não experimentava, sob qualquer pretexto afastar-se de casa?

Ela sorriu com tristeza e deixou-me, prometendo voltar em outro qualquer dia. Mas não voltou.

Uma semana depois li num jornal que, por acidente, de que não cabia culpa a ninguem, tinha morrido na vespera a sr.^a D. Emiliana Serpa.

JULIA LOPES D'ALMEIDA.

Solidariedade ethnico-economica

Vão passados trinta annos depois que Frederico Ratzel creou essa nova sciencia que baptizou com o nome de *anthropogeographia*.

O fundamento natural e scientifico d'essa sciencia consiste no estudo do aspecto material da questão social e, simultaneamente, no do desenvolvimento economico de uma nação. D'esta maneira, descobrem-se e estreitam-se as relações ethnicas, firmam-se as relações economicas.

A Italia, presa por laços de grande solidariedade ao Brazil, comprehendeu e emprehendeu a realisação de uma empreza benemerita cujos alicerces se fundam, em ultima analyse, nos estudos anthropogeographicos.

O prof. Vincenzo Grossi foi o mais valoroso pioneiro d'essa campanha de solidariedade. Em 1891-92, atravessou quatro dos principaes Estados do Brazil, tendo assim campo e ensejo para experimentar «cette obligéance et ce charme qui semblent être le privilège de tous les citoyens appartenants à ce merveilleux pays».

Não foi o touriste impávido que procurasse impressões novas atravez das florestas virgens do Brazil: Foi o investigador intemerato que buscava novas luzes para guiar os emigrantes italianos e os commerciantes seus compatriotas na conquista de novos mercados de trabalho e de commercio.

O que o prof. Grossi fez para estimular a estipulação de um tratado de commercio entre a Italia e o Brazil, attesta-o bem evidentemente a carta aberta que dirigiu a Regis de Oliveira, então ministro plenipotenciario do Brazil junto do rei de Italia.

Dizia e repetia que deveria fazer-se uma propaganda *menos verbosa, mas mais séria e duradoura — a dos factos*, e acrescentava: «Si lo sviluppo della relazioni commerciali sotto forma di trattato di commercio e navigazione, di esposizione periodiche, mostre campionarie permanente presso la camera di Commercio é gli Istituti Sientifici dell' estero, ecc. : ecco la migliore propaganda, piú indirecta, ma piú segura, piú longa, ma piú duratura, meno fastosa, ma piú economica, piú utile e piú vantaggiosa sempre».

Eis um seguro e vasto plano, proprio a conduzir a uma grande obra de solidariedade internacional.

Sob a influencia das ideias modernas ácerca d'essa solidariedade e especialmente ao influxo das novas ideias a respeito da emigração, tão notavelmente desenvolvidas por Beneduce, Roseri e outros ¹ impõe-se a necessidade de fomentar essa solidariedade sobre bases tambem novas.

Derruiram os velhos preconceitos, esfarraparam-se as frageis roupagens das velhas ideias, e a Sciencia surgiu dominadora e bella, em toda a exuberancia da sua plastica.

E' preciso aproveitar o fremito de progresso que vae agitando as multidões e que assegura a victoria ao que fôr mais presto e mais atilado.

* * *

Não comprehendeu ainda Portugal — com pezar o dizemos — a situação especialissima em que se encontra nas suas relações com o Brazil.

A unidade ethnica e a obra civilisadora, emprehendida especialmente nos seculos XVI e XVII, cavaram fundo caracteres que o decorrer do tempo e a indifferença dos homens não conseguiram apagar ainda, nem conseguirão jamais extinguir. Foram como o fogo celeste de que Prometheu formou a alma do seu homem de barro.

O que foi essa egregia empreza dizem-o documentos irrefragaveis ².

Tudo isso constitue, por assim dizer, a base psychologica da

¹ *Giornale degli Economisti*, série II, vol. XXIX.

² *Ensaio economico sobre o commercio entre Portugal e as suas colonias*, Lisboa, 1794. *Negros, assucar e oiro, no Brazil e as colonias portuguezas*, Oliveira Martins.

obra grandiosa que ha a realizar e que, para ser firme e duradoura, carece absolutamente de assentar em bases scientificas.

Factos economicos fundados apenas na tradição não passam de velleidades creadas pelos sonhos agitados de phantasistas.

E as relações economicas a firmar entre Portugal e o Brazil não são d'essas que possam e devam pairar no dominio das phantasias.

Fomentem-se e engrandeçam-se as relações mercantis entre as duas nações, como, aliás, outros povos teem feito, com menos vantagem do que as que podemos alcançar, e em torno d'ellas se crearão nucleos preciosos de novos adeantos, como em torno do nucleo de uma cellula se aggregam os elementos de novas cellulas.

Pelo tratado de commercio? . . . E porque não?

Não abandonou nunca o nosso espirito a ambição de vêr realisado esse tratado.

Quando, em 1895, o dr. Assis Brazil, então ministro plenipotenciario do seu paiz em Portugal, foi recebido pela Associação Commercial do Porto, no salão arabe do seu magnifico Palacio — que recordava, então, a valer, a Sala dos Embaixadores do Generalife de Granada — tivemos occasião de significar em publico os nossos votos pela conclusão de um tratado do commercio entre os dois paizes.

A assembleia, constituida por quanto o Porto possuia de mais cotado no commercio, na industria, nas finanças, cobriu de applausos as nossas palavras, que se percebia terem ido despertar no fundo de cada alma um antigo e radicado aneio.

Trocamos, a seguir, impressões com o illustre diplomata e, desde então, mais accesa ficou no nosso animo a aspiração de vêr assente n'um pacto commercial a solidariedade economica luso-brazileira, base de outras manifestações de uma solidariedade que deve ir desde a communhão do sangue até á communhão intellectual.

A situação geographica de Portugal é de molde a constituir o entreposto mais favoravel para a collocação dos productos brazileiros na Europa.

Costuma reparar-se apenas na importação d'esses productos em Portugal, a qual tem subido a 1.600 e 1.800 contos em alguns annos; mas esquece-se, geralmente, o que é e o que pode vir a ser a reexportação de productos do Brazil, desde que ás installa-

ções especiaes se reuna um regimen fiscal adaptavel ás novas formas de negociar.

Essa reexportação, outr'ora hesitante e ainda hoje imprecisa, attingiu, em 1913, o valor de 102 contos, não tendo passado de 56 contos em alguns dos quatro annos precedentes.

Produz o Brazil preciosas materias primas para as artes e indústrias, que poderiam ser objecto de mais largo consumo na Europa, se para ellas se creasse em Portugal um nucleo de expansão.

Importar annualmente 1.000 e tantos contos d'essas materias dir-se-ha ser coisa minima. Não o affirmará, com fundamento, quem reparar no augmento que essa importação tem tido.

E' certo que para um paiz que exporta por anno mercadorias no valor de £ 68.000.000 ¹ essa importação representa um atomo. Em todo o caso, as correntes commerciaes criam-se por vezes com esses pequenos elementos iniciaes.

A nossa situação de nação colonial veda-nos, é certo, larga acceitação a determinados productos brasileiros; mas não são esses productos os que mais possam affetar o commercio das colonias portuguezas.

Não pode, por exemplo, aspirar o Brazil a abastecer o nosso mercado de cacau, e a supprir uma reexportação no valor de perto de 10.000 contos.

O café brasileiro figura por 433 tonelladas no nosso consumo interno, que se eleva a 3.133 tonelladas, ao passo que a nossa reexportação não vae além de 2.205 toneladas.

O assucar brasileiro figura com a percentagem de 0,13 % na estatistica da nossa importação d'este genero, ao passo que o assucar de Moçambique figura por 25 %.

A maior parte do assucar que se consomme em Portugal é procedente da Austria e da Allemanha, ficando, portanto, largo campo aberto aos assucares brasileiros.

Os factos que summariamente examinamos, servem apenas para demonstrar que não permanece dentro dos limites de pura phantasia e de generosa aspiração essa solidariedade economica com que pretendemos vêr consolidada a solidariedade ethnica entre Portugal e Brazil.

Ao grande economista brasileiro Silva Lisboa deveu-se prin-

¹ J. C. Oakenfull, *Brazil in 1915*.

principalmente a carta régia de 28 de janeiro de 1808 — foral novo do Brazil — como elle lhe chamou¹, que abriu os portos do Brazil ao commercio mundial. Assim se derrubaram as velharias do systema colonial, alcançando-se beneficios que, na opinião de Pereira da Silva, excederam as intenções dos seus proprios auctores².

Resta que appareça um homem, um grupo de homens esclarecidos, verdadeiramente ciosos da hegemonia da sua raça e, guiados pela luz da Sciencia, pelos altos interesses das duas nações, soergam os primeiros tramos d'essa gigantesca ponte economica que atravez do Atlantico as ha de ligar para sempre, ficando na Historia como a demonstração mais clara da grandeza de uma raça — «reviviscencia do Luso que desfallece, mas que nunca se rende³».

Pensa a Italia na sua expansão ethnica na maior republica da America Meridional⁴. Porque não havemos nós de pensar, e pensar maduramente, em tudo quanto possa fomentar os interesses economicos, politicos e sociaes de duas nações, ligadas por laços ethnicos inconfundiveis, em beneficio commum e para gloria de ambas ?

1915.

BENTO CARQUEJA.

¹ Silva Lisboa, *Beneficios*, pag. 69.

² Pereira da Silva, *Historia da fundação do imperio brasileiro*, tom. I, pag. 220.

³ Antonio Sardinha, *O valor da raça*, pag. 174.

⁴ Prof. Vincenzo Grossi, *Storia della Colonizzazione europea al Brasile*, Milão, 1914.

Paineira

*Palmeira velha, antes de o serdes
Tivestes débeis folhas verdes,
Um fragil tronco e ramos finos...
Não dáveis flor, que inda era cêdo,
Aos grandes ventos tinheis mêdo,
E ás copas altas do arvorêdo
Erguieis braços peqeninos!*

*Depois de longa, anciosa espera,
A exuberante Primavera
Robusta e moça vos achava.
E abriu-se em flor a vossa fronde
Que os ninhos tépidos esconde,
Rubras, brilhantes flores, onde
Um loiro mel se acumulava.*

*E logo ás petalas vermelhas
Vieram ás providas abelhas
Para a colheita cubiçada...
E do alto espaço resplendente
— Moça, ereis linda! — um sol ardente
Baixou, num hálito candente
A' vossa copa perfumada.*

*Anos depois, como a velhice
De flocos brancos vos cobrisse,
Ao vento rispido e hibernal
Que então soprou, violento, — em breve
Cahia a paina branca e leve,
Chuva de neve, unica neve
Do nosso Inverno tropical...*

AFFONSO LOPES DE ALMEIDA.

Bernardo Pereira de Vasconcellos

(DO ACTO ADICIONAL Á MAIORIDADE)

(Conclusão)

Nabuco, a proposito, alludiu a um discurso de Hollanda Cavalcanti, no Senado, na sessão de 19 de agosto de 1843, em que disse a respeito do celebre estadista: «Fiz opposição não ao sr. Feijó, fiz opposição aos seus actos. Especialmente oppuz-me aos sentimentos do sr. Feijó de querer constantemente achar o paiz submergido, de não ter esperança em coisa alguma e tudo pintar com côres negras». A isto accrescentou o mallogrado embaixador brazileiro em Washington: «Os documentos assignados por Feijó resumbram todos profundo abatimento, elle vê sempre tudo perdido. Como typo, basta esta condição, a 8.^a, da declaração de Feijó para acceitar a regencia: «No caso de separação das provincias do norte, separar as do sul, e dispôr os animos para aproveitarem esse momento para reformas que as necessidades de então reclamarem». Demais, é uma opinião geral. Moreira de Azevedo subscreve-a. «Elevado á suprema magistratura da nação, diz elle de Feijó, a sua energia começou a declinar». Theophilo Ottoni considerou-o desanimado na tarefa que acceitara de ensaiar lealmente a execução do *Acto Adicional*.

O Conego Marinho fez-lhe o seguinte retrato, ao tempo da sua regencia: «Entre as qualidades constitutivas do seu character, sobresaía a tenacidade no proseguimento d'aquillo que entendia ser o melhor; uma especie de desprezo por tudo quanto tendesse a condescendencias e manejos por obter apoio; estas qualidades o tornavam improprio para governar em um tempo em que os partidos estavam desassombrados no interior e cada um d'elles trata-

va de subir ao poder: preciso lhe era, então, consultar, ouvir e condescender; porém, sua indiferença para com o corpo legislativo, a maneira rude com que tratara elle a Camara temporaria, o arredamento que mostrara de homens que com elle haviam cooperado depois de 7 de abril para sustentação da ordem publica, lhe grangearam oppositores violentos. A obstinação do regente, forçando-o a escolher alguns ministros que eram uma satyra viva da illustração do paiz, acabou de perdê-lo na opinião de muitos; a eleição de alguns senadores com preterição do maior merito, muito lhe alienou os animos dos que se julgaram com injustiça preteridos . . . »

Neste sentido, pode concluir-se, sem exaggero, que Feijó foi um constructor do partido do regresso, fornecendo-lhe correligionarios á medida que ia fazendo descontentes. Justiniano descreve com muita verdade sociologica a evolução que se deu: «A morte do senhor D. Pedro I dissipou os receios de restauração, que, geralmente considerada como o maior dos perigos a que poderia estar exposta a nação, exercia a mais fatal pressão sobre os espiritos. O partido dominante, que até então não podia dividir-se, quaesquer que fossem os germens de divisão que em seu seio existissem, sentiu-se desafogado; cada um dos seus membros pode comsigo proprio consultar o seu dever e attender á inspiração da propria consciencia; e a nação, divorciada dos conservadores em odio á restauração, poudo adoptar os seus principios politicos, confundir-se, identificar-se com elles. Esse trabalho dos espiritos foi presentido por um dos mais notaveis estadistas de então. Aproveitando-a, hasteou elle na Camara a bandeira do regresso, e em um jornal de sua devoção fez apparecer «*O senso commun visitando os legisladores*».

O proprio Feijó deu nobre chancellia aos logicos acontecimentos de então. O seu movimento convidando Pedro de Araujo Lima para ministro do imperio, com o intuito de renunciar e transmittir-lhe a regencia, representa uma capitulação gloriosa, na qual, entretanto, elle não deixou de reprimir a Camara dos Deputados.

Chamando, assim, ao poder o partido do regresso, Bernardo de Vasconcellos occupou interinamente a pasta do imperio e effectivamente a da justiça. Foi o celebre gabinete de 19 de setembro, no qual elle permaneceu até a sua dissolução, motivada por haverem os ministros se recusado a «assignar a carta impe-

rial do senador para o sr. Lopes Gama... que o regente desejava escolher. Vasconcellos retirou-se descontente com a vontade irresponsavel e com os collegas».

Foi a esse tempo que Bernardo fundou o Collegio Pedro II, pronunciando na respectiva inauguração um discurso cheio de conceitos de grande exactidão e profundo senso.

Como legislador, além das leis constitucionaes a que já me referi, preparou elle o projecto do codigo de processo, como já tinha, muito antes, feito o codigo criminal. O direito escripto brasileiro deve-lhe tambem a lei sobre o Conselho de Estado, em cujo seio prestou os serviços inestimaveis da sua experiencia e sabedoria, muito concorrendo para as applicações conservadoras do *Acto Adicional*.

Será um anno mais tarde que Vasconcellos sobe ao ministerio por nove horas apenas. Mostral-o-hei n'esse posto fugitivo ao tratar do golpe de Estado da maioridade.

Não é de mais, porém, compendiar aqui alguns juizos sobre o glorioso estadista, e addir aos pallidos traços que ahi ficam alguns outros mais sobre a sua interessante psychologia.

Macedo reputou-o «o principal legislador, o estadista sem competidor e sem emulo digno de comparação que o Brazil-Imperio póde apresentar ao mundo desde a epoca gloriosa da independencia».

Homem de Mello escreveu de Bernardo que a «sua superior intelligencia e grande capacidade de homem de Estado, o qualificam um dos vultos mais proeminentes do nosso systema representativo».

Theophilo Ottoni achava que «o distinguia um profundo tino», que era um «grande cidadão», um «athleta», «uma das maiores illustrações brazileiras». Justiniano classificou-o «um dos mais notaveis estadistas de então». Pereira da Silva depõe que «o tinham todos em conta de intelligencia tão esclarecida e de tão amestrada e superior experiencia, que o consideravam a primeira capacidade de estadista e o temiam igualmente pela irascibilidade de character, que o arrastava muitas vezes a tirar desforras e vindictas de quem se lhe desaffeioava».

Da sua combatividade parlamentar ha innumerous exemplos. Na regencia de Feijó, Vasconcellos foi o tormento do ministro Tristão Pio dos Santos (pela opposição chamado *Alegrão Impio dos Diabos*). Diz Pereira da Silva que Bernardo assim agira «no

intuito mais de divertir-se que de offendel-o». Como Tristão se irritasse, Bernardo «passou . . . a empregar a ironia e o ridiculo».

Elle proprio costumava salientar que o temiam. Na sessão de 25 de maio de 1839, Bernardo terminava um discurso dizendo «não quero abusar mais da paciencia do Senado». «Peço-lhe, accrescentou, que me perdõe tão grande massada; mas lembrem-se que eu tambem sou victima d'ella, e de que, pobre unidade, me é necessario não pequeno esforço para rebater tantos e tão poderosos adversarios como ainda não teve no mundo deputado algum». Riram-se. E elle logo atirou-lhes a satyra: «O ruido da ressurreição perturba muito meus nobres adversarios! . . .

Quando um collega tentava expol-o ao ridiculo, elle annunciava que a replica seria no mesmo diapásão. A 28 de maio de 1389, Alencar atacou o ministerio de 19 de setembro, que muito promettera e nada fizera. Applicava-lhe o verso da fabula:

Parturiens montes, nascetur ridiculus mus

Vasconcellos accudiu ameaçador: — Depois não se queixe da resposta . . .

No seu discurso, inaugurando o Collegio Pedro II, ha phrases que envolvem pensamentos de grande valor: «E V. Ex.^a, disse elle ao reitor, collocado á testa da civilisação e da instrucção fluminense, está o pae e o apostolo d'esta mocidade esperançosa, que aprendendo em V. Ex.^a a independencia da vontade, a firmeza do character, a energia, o valor da sciencia, a pureza da moral e o respeito da religião, tem de dar á patria, á nação, á liberdade, ao throno, ao altar, servidores fieis, honra e gloria do nome brasileiro». Nesse mesmo discurso, já elle preconizava, como se estivesse fallando hoje, a necessidade de «resistir a innovações que não tenham sancção do tempo e valor de felizes resultados», de «prescrever e fazer abortar todas as espertezas dos especuladores astutos, que illaqueiam a credulidade dos paes de familia (e já os havia n'aquelle tempo . . .) com promessas de faceis e rapidos progressos na educação de seus filhos»; de «repellir os charlatães que aspiram á celebridade, inculcando principios e methodos que a razão desconhece e muitas vezes assustada reprova». Sobre a parte disciplinar, discorreu assim: «Ellas, porém, (as penas) não são fundadas sobre uma

auctoridade despotica nem arbitradas por um cego capricho ; foram calculadas sobre a prudencia e impostas pela boa razão, e, em vez de temer que ellas possam diminuir e menos extinguir os sentimentos de pejo e de honra e da propria dignidade, que convém nutrir, respeitar e fazer desenvolver na mocidade, desvanecese o governo que ellas arreigarão, desde cedo, no coração dos alumnos, o horror ao crime, a aversão á indolencia, o cuidado dos seus deveres e o necessario habito de mandar sem despotismo e de obedecer sem servilismo».

Vasconcellos tinha justo orgulho de ter sido o constructor do *Acto Adicional*. Na Camara dos deputados, na sessão de 21 de maio de 1838, disse elle : «Ora, sendo o *Acto Adicional* um dos penhores de felicidade do nosso paiz, merecendo elle tantos elogios, não quererei eu que floresça uma producção que pela maxima parte me deve ser attribuida ? Não quererei eu que, um dia, á sombra de suas salutaes disposições digam os brazileiros : — Eis a obra de Vasconcellos ? — Que maior prazer podem ter os cançados restos d'esta caduca existencia ? O que podem ambicionar ainda ? O mais ambicioso de todos os homens não a contentaria com tal gloria ?»

Rio de Janeiro.

AURELINO LEAL.

Do direito de atropelamento

Aqueles que me educaram, ensinaram-me, em meus tempos de criança, que nunca seres humanos, conhecidos ou desconhecidos entre si, podiam encontrar-se, na habitação ou na estrada, fosse onde fosse, sem trocarem uma mutua saudação de bem querer. Podia ser diverso o viatico desse sacramento; era, porém, obrigação que algum se usasse. «Bom dia», «boa noite», «boa tarde», «salve-o Deus» seriam as saudações mais frequentes nestes logares por onde cresci; mas outras haviam semelhantes, em outras terras, exprimindo o affecto de homens unidos na comunhão de um reciproco amor. «Nem sequer o salva!...» — foi nestes termos que muita vez ouvi definir a aversão entre inimigos. Porque a saudação tinha de subsistir, mesmo entre aqueles que para tudo o mais se combatiam e andavam separados. Não era propriamente devida á pessoa; era devida á humanidade e a Deus, a cousa mais alta do que á nossa efemera existencia individual, era devida a certa superior e subtil essencia na qual todos nos confundiamos e eramos iguais. O instinto e a tradição assim o impunham. Negar a saudação seria como se, pela cegueira de uma paixão que desunia dois homens, nos desligassemos da humanidade, como se, pela antipatia de um instante, renunciássemos a um principio de vida eterna. A saudação era sagrada, uma religião, acto de fé e caridade. Onde dois corações humanos se pressentissem, não havia estranhos; havia apenas filhos de Deus e irmãos pela comunidade do espirito. Como tais se confessavam e prometiam amar-se.

Assim me ensinaram e assim encontrei, por dilatados anos e por todos os corregos em que vaguei, e por todas as aldeias e

casais em que pousei. Não era gentileza ou graça ou fidalguia; era unicamente um singelo sinal de respeito, perante o qual se apagavam distincções de humildes e orgulhosos, de nobres e plebeus, de pecadores e santos.

Depois, mais tarde, quando se apoderou de mim a tentação de pretender justificar pela razão, para os melhorar e corrigir, os habitos herdados e as tendencias naturais ou adquiridas, procurando nos livros e nas escolas a segurança do saber, da reflexão, da tradição e da experiencia, li algures, na *Sciencia da Educação*, de Alexandre Bain, se bem me recordo, que isto a que vulgarmente chamamos «polidez», «cortezia», «delicadeza», «bons modos», era uma especie de benevolencia mutua, não só amenizando a vida mas significando tambem um valor moral de sumo apreço, com o qual se tornava indispensavel dotar a criança. A filosofia e o estudo confirmavam o que a deligencia ingenua dos meus pais e dos meus mestres me haviam insinuado persistentemente.

Isto, porém, é historia quasi antiga. Passava-se ha uns bons trinta ou quarenta anos, e as sublimadas leis de uma feroz luta pela vida começavam então a apregoar-se como a ultima descoberta da sabedoria e a mais perfeita regra de uma existencia de fortaleza e de progresso. Das academias disseminavam-se rapidamente no vulgo, e interpretadas em sua vulgaridade, pervertidas, deformadas, absolutamente transtornadas, davam de si o imperio da brutalidade, o direito e a legitimidade do atropelamento. Entravamos no reino da altivez insolente e imbecil; não havia motivos para saudações que nas especies animais se não usavam, a não ser naquelas raivosas situações e naqueles termos em que a disputa dos ossos contráe os labios dos cachorros.

Desde esses tempos e cada vez mais, comecei a encontrar pelas muitas estradas em que sou viandante assiduo, dezenas, centenas de homens que passam por mim na mais fechada mudez. Nem, se os saúdo, me respondem; de tal modo os surpreendo que não lhes dou tempo a inventarem resposta e, se lhes lembrou ou a conceberam, vou já tão longe que se tornou inutil exprimi-la.

De resto, a construcção dos vehiculos modernos muito bem se conforma com as doutrinas filosoficas e seus costumes apropriados.

Evidentemente, a locomotiva e o automovel parecem inven-

tados para que a gente que transportam não tenha tempo de se saudar nem conhecer, e admitiram o atropelamento entre as possibilidades, probabilidades e direitos de quem segue na estrada.

Mas nem tanto seria necessario. O impeto da insolencia moderna dispensa coadjutores mecanicos. Só por si tem força sufficiente para reinar.

Nessas jornadas em que me entrego a velhos e invenciveis caprichos de vaguear, dias e dias, por montes e vales, as minhas barbas, deliberadamente intonsas, são ensejo de lições excellentes. Em regra, aqui nas visinhanças do logar que habito, são motivo de ameudados gracejos, e não raro de escarneo, entre crianças, mulheres e moços, mesmo destes de idade de confissão e recrutamento militar. Quantos insultos me teem valido!... Se vou em bicicleta e o vento as agita, representam tal provocação que por essas aldeias fóra quasi ninguem lhe resiste. Não passo por duas pessoas sem ouvir comentario que não implique enxovalho. E, facto muito singular e de notar — isto só me acontece em provincias onde a gente é tida por muito culta, tomando por cultura o seu commercio, a sua leitura, as suas viagens, gente que procura periodicos e frequenta excursões de recreio. Particularmente, no Minho e na Beira Alta é diferente. Por aí não costumam insultar-me as barbas; até, pelo contrario, se algum murmurar acordam e me chega aos ouvidos é, em regra, lisongeiro. O desrespeito seria, ao que parece, acolito do adeantamento da civilisação mercantil e apanagio dos logares em que ela se acha mais medrada.

Mas estas desgraças pessoais refiro sómente por elucidação e demonstração. Não me queixo, nem tenho de que me queixar. Pelo visto e pelo que tenho presente, esse desprendimento dos homens repassado de desrespeito é virtude ou doença comum aos dois mundos. Vae de lado a lado do Atlantico.

O antigo presidente da republica dos Estados Unidos da America, William Taft, falando ainda não ha muito em um congresso de educação ou cousa semelhante, tambem asseverou que «entre a mocidade das escolas comuns, das escolas particulares, das escolas secundarias e dos collegios se encontrava, como todos sabiam, falta de respeito pela autoridade, falta de disciplina propria de cada um, e falta de cortezia e delicadeza.» Achava que esta falta de cortezia e delicadeza era sinal de que «o rapaz ou a rapariga não aprendeu os principios democraticos que levam ao res-

peito dos direitos dos outros. Quando o discipulo é abrupto e rude, e não tem pelo mestre o respeito que se lhe deve, é que, simplesmente, deixou de aprender os principios proprios da vida civil democratica. Um homem que está sempre a cuidar do que os outros lhe devem e não do que ele deve aos outros, vae mal. De que nós carecemos nesta geração é de disciplina. E' isso que nos falta. Nestes dias de luxo, os pais delegam em estranhos a disciplina da familia e não teem força de character para cultivarem nos rapazes e nas raparigas o respeito devido — em primeiro logar aos pais; depois, ás oportunidades de frequentarem as escolas e á necessidade de a si mesmo se tornarem melhores. E, depois ainda, carecem daquela continencia que devem mostrar no seu comportamento em todo o mundo.»

São educados no direito de atropelamento, direi eu, traduzindo em mau portuguez o pensamento do experimentado politico americano. E aquele respeito que ele exige em toda a sua latitude na alma de um povo, é a primeira das forças moraes de uma civilisação, e até o mais poderoso dos seus elementos politicos, além de ser a condição essencial da dignidade individual.

Não sei se com verdade, mas sem duvida com uma certa agudeza de espirito, atribue-se a Eduardo VII, o falecido rei de Inglaterra, uma definição do character do actual imperador da Alemanha que é em duas palavras uma revelação completa.

Parece que o rei, falando do sobrinho, dissera um dia:

— E' necessario cuidado com este rapaz!...»

— «?...»

— «Porque não é um *gentleman*.»

Não era um *gentleman*. Desde menino se julgaria de uma superioridade absurda; não teria aprendido aquele «respeito dos direitos alheios» que Taft reclama para as novas gerações da sua republica. Ignoraria esta arte de servir e ser agradavel aos outros, este prazer em lhes facultar prazeres que é o segredo do sentir fidalgo e o primeiro dos mandamentos da sua ordem. Se o imperador fosse um *gentleman*, talvez não tivesse havido esta guerra infernal que ensanguenta a terra e as aguas. Com um gesto de fidalguia da parte de quem foi o seu principal autor, tudo se concertaria em paz.

Quando aprendi a governar automoveis, procurei, como era natural, instruir-me o melhor possivel. Para isso me apressei a lêr quanto alfarrabio me veio ás mãos, que tratasse da materia.

Muitos foram e muitas cousas diziam. Afinal, cheguei a um, escrito por um inglez, que ao tempo era deputado e cujo nome a minha ingratidão esqueceu — com magua o reconheço, e esse tudo me disse em breves linhas. «Para governar bem um automovel basta ser um *gentleman*» — em seu conceito esta regra era o suficiente. Bastava que sentissemos o respeito devido aos estranhos; bastava isso para toda a segurança propria e alheia. Isso nos ensinaria que tinhamos compartes na estrada, isso nos disciplinaria na obrigação de não os molestarmos, e isso, por conseguinte, marcaria, de uma forma segura e precisa, a velocidade do andamento, tornando-nos mestres na sciencia de afrouxar e usar os travões a tempo e horas.

A lei está clarissima, e os preceitos e beneficios moraes e materiaes tornam-se de uma evidencia maravilhosa.

Sómente hesito e duvido na classificação dessa virtude da gentileza e do respeito. Não sei se a inscreva entre os principios democraticos, como Taft pretende, se a deixe entre os mandamentos aristocraticos, como a gente fina de algum dia zelosamente requeria. O certo é que sempre a encontrei mais pronta e quasi invariavel entre fidalgos de antiga linhagem do que entre a burguezia democratica que o liberalismo criou e fortaleceu, que bastas vezes vemos com a carteira tumida de notas e o cesto repleto de vitualhas, e, não obstante tanta abundancia, devendo inspirar generosidade, teima em nos abrir as vidraças da caruagem do caminho de ferro, sem a minima consideração do nosso incomodo, unicamente para que suas senhorias refresquem o suor copioso da sua bem nutrida e obesa opulencia e insolencia. Mais me inclino a crêr que as aristocracias de outras eras, bem abastecidas de senso moral, e ás vezes pobres de bens e nem por isso padecendo da febre do ouro que inflama a aristocratisação moderna capitalista, essas eram, realmente, mais claramente conscientes da igualdade dos homens e de quanto essa igualdade nos exige, essas eram de facto e de sentimento muito mais profundamente democraticas do que certas democracias de fresca data, infelizmente vulgares e numerosas, sequiosas e avidas de direitos e indigencia de deveres. Aquela democracia que não é uma estrutura externa mas uma realidade da consciencia, que não é questão de salario, trajo e escudela, mas uma atitude da sensibilidade e regrado toda a vida social, que não se traduz em urnas e na correlativa mecanica de um sistema juridico de

operações políticas, mais ou menos honestas e sinceras e por igual ineficazes, mas que se revela na indefinida bondade do coração solícito em espargir a alegria e o bem, — essa democracia, imagino eu, sendo o gráu mais elevado da aristocracia e a sua distincção especifica capital, só consegue dominar e tornar-se uma realidade fecunda quando se disseminou em extensão sufficiente para constituir uma classe.

Quando, por exemplo, procuramos os factos preponderantes na formação de um espirito religioso e legitimamente democratico como foi o de Tolstoi, vamos encontra-los no contacto com o povo mais humilde das aldeias e na familiaridade simultanea com o desprendimento fidalgo da nobreza de que pelo sangue descendia e que, muito cedo e insistentemente, por virtude de um contagio intimo e aturado, lhe insinuou os seus habitos e a sua alma. Ambos esses poderosos criadores daquele extraordinario genio o deixaram de todo extranho áquela democracia que é exigente de votos, urnas, parlamentos e altivez, paixão de muito boa gente contemporanea do profeta russo, e tambem instrumento da especulação de muita sordidez. E' assim que com injustificada surpresa de alguns ingenuos, Tolstoi nos aparece mais inclinado a politicos conservadores e aos nobres do que aos liberais do seu pais, inclinação, claro está, muito limitada, naquelles estreitos limites em que o anarquismo radical do seu temperamento lhe autorisava simpatias de politica activa.

Seja, porêm, como fôr, sejam quais forem as classes que guardam os sacrarios do respeitó da igualdade e o sabem exprimir e tornar uma doçura na vida, onde quer que ele tenha a sua fonte mais pura e abundante, é minha fé que a evolução do respeito á brutalidade toca em nossos dias o zenite toleravel em gente de cultura e sensibilidade moral conscientes. Encaminha-se ao crepusculo, que Deus apresse. Uma evolução regressiva da brutalidade ao respeito se inicia vigorosamente. E' que se descobre que não ha outro modo de juntar os homens, se teem de ser homens.

Nem me assustam as fortalezas scientificas e filosoficas do materialismo que tem trazido a humanidade reduzida a tropél de lobos famintos. Foi de uma identica brutalidade que o mundo romano, que tambem abundou em eloquentes filosofos materialistas e costumes derivados, resurgiu para aquella suavidade religiosa da edade-media, de que entre as nossas populações rurais mais

isoladas descobrimos ainda persistentes e cativantes vestígios. Não ha motivo para que hoje suceda diferentemente. O mesmo principio salutar que uma vez ergueu da degradação uma civilização corrompida, não se desvaneceu; voltará a resgatar-nos da vileza ferina a que os acasos da sorte e das leis fatais do desenvolvimento das raças nos conduziram.

Por muito extravagante que nos pareça, por muito obscuras relações que se possam entrevêr entre as vulgaridades do mundo e a sublimidade do espirito, só o cristianismo, cujo reino não é deste mundo, será capaz de nos ensinar, ou melhor, de nos insinuar a mais mundana das regras.

A fidalguia e as qualidades moraes que são os seus attributos e constituem a sua essencia, andam em grande mingua entre as multidões dos nossos dias. Filhas do humanitarismo e das simpatias em que ele induz, e do cristianismo e das obrigações que ele impõe, curioso resultado e identificação dos cuidados do mundo e da dignidade, do desprendimento, do estoicismo e do amor que os moderam e regram, decresceram natural e logicamente onde o mercantilismo se tornou absorvente, e por seu absoluto imperio as aborreceu e atropelou. Só poderão renascer, e hão-de renascer, quando os desenganos da experiencia e o desenvolvimento da reflexão lhes restituirem a liberdade que agora lhes está roubada pelas milicias arregimentadas do materialismo e suas brutalidades.

A restauração da fidalguia tem de ser um facto; a mais ligeira observação do movimento das ideias e dos costumes o promete e demonstra. Não da fidalguia que se destingue pela soma dos bens, privilegios e pretensões, mas da fidalguia que se funda e enriquece em dotes do coração que hão-de caracterisar o homem e as sociedades realmente cultas. O que anda perdido e nos faz falta, não é uma classe social que se extingue por seus justos tramites, por circumstancias politicas e economicas que a tornaram desnecessaria ou inconveniente; aquilo por que suspiramos e cuja indigencia nos adoece moralmente, são as qualidades que essa classe particularmente cuidava e representava, embora a gentileza, sob diversas fórmias, fosse patrimonio comum de todas as classes com que aquela mais subida na hierarquia lidava, embora a gentileza fosse uma e identica e invariavel nos que mandavam e nos que serviam. A onda materialista abranda, precipita-se em profundezas de declinação anatematisada pelas

monstruosidades sanguinarias que são a mais recente e a mais horrorosa das suas devastações. Dessas ruínas muito viço ha-de brotar, e entre ele não será difícil tornarmos a colher as flores de uma fidalguia que na pobreza como na grandeza é uma insinuação de amor e de benigna solicitude em todos os actos da vida concreta, é o cristianismo traduzido em instrumento de afago e cooperação no commercio quotidiano de toda a comunidade humana, da mais rudimentar á mais ampla.

Criou-se pelo cristianismo a fidalguia. Em materia de nobreza, tudo o que o mundo romano produzira era a noção da dignidade; a gentileza e a graça que haviam de ungir a dignidade para perfazerem a fidalguia, essas só do amor cristão se geraram e por elle se renovarão.

JAYME DE MAGALHÃES LIMA.

Para quem?

*A' princeza encantada que adivinho,
E que, sem conhecer, minha alma adora ;
A' bemdicta e purissima senhora
Que ainda não cruzou o meu caminho ;*

*A' princeza encantada e encantadora
A quem eu já consagro o meu carinho,
Que é dona da minha alma e que o ignora ;
A' que ha-de ser a pomba do meu ninho ;*

*A' mulher, á criança ou á donzela
Que infelizmente não conheço ainda,
Mas que ha-de ser decerto boa e linda ;*

*Pertencem estes versos, são p'ra ela !
Digam-lhe, pois, numa expressão singela,
Que espero anciosamente a sua vinda.*

A hygiene escolar em Portugal

As nações, onde a ideia do progresso se tem traduzido em factos de toda a ordem a favor da humanidade e os clarões da civilização se intensificam de uma forma iniludível, reconhecendo que a hygiene escolar é um problema palpitante, teem procurado porfiadamente formar o meio educativo de modo a melhorar as condições em que as creanças passam a sua idade de crescimento. A época em que estão sujeitas ás maiores susceptibilidades, aquela em que começa a sua preparação para a lucta e para a constituição da sociedade de amanhã, ameaçada por todos os perigos inerentes á agitada vida moderna, não pode, com efeito, deixar de preocupar os homens que pela sua situação occupam logares de destaque e aos quaes está confiada a missão de orientar e dirigir os destinos dos povos.

Perante o calamitosa guerra europeia, que tantas vidas vae dia a dia dizimando e tantos estropiados nos vae legar, preparando-nos ao mesmo tempo creanças miseraveis pelas condições em que no seu decorrer são geradas, as questões de hygiene escolar devem ser uma preocupação immediata de todos os paizes que desejem manter amanhã o seu predomínio e a sua independencia.

Na historia da hygiene escolar, Portugal occupa um logar que, apesar de tal assunto não ter sido tratado com os devidos cuidados e disvelos, não nos deve envergonhar.

E senão veja-se. Depois da França e da Alemanha que em 1793 e 1832, respectivamente, empreenderam o primeiro movimento, seguiu-se, em 1886, devido a Martens Ferrão, o nosso paiz.

Verdade é que a nossa primeira reforma do ensino primario em Portugal, de iniciativa do grande estadista Marquez de Pombal, data dos ultimos vinte cinco annos do seculo XVIII. Mas as circumstancias da época em que foi feita, até á qual a hygiene em geral era tida em pouca conta, explicam que ella não houvesse dedicado á hygiene escolar o mais insignificante capitulo.

O decreto de 1856 limitou-se tambem, neste ponto, a marcar as condições de salubridade dos edificios escolares de que só ligeiramente, assim como do mobiliario, se occuparam todos os documentos legislativos promulgados até 1878, que lançaram no olvido tudo que podia dizer respeito ao professor e aos alumnos.

Eis a caracteristica do primeiro periodo da hygiene escolar em Portugal, compreendido desde 1866 a 1878.

E' na reforma de Sampaio, de 1878, uma das mais liberaes que se tem publicado entre nós e que revelou maior largueza de vistas, completada pela de 1880 e seus regulamentos, que pela primeira vez se atende á capacidade fisica dos candidatos ao professorado primario, exigindo-lhes aptidão fisica e isenção de qualquer defeito prejudicial ao ensino e á disciplina. Foi esta medida que caracterisou — e só ella — o segundo periodo que se estende até 1892, em que o decreto de 6 de Maio mostrou da parte dos dirigentes certo interesse pela hygiene do alumno, obrigando-o, no acto da sua admissão, a apresentar atestado medico certificando que não soffria de molestia contagiosa e que tinha sido vacinado.

Pelo que fica exposto, claramente se vê como foi lenta a evolução da hygiene em Portugal durante os seus tres primeiros periodos, e este lamentavel atrazo manteve-se até 1901.

Em 24 de Dezembro deste anno foi publicado um decreto, criando a Inspeccão de Sanidade Escolar e a Direcção das Construções escolares, que representou um incontestavel progresso em materia de educação integral, pondo-se em evidencia no relatório que o precede e que honra sobremodo quem o subscreveu, toda a magnitude e a importancia deste capitulo de hygiene social.

Num trabalho — *L'Hygiène Scolaire en Portugal* — apresentado ao 2.º Congresso Internacional de Hygiene Escolar, realisado em Londres em Agosto de 1907, e que só em parte pode ser publicado nos *Comptes-rendus*, por exceder o numero de paginas permitido ás comunicações, tive ensejo de dizer que

esta lei correspondia ás necessidades sanitarias escolares, tornando-se apenas insufficiente por causa das largas atribuições impostas a um pessoal muito restricto, e pela carencia de certos elementos que, apesar de serem considerados como secundarios, são todavia indispensaveis.

Mas tenho a convicção — escrevi então — de que mediante modificações que a pratica tem já indicado e outras que o tempo fará conhecer, esta lei corresponderá ás aspirações dos higienistas e ás necessidades da população escolar. Apesar de tudo, com a execução que lhe tem sido dada, tem contribuido consideravelmente para a melhoria da hygiene no ensino.

Nesse trabalho encontram-se tambem apontadas as principaes deficiencias que na referida lei se faziam sentir, como a falta de representação da Inspeção Sanitaria Escolar no Conselho Superior de Instrucção Publica onde poderia dar uteis pareceres sobre horarios, programas, etc., a de uma cadeira de hygiene nas escolas normaes; e o insufficientissimo numero de medicos escolares, visto apenas terem sido nomeados dois inspectores sanitarios para todo o pais.

Em 1905 a acção do medico escolar tornava-se extensiva aos estabelecimentos de ensino secundario, sendo por esse motivo nomeados mais cinco funcionarios, cujas funções nunca foram claramente regulamentadas.

E' para mim convicção inabalavel de que, modificadas que fossem criteriosamente as ligeiras imperfeições daquele decreto, sem duvida o mais completo e importante documento legislativo publicado em Portugal em materia de hygiene respeitante ao ensino primario e escolhidos com cuidado os medicos escolares nomeados para tal fim, á medida que os recursos do tesouro permitissem poderem ser postas em execução todas as suas disposições, Portugal teria resolvido ou quasi solucionado este importantissimo problema de hygiene social, cujas vantagens são bem patentes e indiscutiveis.

Em 15 de Outubro de 1910, finalisava este periodo de hygiene escolar, notavel sem duvida pela legislação em vigor e pelos incontestaveis beneficios alcançados até essa data. O Governo Provisorio da Republica ao extinguir estes serviços, fel-o naturalmente com a intenção de estudar um novo plano e de pol-o em pratica de harmonia com as diferentes reformas do ensino então projectadas, pois não se podia conceber que ao serem proclama-

das as novas Instituições cujo ideal é a perfeição social em todas as suas manifestações de grandeza moral e material, se aniquilasse um elemento que muito contribuiria para o alevantamento da nossa raça em via de definhamento completo.

E' licito supor bons intuitos na extinção dos aludidos serviços, porque em 29 de Março do ano seguinte se publicava a Reforma de Instrução Primaria, cujas linhas geraes são louvor, e onde se diz que a Inspeção Sanitaria deveria tornar-se objecto dum diploma especial. Mas infelizmente, até hoje, essa promessa, ainda não teve realisação naturalmente devido á pouca estabilidade dos Governos. E' de fiar porem que não se relegará por muito tempo a generosa ideia de darmos á escola primaria aquilo de que ella carece em materia de higiene escolar, porque sem isso o ensino será deficiente.

As Camaras Municipaes creio que nada teem feito a seu favor, pelo que me consta. E' no entanto justo citar como uma excepção honrosa a Camara do Porto que está esboçando um movimento simpatico e altruista a favor da sanidade escolar, procurando estabelecer um serviço, por ora muito modesto, é certo, mas que se ha de desenvolver e aperfeiçoar.

Oxalá a sua iniciativa de agora seja motivo para maiores empreendimentos e o seu exemplo seja seguido, irradiando por todo o paiz.

Do poder central deve registrar-se com prazer a louvavel iniciativa do Ministerio do Fomento, anteriormente á criação do Ministerio de Instrução Publica, de nomear uma comissão para elaborar as Normas tecnicas, higienicas e pedagogicas a que deve obedecer a construção de edificios escolares, normas que se me afiguram tão perfeitas que será de lamentar que não venham a ser respeitadas integralmente.

Isto quanto á instrução primaria.

Podesse eu dizer tão elogiosamente dela como do que no ensino secundario se tem feito.

Na realidade, entre a vasta legislação do Governo Provisorio da Republica brilha o decreto de 26 de Maio de 1911 e o seu regulamento de 2 de Agosto do mesmo ano que organisaram os serviços de sanidade escolar no ensino secundario em bases de que Portugal pode ter o justo orgulho perante os mais paizes.

Por estes diplomas foi criado o livrete sanitario, estabeleceram-se as medições antropometricas, organisaram-se as conferen-

cias de hygiene, avançando-se desta forma enormemente na fiscalização sanitaria deste ramo de ensino, até então abandonado sob este aspeto, pois a antiga inspecção e a sua falta de regulamentação, para pouco mais havia servido do que para nomear cinco funcionarios com vagas e pouco productivas obrigações.

Mas uma vez estabelecida a inspecção sanitaria no ensino liceal cujos beneficios facilmente se verificam pelos valiosos elementos fornecidos pelos diferentes medicos escolares, indispensavel se torna não a deixar enfermar do mal que já enfermava a quasi modelar lei de 24 de Dezembro de 1901 — a escassez numerica de funcionarios que hão de executar as suas disposições. Na verdade este diploma previu a necessidade da nomeação de mais medicos á medida que os recursos do tesouro o permitissem, e a retribuição aos professores-medicos que nos liceus de provincia exercessem identicas funções.

A saude dos nossos escolares exige do tesouro um sacrificio que não carece de ser muito pesado, e que não se incompatibilisa com os seus recursos.

Uma vez realisado, melhorando a organização destes serviços, que só a estreiteza orçamental poderá impedir de ficar perfeita, o ensino liceal muito terá a lucrar.

Em conclusão: — a legislação portugueza tem dois documentos notaveis que podem servir de modelo aos que pretendam organizar os serviços de sanidade escolar, modificando-os ligeiramente e dotando-os com mais alguma largueza orçamental, de modo a tornar possivel a execução das suas disposições em toda a sua plenitude. E eu afago a ideia de ver dentro em pouco tempo reviver o decreto de 24 de Dezembro, harmonisado com a orientação dada ás novas reformas de ensino, para assim se effectivar a promessa do Governo Provisorio respeitante á Inspecção Sanitaria.

Feito isto em favor da escola primaria que muito reclama os carinhos e disvelos de todos, e posto integralmente em execução o decreto de 26 de Maio de 1911 e o seu regulamento de 2 de Agosto do mesmo ano, com a melhoria orçamental devida, ter-se-ha dado um grande passo para o robustecimento da população do nosso ensino em geral.

Indubitavelmente um dos factores que tem contribuido para o sucessivo protelamento destas aspirações tem sido a curta permanencia dos diferentes ministros na gerencia do Ministerio de

Instrução Publica e a falta de um Secretario Geral efectivo. Agora, porem, que este alto cargo é occupado por um homem da envergadura do Dr. João de Barros que á sua notavel cultura alia a qualidade de um pedagogo consagrado, e que nos deu em 1911 um apreciavel projecto de reforma de ensino primario, as minhas esperanças são maiores que nunca e como nunca conto ver organizado sem delongas os serviços de sanidade escolar em bases modelares.

E assim, ao passo que as grandes nações se vão enfraquecendo em guerras mortíferas, não podendo pensar immediatamente na sua nova geração, na mocidade escolar, nós iremos cuidando nos nossos educandos desde já carinhosamente, tornando-os fortes, robustos, resistentes e sadios, de modo que garantam amanhã a independencia da nossa querida Patria, do nosso Portugal de tradições nobilissimas que é de esperar ver engrandecido.

COSTA SACADURA.

Inspector geral de Sanidade Escolar

Na tóca do oleiro

O logarejo acocorava a sua humildade laboriosa n'uma dobra da montanha. Listrado de regatos que todo o anno desciam n'um saltitar atarefado e cantante dos cantaros do alto, distribuia as casinholas denegridas entre grandes manchas de verdura, n'uma tranquilidade abrigada e fresca. As ruasitas, ingremes e caladas, torciam-se sob alpendres de pampanos ou sob a tonalidade glauca dos castanheiros avoengos que levantavam até muito alto no azul a côma veneranda de patriarchas prolificos e firmavam nas terras aradas os troncos rugosos e pardos como se fossem rebentos da ossatura granitica do globo. De onde a onde, em fachadas desaprumadas e rudes, de aparelho polygonal, abria-se a sombra de portas baixas como as dos fornos, e lá dentro, em recantos fuliginosos, a vista deslumbrada pela reverberação do largo ia arrancando da penumbra incerta o contorno de figuras silenciosas e o movimento de mãos diligentes que modelavam, com terra molle e ductil, bilhas esbeltas onde a agua parece mais pura e mais fresca, ou bôjos fartos de pôtes abaciaes onde se conserva o azeite e se arrecada o grão.

Fui vê-los, os oleiros da montanha, por uma tarde loirejante de setembro, quando a oxidação das vinhas pejadas e já languidas começava a laivar de manchas sanguinosas a ondulação das collinas que parecia esperguiçarem-se de quebranto com os primeiros haustos morbidos do outomno.

Nas tócas, onde um vago dilúculo, como que feito de um avaro residuo da claridade livre, riscava o ambiente com as fugidias chispas de ambar de um velho quadro holandez, vi-os na acti-

vidade geradora, amassando o bôlo de barro humido, esmagando-o, torcendo-o, acariciando-o, com o modo calmo ou a sacudida pressa de um gesto hereditario, tornando assim plastica a materia submissa que o disco giratorio ia receber para della fazer desabrochar a fôrma como de um pequeno bôlbo surge a tulipa esplendorosa. Globuloso, lembrando a materia primordial revolteando nos seus nascentes movimentos sideraes, ainda pastosa e já inquieta, ia-se modelando entre a vibração dos dedos instinctivos, ora ascendendo em bruscas, anciosas espiraes, ora alargando-se em circulos de arrojada trajectoria, ora colleando como um verme cativo ainda do lôdo ancestral e que fizesse esforços para se arrastar enfim independente na afirmação rudimentar da vida.

A roda girava, com o gesto mecanico e simples, o gesto secular; e a pasta fruste onde germinava o embrião das linhas increadas começava a definir-se em curvas que serpenteavam na aurora balbuciante da fôrma, e os dedos que se moviam n'um frêmito de fecundação iam-n'a afagando, iam-lhe osculando com leveza a superficie espelhante e humida, fazendo-a ondular como um côlo virginal, n'uma melodia de graça nascente, até a fixarem no desenho firme de um galbo perfeito de equilibrio, de harmonia e de força.

E tudo isto era ingenuo e livre, tudo parecia brotar de uma nascente espontanea com a simplicidade dos regatos que saíam do seio obscuro da serra e lá fóra chalravam entre o pedregulho dos córregos. O velho oleiro tomava da massa calcada e informe que jazia a seus pés outro bôlo de barro, como se a sua mão creadora o fosse buscar ao clarão astral de uma nebulosa, e recommçava o gesto hereditario, guiado por essa força ingênita cujas radículas mergulham nos reconditos da alma popular, — que archiva, previdente e prodiga, a essencia da belleza nos intermundos da sua prodigiosa germinação.

Assim devia ter sido quando o cavernicola, traçando já nos ossos de renna, com a precisão de uma retina ávida, a fauna quaternaria, teve de amoldar o barro para transportar ao seu antro a agoa do paúl, dormente e funda entre os cannaviaes. Assim devia ter sido nas baixas regiões da Asia, antes da Biblia e das suas origens, lá para as bandas do monte Ararat, quando a terra ainda molle do Diluvio sugeriu ao homem da nova era o primeiro adobe para o sumario abrigo e o primeiro vaso para uma sêde de agoa...

No quarto proximo havia prateleiras tôscas cheias de peças em fileira, por coser ainda, com o tom mate do barro sêco. Um postigo, estreito como uma setteira, e onde cresciam floritas bravas, deixava alli entrar um raio de sol poente e ver para além uma talhada de paisagem que era uma campina uberrima e luminosa, cheia de gorgeante arvoredos e de espelhos de agoa. Uma púalha doirada, pairando como um incenso loiro, parecia cantar no galbo das bilhas como se as suas linhas imponderaveis fossem a condensação material da luz. Havia-as elançadas e altivas como lekytos, largas como hydrias, bojudas como dolia, e outras ainda humildes com œnochoes tão proprias para chegar aos labios, e pequeninas como alabastrons para o oleo que devia untar o corpo dos atletas. Pela setteira viam-se ao longe, na voragem dos alcantis, as nuvens dispõem-se n'um arranjo scenographico em redor da agonia do sol, e na evocação de uma idade heroica pareceu-me ver ondular no horisonte o recôrte harmonico e nitido das montanhas da Attica, curvas de enseadas que cingiam com doçura o repouso do mar côr de violetas, e burgos claros modelando entre loureiros e tamarindos a argila vermelha dos vasos imortaes onde se ia fixar a lenda dos deuses e dos heroes. Na nostalgia da tarde recolhiam os gados pelos caminhos fundos onde já começava a alastrar-se o bafo das sombras, acordavam estrellas a uma e uma pelo azul de heliotropio e na capelita caiada entre as oliveiras batiam trindades n'uma pequenina sineta rachada e com tom de falsête.

A olaria entenebrecera-se de todo e eu lá ficara scismando junto do velho oleiro calado e da roda imovel. Scismava na radiosa ganga de incubos rythmos que é a alma popular, onde dormem o seu somno de Lazaro as fórmulas inéditas do som e da côr, amortalhadas e á espera da voz de milagre que as faça resurgir em canticos na linha das estatuas e estremecer de ardor heroico nas epopeias cantadas pelos rapsodos errantes. Scismava n'esse oceano multiforme e sussurrante cujas subitas iras o arremessam para as estrellas no clangor dos hymnos triumphaes e cuja doce calma a lua prateia com a tremulina das noites espe-lhantes em que brincam fadas e duendes, emquanto na solidão campesina se tece a teia das lendas na melancolia sonhadora das balladas. . .

. . . No silencio ouviu-se então uma voz de pastorinha que vinha do ermo das serranias, cantando uma cantiga tão alada e pura

como se desenhasse no ar crepusculino a curva ideal de uma linda amphora. Dir-se-hia um orvalho de notas filtradas por uma garganta archangelica e que tivessem sido aspiradas como um divino mel no aroma das colinas, nos murmurios do vento, no crystal gottejante das fontes. Sentia-se n'ella a essencia das coisas simples, a linha melodica dos sentimentos virginaes, e por vezes a confidencia das vozes ignotas que conversam em segredo na natureza e na alma e deixam entrever nas horas inspiradoras o sagrado mysterio da Vida...

Apagara-se a musica das curvas na activa roda milenaria e accendera-se a curva da melodia na garganta da pastorinha, forças irmãs saídas do mesmo fundo de inspiração, movimentos occultos e cellulares gerados no amago profundo das raças e que alimentam a fonte perenne da sensibilidade esthetica. A fórma plastica que saía dos dedos nodosos e a fórma musical que brotava a florir da bôcca fresca, eram duas expressões do mesmo éco, duas vibrações da mesma grande lyra inominada desferida pelo coração do povo, e onde se vão retemperar as correntes da Arte para a fecundação das novas creações, como bôcas sedentas a um seio sempre offerecido e sempre cheio.

E assim tu, velho oleiro que tens avós entre os coroplastas do Ceramico, e tu pequenita que escutaste na solidão a falla silenciosa das coisas, sois duas cordas unisonas dessa lyra ouvida pelos creadores geniaes como se fôra uma voz de pythonissa, e della recebendo como na corrida para Delphos o facho sempre flamejante com que percorrem os grandes caminhos da Historia, para o irem depôr nas Acropoles sagradas, sobre o altar das Victorias imortaes!...

JOÃO BARREIRA.



Museu Nacional
de Arte Contemporanea
Lisboa

A INFANCIA
Soares dos Reis

A Noite

*De escaleira em escaleira,
Desce a Noite da amplidão:
Chega-se ao meu coração;
Chego-me eu mais á lareira.*

*No seu olhar de cansaço,
Sente-se o fundo arrepio
Do Tempo eterno, e do Espaço
Onde Astros morrem de frio.*

*Treme de assombro e de horror,
Medo e espanto... Eu a consolo:
Todo me acheço ao seu collo,
Aqueço-a do meu calor.*

*Seu coração junto ao meu,
Já nem sei, de confundidos,
Se ella é minha alma e sentidos,
Se a Noite escura sou eu!*

*Digo:— Mãe! bem vinda sejas.
(Remexo o lume que esfria).
Por muito triste que estejas,
Não tenho mais alegria . . .*

*Noite! Conta as tuas maguas;
Que dôr viste no caminho?
—«Gente morta, sôbre as aguas;
Orfãos sem pão e sem ninho!*

*«Guerras, fomes, nuvens . . . Vim
A chamar pelas estrellas
Que dei á luz, — e vão ellas .
Todas se escondem de mim!»*

*Choro a ouvil-a . . . Pobre Mãe!
E falo de mim, no aneio
De quem diz o mal que tem
A consolar mal alheio.*

*Mostro a minha fé aceza,
Minha duvida tamanha;
Ora sombra, ora belleza,
Ora nevoa, ora montanha . . .*

*Mas calo: Não vá supôr,
A Noite, que o seu tormento,
— Medos, crimes, sombra e vento, —
Sejam minha propria dôr!*

*Falo em mim, sem sêr de mim :
Falo-lhe de Portugal,
Meu lindo berço fatal,
Raça fatal de onde vim.*

*Minha carne é sua terra ;
Meus ossos, fragas, mais não ;
E ocultas fontes da serra,
Chôro do meu coração.*

*Espuma de antigas vagas,
Minha vida é sua vida :
Gota de sangue, escorrida
Do seio de fundas chagas . . .*

*Diz a Noite : — «Filho, sim !
Pobre terra portugueza !
Roçando a sua tristeza,
Vou mais negra do que vim . . .» —*

*E vae-se a Noite, velada
Na dôr, que é noite maior . . .
E, na lareira, em redor,
Ha frio e cinzas, mais nada!*



Ornamentação popular da louça de Estremoz

Estremoz, celebrada de ha seculos pelos seus marmores cristalinos e alvos como os de Italia e pelos seus barros mais plasticos e finos que os de Talavera, é uma vila de evocações, uma dessas terras antigas que gostaríamos de apertar contra o peito num abraço reconhecido, por tantas e tão belas cousas conservar de seu passado artistico.

Como agrada deambular ao acaso pelas suas ruas e vielas de empedrado irregular, olhos pregados nos contornos multiformes das chaminés, descobrindo-as de formas sempre novas, maravilhosas de graça e de fragilidade, a cada empena deixada, a cada cunhal dobrado! Umas, as mais simples, mostram-nos sobre o paralelepipedo do tronco quatro pares de tijolos caiados, encostados como mãos postas em prece para o ceu; outras assemelham-se a berços que os anjos de ferro dos cataventos houvessem levado para tão alto em esturdia sarabanda de meninos cheios de mimo; aquelas lembram agulhas de campanarios e minusculas torres sineiras ou são verdadeiras reduções amaneiradas de arcas de água, de marabutos, de pombaes! Muitas parecem delgados, perfeitos altares pagãos — e não serão as chaminés as *aras* donde quotidianamente se eleva o fumo do sacrificio aos deuses lares? —, absolutamente iguaes ás que encontramos, inumeraveis, perfiladas sobre os casaes dos *contadini* da planura do Pó, desde Ferrara, a bela, até Padova de Santo Antonio e á Veneza das rendas e das contas de vidro, policromadas como os seus mosai-

cos de S. Marcos; por exceção conservam algumas, transportadas para as suas faces mais largas, as gradarias de tijolo das rotulas conventuaes, e o desenho geométrico das rexaas das açoteas e mirantes.

Tudo o que de variado, gracioso e ousado se pode realizar com o tijolo alentejano, maciço mas pouco espesso, desfila conosco ininterruptamente, sobre os beiraes ou a meio telhado dos edificios da vila, já como construçõesinha humilde e acaçapada, já orgulhosamente estadeado em sinal de riqueza, para alegria dos olhos, para acentuação da fisionomia regional.

Depois, a cada instante também, a face do marmore na sua patina crême vae-se perante nós proteisando em mil variedades arquitetónicas, em ombreiras e em varandas, em sobreportas e em cachorros lavrados, em beiraes e em guarnições, aqui acompanhando o tijolo, ali o azulejo, mais frequentemente o simples rebôco de cal alentejana, implacavelmente branca; e o nosso passeio vê sobrepôr-se ao interesse etnográfico, o interesse de certo maior do curso de escultura aplicada que os séculos deixaram talhado atravez da vila, em paginas vivas de pedra.

Se deixando a rua, entrarmos na habitação, o encanto em que nos mergulha o aspecto exterior dela, prolonga-se e intensifica-se. Que sentimento de suave quietação e recolhimento não nos proporcionam, por exemplo, as casas setecentistas de Estremoz, com seus altos rodapés de azulejos, seus fogões de marmore assetinado, seus lavabos e fontes, de carrancas meio amarelecidas! Como as reliquias emolduradas de ouro de um grande relicario conventual, estas casas perduram em grande copia pela vila, disseminadas ao acaso do bracejar frondoso da ramaria de ruas e travessas...

E os pateos! Acanhados ou anchos, calçados de tijolo lambaz, seu banco corrido em redor sob os alegretes de desenho geométrico, em raros faltam, circundados de potes e asados floridos os poços ou as bocas de cisternas, das quaes algumas conservam até a classica armação de ferro de suspender a roldana, chiante do peso dos caldeiros. Os terraços e eirados, de idéntica disposição, igualmente floridos, apenas se diferenciam afinal dos pateos em que estes amodorraram ao rez do solo, sorvendo a frescura da terra e os outros adormecem, segundo a tradição mediterrânica, nos altos da habitação, em plena soalheira levantina.

A riqueza artística da vila aparece consideravelmente acrescida

com tudo o que resta dos seus edificios sagrados, numerosos — Estremoz chegou a possuir seis conventos — e ricos. Ninguem poderá deixar de percorrer em piedosa romagem de arte as suas igrejas e os seus magnificos edificios religiosos, de maravilhar-se com os azulejos quinhentistas da capela-mór de S. Francisco, ante os seus belos desenhos estilo *rotulos e pendurados*, pletóricos de anjos, mascarões, folhagem e frutos, docemente pintados em tonalidades de majolica; nem se esquivará tambem a entrar na antiga igreja da Misericordia, a examinar os seus revestimentos vidrados cobertos de scenas bíblicas, datados de 1712; ou a subir deliciado as longas escadarias do convento onde hoje está instalada a Camara, em cujos alisares se atropelam, como em S. Vicente de Fóra de Lisboa, numa infindavel teoria as scenas mais diversas, desde os combates aos quadros típicos de costumes.

E se é curioso percorrer esta terra transbordante de monumentos, no sossego immobilizado de um dia de semana, não desperta menos interesse o visital-a a quando das grandes feiras de S. Tiago no verão, e de Santo André no outono.

Em fins de julho Estremoz muda visivelmente de aspecto, quasi de um dia para o outro; os trajés citadinos, como que se apagam e perdem de vista ante a policromia dos vestuarios da gente do campo, que em caravanas graves — o alentejano é sempre grave no falar e no gesticular — irrompe a cada momento pelas suas grandiosas portas de marmore sobre cujos frontões lavrados ficaram guerreiros em gestos de combate. Das galerias cobertas, sombrias e torcidas que se seguem interiormente ás portas, desembocam grupos sem cessar renovados de gente que vem de muitas leguas em redor, das vilas visinhas e das aldeias, das herdades e das quintas, os homens cobertos com os grandes chapêlões regionaes, as mulheres embiocadas em lenços garridos, as saias fortemente coloridas, avivadas na base com barras escuras, á espanhola.

Na sua grande maioria estes grupos veem em carros alentejanos, os pitorescos semi-civilizados carros de grades vermelhas ou azues, puxados por animaes arreados em festa, de belas cabeçadas em que o amarelo e o carmezim se misturam agradavelmente, os cachaços das bestas cobertos com os mais ricos tapizes bordados, salpicados de iniciaes, rosetas e estrelas, em cores vivas. E todo o mar de gente que entra, alastra pelas ruas e

praças, subvertendo o habitante, enche a terra de ruído e animação e faz-lhe talvez retomar um pouco daquele mesmo aspecto movimentado e polifónico que em nossa imaginação reconstituímos como proprio do viver da Vila depois das grandes victorias do seu ciclo épico, Montes Claros e Ameixial.

Agora pelo Santo André o movimento é o mesmo, mas o brilho menor. Com o frio que aperta e os chuveiros que tudo alagam, as mulheres veem menos festivas, os arreios do gado menos vistosos; os homens vestem os safões lanudos ou de couro atado e como os pastores da Romagna, dos Abruzzos ou das Landes envergam as samarras ou pelicos de pele de ovelha; e sem nada perder da sua grandeza o espetaculo toma um aspeto mais rude, mais primitivo...

Mas deixemos então a vila baixa, dos conventos, das igrejas e do *Gadanho* — deste modo denomina o povo, por o ver encostado a uma gadanha, o esqualido Saturno que estremece de frio, semi-nu, no meio do grande lago da Praça, — e as suas evocações e vá de subir até á Estremoz medieval do Castelo. E' aqui principalmente, intra-muros da velha cêrca, sob a proteção da torre de D. Diniz, tatuada toda pelo tempo de manchas negras e de cujas altas varandas se avistam grimpas de vinte cidades e vilas, que se veio aninhar o fabrico da louça.

Caminha-se atravez ruas estreitas, inclinadas, cheias de pitoresco, por onde de espaço a espaço os olhos se prendem enternecidos nas voltas de ogiva e de querena dos portaes e ventanas. Aqui e ali, paredes escalavradas em que permaneceram como abertos, sonolentos olhos do passado, os vãos escurecidos das portas e janelas e ao abandono se quedaram capiteis, colunas e cachorros projetados como braços, atestam a vitalidade e dimensões do povoado anterior ao seculo XVI. Passa-se junto da chamada casa velha da camara, do seu *beffroi* intacto, dominando o alpendre de pedra sob que se abriga o largo, vetusto braço onde o sol e a lua ingenuamente se sorriem...

Eis-nos chegados, seja ao casarão tósco da fabrica, seja, um pouco mais abaixo, ás oficinas caseiras onde o barro de Estremoz se plasma e encarna.

* * *

E' natural que Estremoz, cujos marmores aparecem largamente aproveitados na construção e decoração dos edificios romanos do

Sul, em tabulas lavradas e em revestimentos, em colunas e em estatuas, fosse também desde tempos remotos um centro importante do fabrico de cerâmica. Certas das suas vasilhas atuaes, parecem verdadeiras *terrae sigillatae*, daquele barro samio ou aretino, vermelho, polido e brilhante, outrora tão espalhado por todo o imperio romano e imitado com tamanha perfeição no sul da França e em outras Provincias. Mas só um estudo especial e cuidado de todos os restos ceramicos coevos, do Alentejo, poderá responder satisfatoriamente a hipotese que se entrevê.

Sem noticias exatas durante seculos, da evolução da olaria estremozenze, só passada a Renascença começamos a encontrar documentos escritos que lançam alguma luz sobre essa industria regional. As referencias que lhe foram feitas em autores portugueses e estrangeiros, recolheu-as e estudou-as com a competencia que todos lhe reconhecem, a illustre professora de filologia, D. Carolina M. de Vasconcelos, no N.º 2.º do Tomo VII, do *Bulletin Hispanique* (1905). Delas nos serviremos amplamente.

Do vasilhame antigo, dada a proverbial fragilidade da sua materia prima, restam-nos apenas, conservados por verdadeiro milagre em igrejas e capelas sertanejas, alguns exemplares de jarras de puro estilo do renascimento, modeladas como peças de ourivesaria. As peças de uso, porem, perderam-se todas.

Entre as formas que podemos considerar primitivas, tradicionais, na olaria de Estremoz, contam-se a *bilha*, o *asado*, o *prato* e o *barril*.

O barril é uma curiosa vasilha circular, achatada, plana de uma banda, ventruda da outra, provida lateralmente de duas azas que acolitam o gargalo do bocal e servem para se lhes passar um cordão que facilita o transporte do objeto. E' usado profusamente, além Tejo, desde Santarem ao Algarve.

Esta forma aparece espalhada por todo o mundo antigo: deriva do recipiente esferico, sendo a sua primeira fase evolutiva a do vaso micenico de Camares (Creta) em feitio de bôla, de bocal lateral, ao alto; aparece depois, quasi na sua modelação actual, na cerâmica proto-helenica e etrusca. Estacio da Veiga encontrou no Algarve em sepulturas romanas, dois belos exemplares de barris, discoides, de barro vermelho muito fino.

O asado, especie de pote ou talha provida de duas azas quasi ligadas ao bocal, é fabricado com maior ou menor pureza de linhas — o asado de Coimbra é uma maravilha de ritmo, — por todo

o paiz. E' à transformação direta da anfora, conservando desta integralmente a posição recurva, gentilmente lançada, das azas.

O prato pertence a todas as civilizações, pois aparece já desde o periodo neolitico, em antas e em fundos de cabana.

A bilha — infusa, no Sul —, seja esguia (Mafra, Viana, Beringel), seja ventruda (Lisboa, Argea, Montemór), provem de remota ascendencia. Vieram fundir-se na sua forma os feitios da *hidria*, do *oenochoe*, do *lécyto* e já entre a ceramica micenense e cretense, pintada de assuntos marinhos, se pode achar o prototipo perfeito da bilha atual.

Estas as formas tradicionaes, de fundo, da olaria estremozenze; as formas exóticas, de galanteria, que atravez todos os tempos se fabricaram por luxo, levou-as como cousas futeis a rajada do tempo, e nada delas resta agora.

Mas o que era o decantado pucaro de Estremoz, de que hoje não existe representação alguma típica?

Sobre a sua forma difficilmente poderemos pronunciar-nos; o nome porem, vem de longe. Já no seculo XIV, em posturas de Evora se fala de pucaros, grandinhos para agua, e menores, para vinho.

Venturini secretario do legado potificio Miguel Bonelli, cardeal Alexandrino, enviado por Pio V a Portugal para ultimar os desposorios de D. Sebastião com Margarida de Valois, em 1571, diz numa das suas descrições de visitas á côrte: — «sobre a mesa estava sempre um grande vaso de prata cheio d'agua do qual se deitava em um jarro, chamado na lingua portuguesa *pucaro*, do feitio de urna antiga, d'altura d'um palmo e feito de certo barro vermelho, subtilissimo e luzidio, que chamam barro d'Extremoz, pelo qual bebeu seis vezes . . . »

Temos aqui uma indicação preciosa acerca da forma do pucaro: era uma vasilha com feitio de urna, ou seja uma especie de panella pequena, provavelmente semelhante ao caracteristico pucaro de Lisboa cuja forma se conserva a mesma desde o seculo XVII. Na louça negra de Visalhães, Gove e Páus, o pucaro é igualmente uma panela pequena, com uma só aza, de linhas estremamente simples, mas de inegalavel galbo.

Nada porem de positivo se pode afiançar, porque a producção ceramica dos seculos XVI e XVII foi tão espantosamente variada que não ha citações que consigam adaptar a descrição de um vaso a qualquer forma conhecida, ou actualmente empregada.

Venturini refere-se á qualidade do barro «subtilissimo e luzidio», tal como hoje depois de brunido ; Francisco de Moraes, nos *Dialogos*, a uma ornamentação especial que ainda perdura, o empedrado. Contando de uma regateira de Lisboa que quer casar com um moço d'estribeira recémchegado de Flandres, o autor põe na bôca da mulher estas palavras : «. . . tendo a minha cantareira alva como a neve, e talhas vermelhas como o sangue, postas nela ; pucaro d'Estremoz, pedrado por dentro com serpinha no meio, feita do mesmo barro . . .».

O costume de empedrar com fragmentos de quartzo ou pedacinhos de marmore o interior e o exterior das vasilhas de regalo, conserva certa vitalidade em Estremoz, mas esteve generalisado por todo o Alentejo e mesmo em Lisboa teve vida desafogada nos seculos XVI e XVII. Ao empedrado se refere tambem Francisco Rodrigues Lobo na conhecida cantiga da Egloga X.

Descalça vay para a fonte
 Leanor pela verdura
 Vay formosa e não segura
A talha leva pedrada
 Pucarinho de feyção
 Saia de côr de limão
 Beatilha soqueyxada

Possue o barro d'Estremoz um cheiro agradável a terra humida que o tornou sempre muito procurado, e a esta mesma sua qualidade se referiram varios autores, dos quaes basta citar Duarte Nunes de Leão e o P.^e Carvalho da Costa.

Na *Descrição do reino de Portugal* (fim do seculo XVI) depois de discretear sobre o perfume das louças de Lisboa e Montemor o autor refere-se aos pucaros d'Estremoz que «. . . sam de grande estima porque sam de hum barro tam fino e tam coado e tam liso como se fossem de vidro e de excellente cheiro e sabor quando são novos, e em que se fazem muitas louçainhas por a fineza do barro que o consinte ; dentro dos quaes se formão raãs e cobras e outros animaes aquaticos, e vam semeados de pedrinhas tão miudas que parecem area, que com humas pedras brancas mais grossas que lhes poê em que se quebra agua, sam mui apraziveis . . . porque cada pucaro fica parecendo huma fonte . . .»

Na *Corografia Portuguesa* a referencia é mais ligeira, mas

não menos curiosa: Estremoz . . . «tem grande trato de panos e fabrica de odoriferos pucaros e vasos de barro, feitos de artificiosas e engenhosas formas, muy celebradas em todo o reino».

Como se infere das poucas citações que reproduzo, o estudo da louça de Estremoz tem inegavel importancia para o conhecimento da evolução da olaria portuguesa. No meio da nossa pobreza documental sobre industrias provinciaes, a celebre vila alentejana consegue um lugar de realce, pela copia de textos que se lhe referem. A mesma abundancia deles existisse sobre a louça de Montemór, a de Lisboa, a de todo o Norte!

Segundo salientei já, as formas antiquadas ou se perderam ou quasi todas se abastardaram, e alguns tipos de louça que decerto tiveram o seu periodo de celebridade, vegetam hoje relegados para a categoria de brinquedos para creanças. É exactamente no campo das reduções do vasilhame para uso infantil que se encontram com maior frequencia, os empedrados; as pinturas berrantes e ingenuas como as do mobiliario de Evora; os feitos decorativos de ha dois ou tres seculos — córtes, bicadas, cavados e relevos de impressões digitaes. Este refugio artistico é de todas as produções da olaria regional, talvez a mais sincera e a mais tradicional, e merece as honras de um estudo isolado, incompativel com a orientação deste trabalho.

* * *

A industria da louça estremozenze mantem se com um acentuado character popular, apesar de na vila existir uma fabrica moderna, porque os centros do seu fabrico são quasi todos modestas oficinas caseiras de vida pouco desafogada.

Colhido o barro, cuja côr é uma mescla terrosa esverdeada, trazido para a officina, é cuidadosamente amassado, batido e preparado por processos comuns a toda a olaria do sul de Portugal.

Fabricados os vasos na roda, postos a secar ao ar livre, são metidos depois num banho de tinta vermelha que lhes fornece a afogueada côr caracteristica.

Viana do Alemtejo e Beringel pintam tambem com almagre as suas louças, mas o barro não se presta tanto como o de Estremoz para a execução de desenhos ornamentaes.

Quando semi-enxutas já, as vasilhas passam para a mão das *polideiras*, mulheres cujo officio consiste em brunir e adornar a

superfície da louça. Com um seixo rolado apanhado nos ribeiros esfregam cuidadosamente os vasos, dividem-nos em zonas e enfeitam cada uma dessas zonas á sua guisa, de variadas formas. Só após esse trabalho a louça segue para o fôrno de cosedura. Devemos deter-nos sobre tão curiosa usança.



E' raro que entre nós a mulher se ocupe de qualquer trabalho artistico fóra dos que lhe são proprios no campo da tecelagem e bordados. Panos, cobertas, tapetes, rendas, obras feitas ao tear ou com a agulha, executam-nas as mulheres de Portugal com largueza e habilidade consumada; mas só essas. Não succede o mesmo em toda a parte. Sabe-se geralmente, — e digo geralmente porque ha muito rico viajado que de um paiz estranho não consegue divisar mais que a mascara de civilisação que todas as cidades afivelaram — que por exemplo em Italia, os carros de trabalho agricola puxados seja por bois, seja por cavalos são linda e variamente ornados de desenhos e pinturas, especialmente nas provincias do centro e do sul.

Ora os pesados carros de bois da Romagna, cuja armação, *rodeiro* e *redeiro*, é profusa e artisticamente ilustrada com scenas coloridas em que entram ramos e flôres, animaes, figuras devotas — a Virgem, Santo Antonio, S. Jorge trespessando o dragão — etc., são pintados por mulheres; por mulheres são igualmente adornados os carros da Campania em cujos varaes e rodado correm delicados cordões e silvas de folhagem, de côres violentas; por mãos de mulheres ainda, são fabricados os entrançados de palha da Toscana, os tecidos de vergas de Carpi, os mosaicos miudos de Roma e Genova, os desenhos de contas de Veneza e tantas outras cousas interessantes e raras.

Entre nós, só por exceção bem digna de reparo a mulher é encarregada de embelezar o barro de Estremoz.

Não vale a pena ir procurar muito longe os motivos desta anomalia; fique todavia dito de passagem que entre varios povos selvagens é ainda a mulher a encarregada de fabricar as louças de uso domestico e que é naturalissimo que entre os neolíticos habitantes da nossa terra a ela coubesse tambem esse serviço.



Todo o vasilhame de Estremoz é por mãos femininas embelezado com desenhos de um mesmo gosto tradicional, quasi sempre de caracter fitomorfico; rareia extraordinariamente a representação zoomorfica. Quando o objecto é de grandes dimensões dividem-no em zonas paralelas e enfeitam cada uma em separado, segundo o velho sistema que nos vem desde a ceramica eometalica, atravez das louças proto-helenicas e proto-italicas e das que se lhe seguiram até a idade-media. Se tomármos para melhor exemplificação um asado, vêmo-lo dividido em cinco faxas: na primeira, sobre a gola, seguem-se em fila hibridos peixes estilizados, meio animaes, meio plantas: na zona seguinte ha raminhos poli-foliados; na outra, que ocupa a parte mais larga do bojo, espalham-se grandes rosetas de oito folhas; finalmente nas duas ultimas aparecem de novo peixes e flores, de carater diverso dos primeiros representados. Azas, orlas da base e da borda, separações de zonas, são brunidas com cuidado, aparecendo macias e brilhantes.

A divisão em zonas, toda esta mistura de elementos, fazem pensar vagamente nos vasos antigos de Ruvo e na decoração actual das *cannate* e *cannatelle* de Pontecorvo.

De todas as louças portuguesas só a de Estremoz conserva esta particularidade. Nem o Prado, nem Vilar de Nantes, Molelos ou Miranda souberam levar a sua arte decorativa coroplastica até este ponto, pois nenhuma dessas olarias ornamenta tão exuberantemente a superficie dos seus Barros. Tão precioso e

etnografico sinal de primitividade merecia portanto uma notaçao cuidadosa e desenvolvida.

Todas as formas de decoraçao inventadas ou tradicionalmente conservadas pelas *polideiras*, encontram o seu melhor campo de expansao nos fundos dos pratos da louca de Estremoz, cujo unico destino e servirem de descanso as garrafas multiformes, as bilhas e aos asados, aos moringues e aos potes que sahem das maos dos oleiros. Teem dimensoes variaveis que vulgarmente nao ultrapassam 0,25 de diametro e 0,04 de altura, e sao grossos, fortes, construidos para suportar os supracitados recipientes, cheios de agua.



Como a restante louca, e embora a sua utilizacao os faça quedar-se a maior parte do tempo encobertos, aparecem enfeitados, e porque o seu campo e ancho e plano, os desenhos mostram-se com tal desenvolvimento e variedade que se diz na *vila do marmore* que de cem prateis entregues as polideiras nao voltam dois com ornatos iguaes. Com poucos elementos, com um material rudimentar, as operarias sabem variar ate o infinito, com uma delicadeza toda feminina, os efeitos artisticos.

Se examinarmos com cuidado as figuras que o distinto caricaturista Alfredo Candido, tao conhecido em Portugal como no Brazil, teve a amabilidade de desenhar para este artigo, notaremos que os elementos decorativos sao escassos: nas cercaduras, meios circulos seguidos ou encadeados, grinaldas imperio muito singelas, simples fiadas de traços brunidos; como raridade pode encontrar-se uma ou outra estilisaçao animal, —peixes, abelhas — e por fantasia o coração florido, um dos simbolos mais espalhados nas representações de arte popular. Aparece tambem com frequencia o suastica polifolio.

Nestas singelas maneiras de decoraçao presistem por vezes,

simplificados, certos ornatos empregados na faiança portuguesa dos seculos xvii e xviii. São por exemplo as rosetas de oito pontas, os ramos em S, imitando as hastes das rosas e tulipas dos pratos de cercadura imbricada, as abelhas, transformação á vista dos *aranhões* de tão pertinaz emprego.

De toda esta ornamentação quasi efemera que ao fim de poucos anos desaparece dos vasos, devemos emquanto é tempo recolher as manifestações correntes, porque, com o utilitarismo absorvente da sociedade moderna, não sabemos bem o fim que lhe está destinado. Quantas riquezas etnograficas não desaparecem num simples decenio !

Já a mór parte das formas atuaes da olaria estremozina diferem das primitivas, perdidas na voragem dos anos e do progresso. Que nos fique ao menos, continuando uma tradição multi-secular, a sua arte de decoração externa, uma das mais carateristicas de toda a ceramica popular portuguesa.

De momento podemos estar tranquilos. Emquanto houver oficinas caseiras para plasmar louça desta, o perigo será leve, porque só grandes industriaes podem ter a peregrina lembrança, já honestamente zurzida por Fialho, de fabricar moringues e depositos em forma de troncos de sobreiro, substituindo por uma carapinha rugosa e inestetica, o suave brunido e os desenhos ingenuos da louça de Estremoz !

Novembro de 1915.

VIRGILIO CORREIA.



Rythmo

a Pedro Bordallo

*Leves, na areia,
Tímidos, quasi, de fugirem nus,
Uma secreta e doce melopeia
Teus pés conduz!
O Mar soluça, como choram almas,
Na voz das ondas ha paixões violentas,
O Sol incerto incendiou a luz...
E os teus pés vôam, como as azas lentas
Das pombas mansas pelas tardes calmas.
Vôam—não andam! Pairam—na esveltez
Do gesto branco a iluminar a praia.
E a espuma cresce em beijos... Mas desmaia
Ao beijar-lhes a palida nudez!*

*Beijos da espuma!...
Só para ti o Mar desvendaria
Bocas sequiosas no florir das vagas!
O Outono acorda já na manhã fria
E na saudade gélida da bruma
Ha um silencio de visões preságas...
Mas a espuma sorri ao teu andar
E crispada em seu beijo de chymera,
Córre—e correndo para te alcançar,
Traz a alegria d'uma Primavera
Por sobre o Mar!*

E tu caminhas!
As gaiotas no azul são andorinhas
Da Primavera abrindo Mar em fóra!
Tu caminhas, mais grave... O sol parece
Irisar-se no brilho d'uma aurora.
O vento é uma briza que alvorece.
A voz das ondas, soluçando, implora!
E o olhar perdido em extasis de prece,
Sentes que a espuma, n'um abraço estreito,
Já envolve o teu corpo, que estremece
De gozo insatisfeito!

Depois — nem sei!
Vagas, flutúas ao sabôr das vagas...
Teu corpo é onda — e em onda te embriagas
Do ceu, do Mar, do vento musical!
Hymnos d'amor, que eu nunca imaginei,
Erguem-te em volta um canto nupcial!
Teus braços querem enlaçar, enlear!
E eu penso, ao ver-te os olhos de pureza,
Que é indigna de nós tua beleza;
E que, no ardor da tua virgindade,
Tu amas, sonhas para a violar,
Esse eterno esplendor, a mocidade
Do Sol fulgindo em frente ao grande Mar!

Oh! Sol de Outono!
Não a leves comtigo, não a leves
Para as ilhas de luz onde és senhor!
Deixa os seus passos, os seus passos leves
Deslizarem na terra ao abandono,
Darem rythmo ao silencio evocador!
Não a leves comtigo! O ceu desmaia...
A bruma chega... E ao menos que irradie
A nudez dos seus pés clareando a praia
Como um sulco de estrela que nos guie...
Não a leves comtigo, oh! Sol tão alto!
Eu sei que em vão a espero, em vão me exalto,

*E que persigo um sonho inconsistente !
Mas deixa, deixa que uma vez sómente,
Ella, em meus olhos, mire a sua graça,
Ella, em meus braços, prenda a carne em flor*

*— Embora passe, como a Vida passa,
Embora fuja, como foge o Amor . . . !*

JOÃO DE BARROS.



A adolescencia mystica de Liborio Patarôxa

Numa daquelas manhãs, estando eu e o sr. padre-mestre na livraria do convento, apeáram á porta tres reverendos. Vinham montados á estardiota, de garnacha, chapéo de veludo, e, pelo contraste de seus vultos negros com as tintas frescas da primavera, me déram a impressão dos tres reis magos. Prompto, me mandou o sr. P.^o Ambrosio sair fóra a oferecer-lhes os meus serviços, e a informar-me das razões que os traziam. O recado era com meu pae e pela alea de murta os guiei á capela, onde este, segundo os ritos, se dava á piedosa tarefa de vendar a face quaresmal dos santos. Volvi a versar a minha proposição tão execravelmente dialectica: «Somos nós obrigados a amar o proximo com acto interior e formal?», emquanto meu mestre, docemente, desfiava as Horas Canonicas.

Porém não tinha ainda composto quatro regras, quando os vimos aparecer pela escada interior do convento, meu pai á frente.

Meu bom mestre acolheu-os com uma cordialidade de animo que estava mais na delicadeza do seu trato, que na associação que existia em suas pessoas. Porque meu mestre, ainda que cura d'aldeia, tinha as maneiras bizarras duma personagem da Curia.

Um deles, de laringe muito fatigada, quasi metalica, falou assim:

— V. R. ignora, porventura, quem tem em sua presença. Sômos padres do Espirito Santo e muito felizes nos consideramos em prestar homenagem ao nosso colega em Christo, de quem é falada a virtude e o saber.

Meu mestre ergueu-se para se inclinar levemente.

— O motivo que nos traz é este: respeitosamente lhe pedir autorização para realizar umas praticas neste convento.

O sr. P.^o Ambrosio tirou os oculos, geito que lhe era peculiar, sempre que se propunha discorrer, e disse:

— Sabem S. P. que este mosteiro está no meio dum ermo?

— Sabemos, mas não ignoramos, tambem, que num circulo de dez kilometros se encontram mais de vinte aldeias e logarejos.

— Mas se o fim de S. P. é evangelisar, não é difficil topar logar mais idoneo. Isto — e o seu braço, num movimento circular, abrangeu a thebaida inteira dos franciscanos — é uma ruina a arruinar-se.

— Ruina cheia de edificação. Aliás, a capela, como acabamos de verificar, está bem conservada.

Meu bom mestre quedou-se um momento, silencioso, que o frade do Espirito Santo, interpretando pejorativamente, cortou afirmando:

— Temos grande empenho em que as predicas sejam aqui e não algures. Bem entendido, nenhuma das nossas razões se prende com V. R. nem com a freguezia que pastoreia. Tam pouco é nosso intento fazer desta casa feudo, póde crer.

— Certamente, certamente. Na minha parochia ha pecado como em toda a parte onde ha homem; mas é este pecado contingente, mais materia que espirito, que nem registo leva no livro de Deus. Pois pela parte que me toca, estão S. P. autorizados a dispôrem como de sua da humilde mansão franciscana.

E, depois de trocarem outras gentilezas, se fôram, dando instrucções a meu pai para que tivesse a casa do Senhor preparada para a dominga quarta da quadragesima. Meu pai, como escudeiro da igreja, fez uma grande venia e seguiu atraz deles a segurar-lhes o estribo para montarem.

Desde aquele momento, a velha igreja adormecida, que o tempo ia consumindo com suas limas silenciosas, acordou sob a sanha reorganisedora de meu pai. Dias a fio, o barulho quebrou o laborioso encanto da Biblioteca. E, uma manhã, uma revoada d'aves noctivagas veio abater-se por detraz dos volumosos tomos de Cornelio Alapide e de Sylveira, doutos comentadores de textos.

Minha mãe, na lacrimosa fonte dos monges, lavou de sol nado a sol pôr. A's braçadas, dos arcazes profundos da sakristia e da

·casa da fabrica lhe acarretou meu pai todas as alfaias em linho raso e pano de olanda que havia. E não poucas eram, porque, segundo declarou meu mestre, sobejavam para enroupar um albergue de desvalidos. Quando todos estes objectos, artificialmente obrados, de doce nome e de corte extravagante, alvas, amitos, pálas, sanguinhos, frontaes, manipulos, corporaes, bolças, secavam ao sol, lembraram-me os estendedoiros de Maria de Nazareth, que, antes de ser vaso d'eleição, fôra modista e lavadeira de delicados dedos.

As minhas devoções cumpria-as, agora, perante o Christo exposto no baldaquino da Livraria. Em tempo normal, todas as manhãs, antes que minhas mãos folheassem livro, dirigia-me á capela a orar e a contemplar. Era um louvavel costume que meu mestre me inculcára como fonte copiosa de actividade. Ajoelhando deante de Santa Catarina e consagrando-lhe as penas do dia, implorava-lhe memoria e entendimento nos meus labores d'escolar. Tam dolorosa era ás vezes a minha prece, que me parecia vêr correr na face candida da virgem o risonho fremito dum prometimento. E, forte desta segurança interior, navegava como um argonauta audaz pelas latinidades fóra.

Nisto, porém, punha o recato de quem exerce um comércio reservado com outrem e que vergonhoso seria assoalhar. No remanso ecumenico das sombras é que eu e o espirito comunicavamos.

Quando meus pais saíam em jornada, então, a minha necessidade de adoração satisfazia-se nas lages nuas da galilé, deante de S. Francisco e Santa Clara, que ali permaneciam, frente a frente, em guardiões simbolicos do Templo. O inefavel cantor de *messer lo frate sole* e da *casta suor aqua* apresentava um geito compungido de pedinte na estamenha rude, a virgem um ar vaporoso d'ascenção. De robe colhida por um pé de vento, parecia-me uma mimosa oferenda ao Bem-amado.

Em vesperas de exame, recolhia me na capela e rojando me por terra como um possesso de Deus, em mim se representava todo o drama angustioso da oração. Um Christo de marfim que ali havia, de bôca entreaberta num derradeiro hausto, apaixonava-me e comovia-me até as lagrimas das delicias. A' força de contemplar, os anjos e santos dos altares compunham um rosto prazenteiro, e quasi me davam a sensação de querer conversar comigo. E saía d'ali vendo no mundo uma vasta taboa de sig-

nais, onde a verdade eterna se acha insculpida para aquelles que sabem lêr e comprehender.

No fundo inexperiente e selvagem do meu ser tudo isto redemoinhava incolor, vago e indeterminado como o verbo sobre o cahos. Hoje, ao restituir-lhe as formas, sinto um respeito imoderado pela fatua povoação que outróra habitou meu espirito.

A velha igreja franciscana vinculára meu espirito, e eu sentia-o dentro dela como num immenso e agradável torreão de sombras. Era atravez da sua atmospherá, impregnada de atrição, de religiosidade dolorida no abandono, na legião triste de suas imagens, e na confiança ilimitada que ahi bebi, que via o tudo e o tudo se me antolhava. Só a Celidonia escapou a esta lei da minha união hypostática com o templo. Este era o prisma por onde meus olhos enxergavam e o meu espirito vivia. Eu era, assim, uma alma fresca de creança carregada de brocados duma idade morta.

Acercava-se a semana que vai da dominga quarta da quadregesima á dominga da Paixão. A igreja estava lavada, limpa e brunida. Havia chegado farta provisão de cera, e meu pai dava o ultimo retoque aos castiçais de latão moirisco, na escaleira graciosa que desce para a galilé. Minha mãe, com os paramentos promptos e arrecadados, ensilvava os altares de mimosa, magdalenas, crisantemos e alecrim, nestes vasos em faiança rustica que se espalmam em tubos d'orgão. Cabeças curiosas vinham espreitar ao portão — porque o rumor da festividade lavrava pelas aldeias — e meu pai mandava-lhes um filaucioso sorriso.

Na vespera em que os missionarios deviam comparecer, fui acompanhar o snr. P.^o Ambrosio ao presbyterio. Estava uma tarde de sol, refrescada por branda aragem levantisca; os olhos das arvores floriam. Ao chegar á estrada, que cortava o caminho da residencia, posemo-nos a segui-la, porque, — disse meu mestre — é dever dum bom christão aproveitar os beneficios do Creador e, sem duvida, que de sua mão benevola vinha tocado aquele fim do dia duma tam luminosa e doce temperatura.

Apoiado á bengala, que rematava em forquilha, a certa altura meu mestre parou e proferiu:

— Sabes, Liborio, de que maneira Santo Antonio, gloria destes reinos, definia a primavera? *Tempus tacendi et tempus loquendi*. Tempo de silencio e tempo de comunicação. A natureza, a certas horas, parece meditar. Olha aquellas montanhas

tristes do Douro?! Figuram-se-me duma resignação sobrehumana e recolhida ante o firmamento. O meio-dia é um cantico. Deus permite ao homem e ás coisas que se esqueçam de seu captivo. A primavera é a estação da qual só metade é de Deus; a outra é dos humanos. Deus não é mau, Liborio, Deus não é mau!!

Num cotovelo da estrada esbarramos com o snr. Bento Chinoca, antigo boticario da vila, de chapéo pendurado dos dedos sobre os lombos, abstrato, retrocedendo duma das suas interminaveis e quotidianas marchas de solitario. Meu mestre estendeu-lhe a mão, salvando cordialmente:

— Viva o nosso Zoilo! E essa dispepsia?

O snr. Bento levou a mão á bôca do estomago e num esgare, em que a chalaça se misturava ao azedume, disse:

— Mal, isto só em Lurdes, — E logo vivamente: — Entam o menino entregou o mosteiro aos chupistas do Espirito-Santo?

— Ahi vem o desconchavo — redarguiu de benigno aspeito meu mestre — O mosteiro não é meu, é dos fieis.

— Fôram entam os fieis que chamáram os frades?

— Não fôram, nem tampouco eu. Bateram á porta, abriu-se-lhes.

— E que razões invocaram quando lhe fôram com a deprecada, padre-mestre?

— Nenhumas, nem eu lh'as pedi.

— Nenhumas, é boa.

— Sim senhor, nenhuma, a não ser as que implicitamente estão no nosso munus, amar e servir a Deus. Mas você, Chinoca, não comprehende que isto possa ser uma finalidade.

— Comprehendo; o que não comprehendo é que elegessem o mosteiro para exerce-la. Ora disso é que lhe pergunto os motivos que elles alegaram.

— Laboramos num circulo vicioso — tornou meu mestre. — Imagine v. que é padre...

— Não, dessa me livro eu — contestou Chinoca espinoteando.

— Eu disse: imagine. Com o seu perdão v. é padre e os collegas veem ter consigo e dizem-lhe: Autorisa-nos a celebrar na sua igreja? Note, não ha jurisdição canonina, que, em principio, permita vedar um templo a sacerdotes de fóra. Que resposta dava v. Chinoca?

— Mandava-os á fava.

Meu bom mestre rompeu a rir, conhecendo os desatinos do boticario em materia de crença, e acrescentou:

— Não me cabia investigar das intenções, visto que os propositos eram equitaveis.

O snr. Bento torceu-se, todo, num motete de furor e de magua e gritou:

— Imagine que o plano deles é escamotear-lhe o convento. Não lhe causa detrimento?

— Não; o convento que irei habitar brevemente sam seis palmos debaixo da terra. Além disso, não é o ardor do apostolo que póde ferir o verdadeiro apostolo.

— O padre-mestre é um ingenuo. Mas dê de barato que o fim deles é lançar pé no convento; não lhes havia de ser difficil. Diga-me, em que situação fica a familia desse menino (o snr. Chinoca, pateticamente, apontava para mim) e particularmente esse menino que o padre-mestre educa com tanto desvelo?

O snr. P.^e Ambrozio encarou-o d'olhos silenciosos e inquietos. E, baixinho, balbuciou:

— Não creio que nutram tais designios.

O snr. Chinoca, que se apercebera do alcance certo de suas palavras, magnanimamente, corrigiu:

— Nem en creio. Neja que para elles entrem em linha de conta esses factores, mas porque o convento está um pardieiro que não vale uma missa cantada. Agora, padre-mestre, eu lhe vou revelar a que mobeis devemos a visita de tam santos varões. Ouça...

Meu mestre ria, de boa gana, da veia jacobina do boticario.

— Ouça e depois zombe. Conhece o nosso visconde de Valjoaninho? Sabe que é conselheiro d'estado, tem um irmão ministro, a quem, segundo se reza, assiste como espirito-santo d'orelha, e é um dos grandes homens da monarchia liberal? Sabe. Faço-lhe estas perguntas, ainda que corriqueiras, porque o padre-mestre é menos da terra que dos latinorios e das santas theologias. O que ignora, certamente, embora seja do dominio publico, é da desordem profunda que lavra na familia dos Valjoaninho. Perdoe, se vou ofender as suas orelhas castas, mas é da historia. O visconde casou com uma rapariga bonita, nova, espiritual, o que se chama um peixão. Cobriu-a de regalos e levou-a para a capital. Aqui foi a asneira; elle não é velho mas tambem não é daquelles: *moço ataviado mulher ao lado*; de-

pois, a politica absorve como a mais apegadiça das amantes. Vai a viscondessa tresvaira, primeiro com um deputado, a seguir com um tenor, um sobrinho, cão e gato. Hoje o visconde possui a mais formosa armadura de todo o reino. Ao que parece isto não lhe fazia grande mossega entre a gente da alta, se elle não nutrisse um ciúme de turco pela mulher, e se as gazetas da opposição o não pintassem de minotauro.

Por outro lado, a irmã da viscondessa, que habita entre nós, não é menos cachonda. Já se lhe contam os amantes pelos dedos, um cura, um estudante, um mestre regio, diz-se mesmo que o cocheiro. Os Valjoninhos... tudo cabras e cabrões...

— Mas que tem isso com os frades do Espirito Santo? — interrompeu meu mestre agastado.

— Tem muito, vai ver. Esta vidairada prejudicava immenso à aura politica dos Valjoaninho. Não me dizia v. ha tempos, padre-mestre, que o ridiculo é o temivel adversario dos homens que pairam perto dos deuses? Tambem assim o julgo e assim o devem comprehender os Valjoaninhos, que mandaram a estes cerros os frades do Espirito-Santo com missão de morigerar as duas ovelhinhas desgarradas.

Meu mestre pronunciou, com mal vencida ira, estas palavras:

— Isso é uma novela que v. leu no roda-pé do *Seculo*?!!

O snr. Chinoca, sem embargo da replica, proseguiu:

— Era preciso um pretexto, um scenario; ahí está tudo, as praticas espirituaes, a bela ruina de S. Francisco e até um comparsa que é v. padre-mestre. Sam finos diplomatas, meu amigo. Claro, as Valjoaninho ham de correr á isca teatral das predicas, como lampreias que sam. Morderão no anzol? Não sei que poder de convicção tem o verbo de seus virtuosos colegas. Bonito seria que ellas os seduzissem ah! ah! Mas não, não é a mulher que a elles os suspende, sobretudo, como neste momento, em que deve estar no tapete uma boa cartada.

— A forca, amigo Chinoca.

— Talvez. Talvez a forca, a inquisição, o revogamento da lei Antonio Augusto d'Aguiar. Tudo é possivel com realistas da esquerda. Que ha conjura, não oferece duvida.

De volta, sobre os nossos passos, tinhamos chegado ao ponto em que o caminho velho, que desce para o presbyterio, se cruza com a estrada.

Meu mestre, visivelmente enfadado, despediu-se gracejando ainda, porque seu animo era generoso e tolerante.

— Amigo Chinoca, adeus. Deixe lá o barão e a inquisição e vá a Lurdes; vá a Lurdes, homem, por môr da saudinha. Adeus!

Ao que o boticario retorquiu:

— Até a vista, padre-mestre. O que lhe acabo de dizer é mais certo que Christo não ter sido rei dos Judeus. Quanto á forca, estou descansado; primeiro havemos de fazer nós a revolução.

E lá se foi pelo macadam fóra, cortando com passo invariavel as sombras diafanas do entardecer. Meu mestre, descendo a ribanceira, disse-me:

— Este Chinoca é um pobre de Christo; subiram-lhe á cabeça as leituras perversas de Büchner, do barão d'Holbak e dum snr. Theophilo Braga que escreve livros e é o que viste. Tudo o que contou, estou convencido, é uma novela que andou compondo, sósinho, pela estrada fóra. Sam assim os velhos solitarios. Verdade é, Liborio, que o pecado é um fiel companheiro do luxo e da ociosidade. E não menos verdade é que não ha nada a facilitar com mulheres que teem um espelho onde o diabo lhes diz que são bonitas!

E meu mestre ficou cabisbaixo e pensativo. Quando o deixei, despediam as Trindades no campanario da parochial; e logo após, como era fecho de semana, os sinos dobráram efusivamente ao dia do Senhor que ia romper daquela noite perfumada, com missa muito rôxa, camisas brancas de neve, e moças de tamanquinha lígeira a atravessar o adro.

As torres das redondezas, a pequenos intervalos, responderam. E suas vozes murmuradas, alacres, olorosas, figuraram-se á minha alma apta a ampliações, as lingoas do Espirito-santo comunicando aos homens paz e boa vontade.

Uma grande ternura se apoderou de mim pelas coisas e pelos seres, desde meu mestre, tam eloquente no saber e tam contagioso na bondade, ao triste e vadio Chinoca, sobre quem o ladrão do tempo passára esbulhando-o. E, sem outro recurso na necessidade de sacrificio que sentia por elles, tirando o chapeo orei: ó pai nosso, que estais no céu, santificado seja o vosso nome...

Não obstante a unção que trasbordava de mim sobre o universo, ou talvez coagido por ela, quando passei nas trazeiras da casa do Violas, pus-me a escalar o muro até atingir o buraco, por

donde muitas vezes fui surprehender a Celidonia na sua bulicosa vida de mulhersinha.

Ela lá estava na casa vã, a trabucar sem duvida nos preparos da ceia. Assegurei-me que estava só e em voz bem timbrada exclamei:

— Celidonia...! Reza...!

Ella estremeceu, mas reconhecendo-me logo, contestou:

— Reza tu, que dahi não vale. Dianhos que susto me meteste.

— Vale, vale, que bem te vejo.

A Celidonia veio colar a bôca ao buraco e com graciosa sanha despediu:

— Reza, reza, reza...

Fiquei silencioso a regal-a daquela ternura que me empolava, até que lhe disse:

— Tambem vais ás missões, Celidonia?

— Pois vou, vou.

— E tambem comungas?

— Ainda não sei a doutrina toda.

— E' uma vergonha, Celidonia, já tens idade...

— Pois é.

Ia a exprobar-lhe a serodia ignorancia, quando ouvi ruido a meu lado e olhei para o caminho: era minha mãe a atirar-me pedras:

— Oh! mariola, pois tu até já pelo telhado vais ter com fe-meas!

E os calhaus metralhavam-me

Como estava a muita altura para saltar, tive de desengravar pedra por pedra, oferecendo assim um alvo comodo a minha mãe. Afinal o pulo tornou-se possivel, e quando as unhas dela se estendiam para mim, ainda que molestado, larguei mais veloz que um gato. Ella bramia:

— Malvado! Com o vicio do mulherio já anda a aprender o officio de ladrão. Tropegas te sejam as pernas!

— Eh! feiticeira! oh! negra — pus-me a gritar de longe.

Na tarde de domingo, dia que meu pai levou a tocar o sino de S. Francisco, chegaram os missionarios com seus creados ou famulos. S. P. receberam hospedagem num solar visinho e as bestas foram alojadas na Casa dos Terceiros, onde outrora, as mulas possantes da ordem osneavam e se mordiam, de ciosas, pela herva fresca da regada, depois do descarregar das oferendas.

A horas da ceia, meu pai abriu o portão de par em par e acendeu dois castiças na Biblioteca. Estava uma suave noite e a lua nova erguia-se já acima da Casa dos Terceiros. As arvores da cerca e a Torre figuravam-se-me suspensas, tanto a claridade difusa confundia terra e céu. Um ou outro ralo cantava nos almargeaes da quinta.

Dando tempo a que os fieis chegassem de povos e almuinhas, os missionarios entraram para a Livraria e se pozeram a rezar o Oficio Divino. Ahi receberam os curas das redondezas que vinham acolytar porque o nome dos frades era considerado e temido o seu poder. E tambem compareceu meu mestre, cheio de silencio e mansidão.

Os fieis, entretanto, passavam pela rua de murta em direção á capela, abafando a magoada melopêa da fonte antiga. E, sobre o tropel que alevantavam, um automovel annunciou-se, trepidando raivosamente nas lages desempedradas do caminho. Os senhores padres saíram a ver. Duas damas, requintadamente lirós, desciam.

— A senhora viscondessa — proferiu um abade.

E era tão formosa, que eu, perante as sombras extaticas dos camponeses, o bando immovel dos roupetas, e a lua, com um carão prazenteiro de Padre-Eterno, queda sobre o tecto da nossa morada, me perguntei se não assistia a um milagre dos seculos mortos com a Virgem Rainha a aterrar ali do carro ardente de Elias.

Logo após, todos os ministros de Deus desceram para a Igreja. Rendosa para as almas e grata aos ceos devia ter sido aquela primeira noite de missões, porque dentro de mim vibrou toda a religiosidade do lugar, condensada nos tempos, e porque os olhos das mulheres choraram. Dois tocheiros, apenas, ardiam em cada altar, e a nave alta, cheia de penumbra, prolongava-se até o infinito. O snr. Padre Waldemar, por um prodigio da palavra, levou-nos á presença do Senhor e eu falei-lhe entre nevoas.

Saí da velha igreja franciscana, por uma porta que até ali se furtára a meus olhos, atraz da roupeta, que esvoaçava, do missionario. Tinhamos já percorrido um bom troço de caminho e a voz delle ribombava ainda: «Tendes amor a um idolo vivo de sensualidade? Sabeis a que tendes amor? a um sacco de podridão.»

Como minha marcha fosse embaraçosa disse-me: «Deixa os tamancos para irmos mais depressa e subtis.»

Eu assim fiz e elle tornou a clamar :

«Tendes amor ás sedas, ás purpuras, ás perolas? Sabeis a que tendes amor? aos excrementos dos vermes e dos peixes.»

Estranhei que estas vehementes apostrophes fôsem deitadas ao vento, porque em torno de nós se não lobrigava vivalma.

Depois um sussurro soluçante de mar, que comprehendí ser de multidão confrangida e invisível, soou a meus ouvidos.

Chegados ao cume dum monte, o frade recomendou-me :

— Agora muito cuidadinho. Não cuspas ao chão, nem te ponhas a assobiar.

Um mancebo, com tunica branca em justilho, enriquecida de brandeburgos d'ouro, de espadim constelado de pedras preciosas, correu para nós, bradando :

— Quem buscais?

O frade deu-lhe o santo e a senha e, falando com elle á pureza, vi que me apontava num gesto furtivo do queixo.

Pusemo-nos a marchar no seu angulo, muito admirando eu aquella galhardia de moço, o que me levou a descobrir por baixo da sua roupagem o equilibrado chumaço dumas asas de forte envergadura. Alameda de frondoso jardim era aquella por onde seguíamos, duma frescura, dum aroma, duma voluptuosidade, que dava ganas dali não arredar pé. Pelas ruas transversais vagueavam ranchos jucundos de cavalheiros e damas, e eram aquelles senhores de elegante compostura e ellas mui delgadas e altas; tam delgadas e altas que pareciam a figuração divina duma interjeição d'amor.

Quiz inquirir de S. P. quem eram estas personagens tam exquisitas, mas, alçando o dedo até os labios, rechaçou meu proposito : — caluda!

Nas imediações dum palacio, cuja cantaria se afigurava d'ouro, e cercado duma chama mais esplendida que aquella que derrama o sol d'agosto, caminhavam em sentido contrario ao nosso tres donzelas mui formosas, vestidas dum estofo tam fino e luminoso que nem ha palavra que delle possa dar traça. Ao cruzarem-se comnosco, a que occupava o centro fitou-me e, parando, disse para as outras :

— Olhai quem aqui vem! O meu afilhado!...

O frade tinha-se rojado por terra e de braços em cruz, num jogo patetico de fisionomia, clamava eloquentemente :

— Ave Maria, cheia de graça...

A Augusta donzela, tocando-o com o leque brandamente deteve-o, pronunciando :

— Ninguém, n'esta côrte, ignora vosso zelo.

E, como as tres entrassem a falar de mim, a meia voz, e a do centro, pondo seus olhos nos meus, me chamasse um valentão, afoitamente perguntei a S. P. quem eram aquelas tres madamas de gentil disposição e nobre geito, sobretudo a que aparentava de maioral. O frade, dardejando-me um olhar saturado de ira, de dó e de vergonha, exclamou :

— Oh cego de vista serena, pois tu ainda não reconheceste aquella que é mais sabia que Deborah, mais forte que Judith, mais graciosa que Esther, mais humilde que Abigaïl, mais formosa que Abisag, mais casta que Suzana?!!

E tam arremetido estava, que julguei me ia arrancar as meninas dos olhos ; mas a joia das joias interpôs-se :

— Deixai o mocinho ! Eu sou Maria, mãe de Deus, e sempre serei comtigo.

Curvei-me até beijar a terra, acabrunhado da minha espessa cegueira e confundido na ruindade da minha natureza humana.

O lirio de Jerichó, erguendo-me, tornou :

— Eu te abenço, Liborio. E, agora, vai, vai a meu divino filho, que muito folgarás da sua presença.

E, enquanto atendia a umas supplicas teimosas do frade, as outras duas donzelas meteram-me no meio, e a que era morena, e tinha uns olhos pretos como cisternas adormecidas, falou-me assim :

— Nós tambem sômos tuas amiguinhas, Liborio. Aqui, minha companheira é Clara d'Assis, esposa estremecida de Christo. Eu sou Catharina de Alexandria e bem sabes que venci cincoenta filosofos em disputa publica e ofereci a flôr da minha virgindade ao dulcissimo Jesus. Somos tuas amigas, porque, desde menino, veneras e reverencias as imagens que temos no mosteiro de S. Francisco. Por isso mesmo te damos um conselho : muito deleitada está a Virgem Maria com tuas devoções e com teu fervôr ; mas, se queres deleita-la ainda mais, se ambicionas ser o homem mais feliz da terra, consagra-lhe a virgindade !

E ali me deixaram fulminado e mudo pelo que ouvi e pelo obsequio que haviam feito tocando-me com suas mãos vaporosas.

Precedidos pelo anjo de faim em talabarte, entramos no palacio, que ali se alevantava sobre as alfombras, como uma immensa

e lapidada pedra preciosa. Os raios que despediam os muros crestavam nossos olhos mortais. Ordenadas turbas de pessoas, de rosto florido, enchiam os incomensuraveis atrios. E era tam grande a sua agilidade que nem a do ginete mais ardido, tam grande a sua subtileza que nem a do fluido mais raro, tam grande a sua impassibilidade que seus corpos não podiam sofrer dano como um raio de sol não se póde cortar com lança, e sua claridade era maior que a da frente das noivas, quando sobem para o thalamo conjugal.

Por industria misteriosa, nos achamos repentinamente transportados a uma grande sala, cravejada de estrelas e num trono armado com belezas absolutas, devisamos o Deus Pai, Todo Poderoso, Creador do Céu e da Terra. O seu aspecto inebriava.

Mal deu despacho a uns fieis defuntos que chegavam de viagem a cheirar á Terra, Elle que está presente em toda a parte fez-nos signal para nos acercarmos. O frade executou um prolixo e ceremonioso ritual; e Elle, sem lhe prestar grande atenção, disse-me:

— Olá, bemvindo sejas, Liborio. Entam esse Tacito? E como vai esse excelente P.^e Ambrosio? Homem de grande saber! de tam grande saber que isso o prejudica, por um inconcebivel preconceito, aos olhos de meus ministros; mas eu cá estou. Pois bem, estimei ver-te. Persevera, realisa os anhelos da Senhora Minha Mãe e toma lá...

O Senhor dos senhores punha-me na palma da mão um livro de veneravel capa e modesta apparencia, acrescentando:

— Fica sabendo que com este dom do thesouro celestial, nunca mais teu espirito tropeçará em segredos da latinidade, tanto profana como sagrada, tanto antiga como moderna.

E despediu-nos com um gesto largo, que rasgou no ambiente um sulco de fogo.

No parque umbroso, abri o cartapacio e encontrei as *Elegantiae latinae Laurentiü Vallae, apud. Seb. Gryphium*, de que a Bibliotheca do mosteiro possuia um exemplar. Ouvi, depois, um murmurio compacto de colmeia e senti um choque no cotovelo; a meus olhos deparou-se o sr. padre-mestre que me admoestava:

— Vem-se ao templo para dormir, Liborio?!

A Igreja de S. Francisco, em peso, rezava as tres avemarias finais da pratica.

A' meia noite a multidão de fieis e de sacerdotes tinha debandado e os frades achavam-se em bom agasalho, sob telha esmoler.

Meu bom mestre, na qualidade de commissario do governo, demorou-se na sacristia a dar instruções para o regular prosegui-mento das praticas. Amavelmente, dois visinhos do presbyterio esperavam por elle. Na cerca, a passo curto pela rua de mirtos, disse-me:

— Os nossos estudos, Liborio, teem de sofrer um compasso de espera. Ocioso me parece pensar em Eneas e em Catilina emquanto os missionarios cá estejam. O homem geitoso e prudente sabe, porém, tornar o azar escravo das suas necessidades. Porque não has de aproveitar a presença destes sacerdotes para cumprires o preceito da egreja que ordena ao christão de se confessar, ao menos, uma vez cada ano, e comungar pela Pascoa da Ressurreição.

Respondi que já era proposito meu desobrigar-me, e elle, brandamente, tornou:

— Estes religiosos parecem-me gente de virtude e boas lettras, posto que na pratica desta noite mal encoberto andasse o pensamento dos doutores da egreja, especialmente de S. Bernardo e Santo Agostinho. Mas bem certo é que a originalidade é um dom do Senhor, e que aqueles, que dela possuem o privilegio, bem se podem julgar seres de eleição. O homem é o mono do homem e isso constitue a theoria do nosso saber.

E com isto se meteu, custodiado de seus dois paroquianos, pelas sombras caladas da noite.

Começaram para mim os quatro dias de ascése, de recolhimento, de goso no amor divino, ao fim dos quais deliberára dedicar a virgindade, que ainda possuia, a Maria de Nazareth. Quando o celebrante, dobrado em attitude submissa sobre o calice da consagração, murmurasse as ternas vozes: *agnus Dei qui tollis peccata mundi*, eu, mais prazenteiro que um varão da tribu de Judá que leva ao holocausto o anho de vélo branco, sacrificaria a masculinidade donde brota uma grande parte da dôr e da ventura humana.

Durante esses dias, inaudito foi o esforço que fiz para reconstituir integralmente minha beatifica visão. Procurei com ardor as esbeltas figuras de mulher, dum talhe heraldico, que me haviam tomado o passo no Paraizo. Mas dentro de minhas palpebras, fechadas até a dor sobre as pupilas fitas no invisivel, apenas redemoinhava a poeira doirada duma bela iluminura terrestre.

Baldou-se, pois, minha obstinada porfia; o jardim da bemaven-

turança correrá para mim suas cortinas impenetráveis. Não se entibiou, porém, meu fervor, porque, se digno fôra e indigno era, digno podia tornar a ser de fitar a face pulcherrima dos colonos celestes.

Ao pé de mim, perante os altares cobertos de panos quaresmais, outros penitentes oravam. A penumbra, que nos envolvia, dava a nossas presenças uma doce senha de intimo entendimento. Conversávamos todos com anjos e santos, e, como o tom do nosso colloquio era invariavel, surdamente nos unia um espirito de comunicabilidade. Foi assim que meus olhos falaram a outros olhos, em mór constancia com os da senhora viscondessa, cujos pési-nhos, de ajoelhada, se torciam ali perto nos chapins de veludo. Aos dela os meus diziam: Como Deus é inefavel! Como nossa Senhora é boa mãe! da mesma maneira que, nutrindo commercio mundano com ela, eu pudera referir algures: Que belo tempo! Como as amendoeiras estão floridas! E ela, singelamente, pelo acenar de seus cilios incomensuráveis, devia responder-me, assim, com santas e jucundas banalidades.

Destas piedosas distrações participavam todos os que, naqueles largos e mansísimos dias de abril, enquanto lá fóra o cuco cantava, ali batiam no peito pecador. E não poucos eram, porque, se já o S. Francisco gosava a fama de ser, em ocasiões de jubileo e geraes, o rio Jordão das almas tórpeamente incardidas, com os frades do Espirito Santo que distribuíam indulgencias plenarias e reliquias da Terra Santa, a romaria viéra engrossando de longes terras. Raramente, em curtas e acicatadas rebeldias, a minha imaginação pousava naquele muladar quente de fornicação em que vivia, segundo Chinoca, a viscondessa de Valjoaninho. Depressa e espavorido, como rola domestica que sai fóra da gaiola, eu volvia a minha Senhora Santa Catarina e mais divinas mulheres cujo halito havia bafejado meu rosto, na excursão pelo reino da gloria.

Meu mestre ensinara-me uma oração que rematava: *Fugite diabolus in partes adversas*, e, pronunciando-a, era ela o talisman da mente pura. De resto, quem, no nosso seculo, teria coragem de lapidar a Samaritana?

Assim decorriam os exercicios espirituais; durante o dia, dôr de coração, exame de consciencia e contemplação; á noite edificação sob o verbo do reverendo Waldemar. A velha igreja de S. Francisco começava a rescender, como um açafate de frescas açucenas.

Uma daquelas noites, ao fim da pratica, fui com um pastor que junto dali acurrallava um pousio, acompanhar meu mestre ao presbyterio. O automovel da viscondessa estava em *panne* á porta de ferro e, em volta, enquanto o mecanico rastejava debaixo do carburador, minha mãe galrava como era de seu temperamento. Quando regressei, tudo repoisava no mosteiro. Sobre o silencio universal, a fonte dos monges levantava aquela solfa maviosa que media o escoamento do tempo no açude sem fundo do infinito.

Subi, ás escuras, a escada, que, na Casa dos Terceiros, leva ao pavimento que habitávamos, e, ainda que houvesse luz na cosinha e presumisse que minha mãe estaria a pé, de rota batida marchei a deitar-me. Acendendo a luz, qual não foi o meu espanto de ver o meu leito tomado por um corpo de deslumbrantes formas. Com o calor que fazia, todo o busto se esquivara ao agasalho das roupas, e, por entre as rendas da camisa, como duas pombas brancas num ninho, os peitos assomavam. Caiam-lhe os cabelos sobre as espaldas e os labios vermelhos filtravam um halito de saudavel e voluptuoso somno. Todo o focinho tam tentador, tam doce, que dava vontade de ajoelhar e ali permanecer em adoração, a ver, a aspirar, a enlouquecer, sem lhe bolir, até a consumação dos seculos.

Este horrivel marasmo deteve-me, ante tam diabolico espetaculo, o tempo de morrer, com convicção, de pecado mortal. Lembrei-me, porem, das tentações nefandas dos 'anachoretas e de minha ditosa madrinha e deitei a fugir. Um relampago de razão me dizia que aquilo era artimanha do mafarrico, porque se aproximava a hora da minha confissão e do meu voto.

Minha mãe saiu da cosinha, estremunhada :

— Que tens ?

— Quem está na minha cama ? — exclamei de voz alterada.

— Fala baixo, animal. Não viste o automovel á entrada da porta ? Porque entraste, sem falar ?

E explicou-me que era a snr.^a viscondessa quem ocupava a minha cama, porque a pernoitar sob telha alheia a forçara o desarranjo irreparavel do carro. Não lhe déra o leito dela, porque estava pôdre a palha do enxergão, e, de resto, como uma noite passageira é, eu dormiria muito bem na cosinha, sobre a esteira de junça, os pés para o borrarho.

E, prometendo-me um par de cascudos se fizésse barulho,

entrou para o quarto contíguo, onde meu pai resonava como um órgão de Sé. Logo de seguida, ouvi a faina do deitar, o ruído dos atacadores do colete, passando nas ilhozes, e das cinco unhas a coçar-se furiosamente.

Quando tudo serenou e a fonte se distinguiu naquela toada fixa de melopêa, ajoelhei e orei. Orei a anjos e santos da Côrte celestial para que me livrassem dos ruins instantes e das ciladas do pecado, em que, ás vezes, a razão do justo não sabe preservar-se do filtro capitoso que embebeda. Assim acontecera a S. Diogo que estruprara uma donzela e, saciada sua fome bestial, lançara o corpo a um rio. E, posto que aquelle grande criminoso fôsse beatificado e da victima nem se soubesse o nome, grande mercê seria para todo o christão ser-lhe poupado tal calice.

Eu assim implorava e tam encarecido e exhaustivo foi meu rogo, que adormeci extenuado. Mas em volta de meu somno rondava, como uma féra, a visão da gentil dama, deitada no meu catre. Uma voz dizia-me: Quêres ser padre, quêres ser casto, triste moço, nunca gosarás as melhores dadas da natureza, uma face alva de mulher roçar-se, fungando, ao teu peito felpudo de macho?! E com identicas velhacarias levou Satanaz a noite a atormentar-me.

Mal brilhou o luzio, saí para a cerca e a minha imaginação aplacou-se. O dia decorreu, christamente, bonançoso. Confessei-me, e Fr. Waldemar, confortando-me, desfez como cataratas que eram os rigores pondonorosos de minha fé. Contra os ralos do confessionario, por muito tempo, vi a silhueta fina da senhora viscondessa, coberta até os pés duma mantilha negra, em attitude suave de dolorosa. E reconheci que era aleivosia acoirar de instrumento de Satanaz ovelha tam docil ao Bom Pastor.

De passagem encontrei a Celidonia, que apascentava a cabra nas rampas verdes do caminho; num lance d'olhos, muito sério, lhe notifiquei que o nosso pacto estava quebrado.

Essa noite fui-me deitar, transbordando de jubilo como S. Francisco depois dos stigmatas. Na manhã seguinte receberia em meu peito a visita de nosso Senhor Jesus Christo, tam real e perfeitamente como está nos céos, a par da numerosa cohorte de fieis, e seria um cantico de gloria na terra e nos espaços.

Por uma censuravel economia minha mãe conservára na cama os lençóis da vespera, aquelles lençóis que se haviam colado sobre os órgãos mais intimos da viscondessa. Eram elles de belas

rendas e em fino pano familia, enquanto que os que andavam a meu uso eram de simples e de grosseira estopa. Agastou-me tal conjuntura, mas raciocinando que aquella dama era minha irmã em Christo depois de cinco dias de exercicio espiritual na nave do mesmo templo, e que mais duma vez os apóstolos e santos da christandade tinham ido repousar em cama de viúvas, e porque o sr. P.^e Waldemar verberára meu excesso de zelo, não dei ancoras á perturbação.

Mal, porem, recolhi a roupa por sobre os hombros, minha boa disposição toldou-se. A cama rescendia a um penetrante odôr, mixto de exalação de poros, de aromas de corpo que já amou e de sexo em plena potencia de amar, e de languida droga de perfumaria. Benzi-me e chamei-me desventuroso tres vezes. E, não querendo aspirar a onda suavissima, em meus sentidos penetravam seus milhões d'arestas. A cada movimento das roupas, como dum cofre balsamico, a poeira capitosa evolava-se. E prendia-me sobre o catre como a garra poderosa e doce dum belo monstro amoroso.

Meu entendimento dizia-me: estás na cama de Santa Maria Egypciaca antes de enveredar pela senda da virtude. Assim o cria, mas não houve invocação, nem conjuro que furtar-me podesse ao deleite novo que gosava.

E, dum lado, minha razão, do outro, meu instinto pelejaram de morte. Dizia aquella: Liborio, amanhã vais ter a dita de em teu seio albergar o inefavel; que elle esteja mais puro que o cristal de rocha. Este lembrava: Nesta travesseira, que a tua fronte amarfanha, poisou hontem uma voluptuosa cabeça loira; não sente a tua pele os efluvios da sua pele? Aquella aconselhava: a carne é a inimiga da alma e do entendimento; cegos duma e doutro sam os que se entregam á concupiscencia. O instinto repetia: aquelle corpo de gentis proporções, roseo e palido e alvo, palpou-o a roupa que te palpa. Não sentes em tua pele os pruridos de sua pele? A razão bradava sempre: amanhã has de consumir o pão de que os anjos se nutrem, o corpo de Jesus. Atenção, Liborio. O adversario tornava: Estes lençóis rolaram-se-lhe, talvez, como serpentes, nas pernas, nos braços e no tronco fundo. Não sentes seu tacto inspirado?

Acabou-se! O instinto venceu, e por sobre minha razão religiosa passou a cavalgada delirante do amor humano. Revi a viscondessa deitada no meu catre e estudeia-a minuciosamente, im-

placavelmente, com todos os palpites cerebrais, desde o nariz provocante á região secreta pela conquista da qual os deuses se transformavam em toiros, em chuva d'ouro e em espuma de mar. E desejei ser homem, e amar, amar até morrer, até cair no inferno. E porque minha luxuria era nova, porque a ação impura não iluminava meus desejos, meus dentes rangeram na noite.

Noite! tu representas no tempo o hemispherio de Satanaz; noite que alcovitas a virgem, que suggestionas o ladrão, que cobres de suor o enfermo; noite que desaçaimas as feras e o mal; noite que temem as aves, os justos e em que Jesus tremeu no Horto das Oliveiras, noites escuras, eu vos amaldiçoei nos intervalos em que minha razão dominava meu instinto.

No dia seguinte, com a covardia de fugir, ajoelhei á solemne mesa da comunhão. E, quando o ministro de Deus depôs a sacrosanta particula sobre minha lingua, pareceu-me esta um corpo estranho, metalico, fedendo mais que a dum pestifero.

AQUILINO RIBEIRO.

Revista do mez

A SALA BEETHOVEN

O MOTIVO DA SUA FUNDAÇÃO



O concerto sinfonico em Lisboa, parece, graças a Deus nosso Senhor, definitivamente lançado. A grande litteratura orchestral aclimata-se finalmente, e um auditorio cada vez mais quente, reconhece-o já e exulta com a posse desta divina linha que tanto faltava ao refinamento do seu espirito. Mas isto não é ainda tudo: — á implantação do concerto sinfonico foi possivel, porque Lisboa goza, como as outras capitais da Europa, de grandes locais onde esta esplendida manifestação de Arte e de Beleza pudessese expandir-se; se ainda não possui precisamente salas de concerto com capacidades para mil ouvintes, tem magnificos teatros e vastos circos que convenientemente as substituem.

O que porém falta em Lisboa é uma *sala intima* para o *concerto intimo*; é a escola condensada e requintada das «fórmulas intimas da musica; é a caza da Sonata, do Lied, do Quartetto, do *Recital*...

A ideia da Sala Beethoven surge pois duma necessidade estética de que todos nós somos mais ou menos vitimas; nasce duma lacuna humilhante, vergonhosa para uma capital da importancia de Lisboa que se tem visto privada, (sem um local adequado que oferecer aos concertistas), da presença e da exhibição de sumidades artisticas, cujo conhecimento tanto podia ter contribuido para a elevação intelectual do nosso publico. Publico finissimo, sim; apto e disposto á compreensão e á receptibilidade das mais levantadas manifestações

de Arte; mas ainda com cultura deficiente; sem criterio proprio, incapacitado de discernir o sublime do vulgar; envolvendo na mesma pasmaçeira a Leonora de Beethoven e a Serenada de Moszkowsky; colocando no mesmo nivel Wagner e Leo Delibes; e regozijando-se com pueril enthusiasmo quando qualquer regente de orchestra (que aliás conheça o seu officio) disciplina os arcos dos seus violonistas, com o fim de nos oferecer *unosinado* o escolastico e rançoso «movimento perpetuo» de Paganini...!

A Sala Beethoven será um abrigo, um conchêgo e um atractivo para artistas da envergadura dos Busoni, dos Hekking, das Julia Culp, Miszgmeiner, Kutscherra, etc., etc., cujas genialidades teem já electrizado o universal *dilettantismo* (na melhor e menos germanica acepção da palavra), cuja aparição tem já honrado, glorificado e consagrado até o proprio mundo mùsical no Porto... e que Lisboa não tem podido receber por não ter onde hospeda-los!... — Por extraordinario que pareça, julguei oportuno escolher precisamente o tremendo, o tragico e sangrento momento actual para solicitar o auxilia des almas sensiveis portuguezas em favor da ereção dum templo de Arte que invocasse o nome do sublime cantor da Paz: (Agnus Dei da Missa Solemnis); da Fraternidade: (Nona Sinfonia); do Amor e da Caridade: (a sua Obra toda...!)

A Sala Beethoven não terá tambem a unica missão de interessar apenas a sociedade musical de Lisboa; mas sim toda a mentalidade portugueza, porque aspiram os seus fundadores á renascença, nella, do teatro classico portuguez, (Autos de Gil Vicente, etc., etc.) assim como á expansão de qualquer outra Bela Arte, literaria ou plastica, cuja realisacão seja compativel com as possibilidades do quadro; e cuja tendencia revele a seriedade, elevação e pureza que os destinos da sala e o seu santo nome impõem. — «Enthusiasmus bleibe stets unsere erste treibende Kraft!» exclamava numa lingua classica o poeta Schiller em 1805:

«Que o enthusiasmo fique sempre sendo a nossa primeira força impulsiva» repetimos nós... cantando.

ALEXANDRE REY COLAÇO.

UMA CARTA DE RAUL LINO

Cumpre-me agradecer ao illustre critico de arte sr. Antonio Arroyo a atenção que lhe mereceu o meu anteprojecto para a Sala Beethoven e os louvores que me dispensou no seu artigo do 2.º numero desta revista; mas desculpar-me-ha se eu, correspondendo á lealdade da sua critica, me julgar obrigado a retorquir com uma pequena explicação.

Estranha o sr. Antonio Arroyo a falta de alegria no aspecto da fachada e o seu *estilo alemão*.

Eu conheço e senti a tentação de motivar nobremente a architectura desta casa naquela alegria beethoveniana que se me comunicou nas audições da nona sinfonia em Berlin, no saudoso inverno de 1911, e que me fez sentir nessa ocasião haver transposto pela primeira vez altissima serra, onde a atmospheria pura e rarefeita me impedisse de ouvir os meus proprios passos por sobre esta terra a que andamos tam apegados, e onde me julgara suspen-

so por sobre páramos que eu nunca ousaria esperar entrever, nem atravez a leitura de quantos tratados volumosos de filosofia transcendente estivessem ao meu limitado alcance! Mas se ao semideus de Bonn não bastaram os recursos de uma orquestra completa para atingir aquelas culminancias, tendo tido de recorrer ao canto coral; a mim, obscuro mas sincero obreiro, logo se me antolhou impossivel conseguir sequer uma palidissima cristalização dessa impressão sem ter como colaboradora uma alma gémea de estatuario que me tomasse a palavra quando fôsem exgotados os meus modestos recursos; colaboração esta que levantaria as maiores dificuldades, tanto artisticas como materiaes. Mesmo que estas dificuldades fossem removiveis eu não me sujeitaria a que esse projecto fosse executado em qualquer local, como vae acontecer na realidade; nem um monumento assim concebido poderia viver bafejado pelo hálito empestado da indiferença burguesa ou roçado pela ingresia rua-ceira de uma sociedade materialista e futil.

O projecto exigiria então um terreno muito mais amplo e uma situação muito especial de que nós, infelizmente, não podemos dispôr.

Perdoe-me por sua vez o sr. Arroyo por não seguir o seu conselho, não querendo agora, e a sangue frio, aplicar sobre a fachada, sentida como foi, alguns ornatos que lhe dariam, quando muito, apenas uma alegria... offenbachiana.

Discordando respeitosamente da opinião do sr. Arroyo sobre a derivação da moderna architectura alemã, que eu reputo resultante, em primeiro logar, de motivos espirituaes bem mais profundos, devo confessar que em principio não acho pernicioso uma influencia politicamente estranha desde que ela não se manifeste em copia arbitraria, mas que seja antes fundada numa analogia espontanea de modos de sentir emanentes de uma mesma fonte de inspiração.

Nas obras feitas com sinceridade a diferenciação nacional opera-se independentemente da vontade do artista, doseada apenas pelo seu temperamento, emquanto que a harmonisação com o meio geografico é uma questão de discernimento e de competencia profissional.

E' esta uma das maneiras como se dá a evolução dos estilos.

Se o meu projecto de uma sala, que ha de ter na sua testada o nome de um dos maiores genios musicaes, faz lembrar a alguem o *estilo alemão*, espero que me façam a justiça de crerem que isso tem uma justificação mais profunda que a que me levaria por exemplo, a construir um pavilhão de chá em estilo chinez...

Mas bem analisado, o meu projecto não é tão alemão como poderá parecer á primeira vista. A grande massa cubica de paredes brancas encimada por uma cobertura esmaltada de verde é um acorde *mais que português*, visto que só se me depara em edificações muito antigas das velhas Fês e Mequinês, no Algarve de alem-mar. O beirado classico português, conforme o projectei a arrematar a cimalha e que é para mim ainda o mais querido de todos os acroterios, não tem igualmente nada de alemão. E não serão aqui as pilastras copuladas um reflexo daquela minha amada ossatura architectural do nosso tam particular estilo do fecho do seculo XVI, architectura um pouco vã mas já com aquele garbo moderno que, segundo os ingleses, só se atinge após tres gerações de autorefreamento?

Devo dizer que não vejo grande proveito nesta analyse morfológica que redundará na inversão genésica de uma obra.

Emfim, o sr. Arroyo, como pessoa esclarecidíssima que é, não exige que eu para esta obra me vá prover de motivos por entre o cordame manuelino, nem no repositório da escola coimbrã da renascença, nem tampouco espera que eu me sirva de qualquer outro léxico de motivos oficialmente decretados nacionaes. Não, o erudito musicólogo sr. Antonio Arroyo aplaudirá por certo a minha ideia se eu lhe disser que para a fachada da sala Beethoven, com a sua triple portada avançando numa afirmativa ousada, me inspirei naquele estupendo motivo com que abre a quinta sinfonia, motivo cheio de energia, preñado de expectação e de fatalidade, como um prologo de revelação apocaliptica !

Será de uma austera reticencia o aspecto da fachada. Pois que não seja para as belas cousas que ali dentro se vão passar mais do que a turbada e inconfundivel mascara do grande homem foi para o germinar misterioso da sua cerebração divinal !

Lisboa, 16—XII—915,

RAUL LINO,

O MEZ LITERARIO

O conde de Sabugosa possui um alto sentimento das coisas e vidas passadas, empregando a sua devoção de tradicionalista e a sua arte de escriptor em erguer do esquecimento as figuras de mulheres que, nas côrtes ou nos conventos, souberam urdir uma intriga ou inventar um romance, sacrificar-se a Deus ou dar-se ao Peccado, rir-se com alegria, quando o riso corresponde a uma vibração natural e simples do Coração ou do Instincto, e chorar clara ou veladamente quando as lagrimas se arrancam do peito como uma confissão de fraquesa, que coloca um ser tão proximo da ruina que quasi toca o Infinito na sua face invulneravel.

O seu volume — *Gente d'Algo* — compõe-se de uma serie de evocações que se dealbam na luz dulcissima de um poente d'alem-campa, em que a dôr humana, por mais velha que seja e por mais vermes que a roam, accusa um indestructivel fundo de espiritualidade. A mulher passava, nos tempos irregulares do romantismo, por ser um anjo ou um demonio. Actualmente ninguem lhe chama nomes taes.

O seu ser é o equilibrio mais instavel que a fórmula pode realisar entre um pensamento que vem de Deus e um desejo que vem da Materia. Daqui nascem as suas hesitações constantes, o alcance das suas adivinhações que a fazem prophetisa e a successão das suas quedas, tão propicias ao desabrolhar das *flores do Mal*.

As mulheres que o conde de Sabugosa, nas tresentas e cincoenta paginas do seu livro, acorda do somno tumular, para lhes repassar o barro fragil da sua mortalidade com os clarões da alma que as animou, pertencem ao numero das que não consumiram os seus dias em inglorias tarefas, vivendo felizes e ignoradas em mansões de banalidade e rotinas faceis.

Nellas, a carne algumas vezes se illuminou de Bellesa para se sacrificar

em maior martirio. O amor profano ou divino povoou-lhes a mente de sonhos, vagas harmonias em que julgaram surprehender segredos que os deuses guardam para si. A illusão e a desillusão, a ventura e a desventura levaram umas a maravilhar-se com os favores da Fortuna, quando já a desgraça as ameaçava com o seu cutelo impiedoso; e a outras a horripilar-se com os golpes da Adversidade, quando a Felicidade lhes amanhecia em sorrisos prometedores.

Todas, porem, revelam uma vocação de quem, perante o jogo passageiro das apparencias e mentiras terrestres, deseja desencadear-se da sujeição ás formas imperfeitas da Fatalidade. Num só acto, num só gesto, numa só aspiração divina ou satanica jogam a sua existencia, afim de redimir-se de um jugo que julgam inferior ás forças que se colligam no seu animo.

Se o conde de Sabugosa possuísse dons de escriptor, de dramatisador e de mestre de labores litterarios como os tem de vidente de épocas mortas, o seu ultimo livro seria certamente na nossa pobre litteratura historica um bello friso, em que a graça, o amor, a phantasia alada, as serpes da Tentação, o misticismo ardente e o satanismo fino dos labios queimados pela ironia e o sarcasmo se agrupariam para rondarem em torno das nobres, magestosas figuras do velho Portugal. Tal não acontece.

A Livraria Ferreira editou com esmero o lindo volume.

O dr. Ricardo Jorge publicou uma pequena brochura com este titulo — *Ramalho Ortigão*. Em menos de sessenta paginas — escriptas numa linguagem que Camillo leria com prazer e talvez um rapido franzir de sobrancelhas — o illustre professor da Escola Medica estuda a personalidade daquelle que um dia tomou á sua conta lecionar a nossa gente, seguindo os manuaes do bom gosto, do bom senso e da arte desempoeirada e livre.

Não nos dá novidades, mas nem por isso é menos interessante. Numa prosa, cuja vernaculidade procura ser tão perfeita que o leitor pensa logo nos deleites peccadores do periodo estrangeirado, o dr. Ricardo Jorge, que foi discipulo do seu biographado num collegio do Porto, accentua, com um geito muito seu, os melhoses juizos que a critica até hoje proferiu sobre o homem e a sua obra.

Nega-lhe a *magia do sentimento, a magia de Camillo*. Seria realmente Ramalho um *frio, um inestesico*?

A ironia, o paradoxo, a graça, a simples charge, o dom de descrever a paisagem, a faculdade de justicar ridiculos, vicios e rotinas, a intuição do bello artistico, tudo isto são revelações de uma sensibilidade que, por não se exercer noutros dominios, nem por isso é menos legitima que a que canta, soluça, ruge ou fulge nas paginas convulsivas de Camillo.

A propria morte de Ramalho, tal qual a contaram os seus intimos, foi uma realidade tão emotiva que deixa a perder de vista exemplos mais gabados. Como drama de uma alma que se liberta e se coloca na justa harmonia do seu destino, parece-nos que Ramalho se escapa á lei de vulgaridade que diariamente abre covaes para dar um mau alimento ás larvas.

Os poetas mantem a Terra em juventude, teimando em não aceitar da

vida senão as licções brandas, propicias á criação das illusões. Os desgostos, as dôres, os incendios e es penurias longas passam pelas cidades e os campos, vincando bem nas ruinas e nos torrões a realesa do Genio do Mal. Morrerão os homens no deserto, sem uma esperança, sem um fremito de azas de pomba? Não, porque mais alto que os desesperos e os lamentos que se inspiram na tragica, rouca voz das decrepitudes e das tormentas, o coração humano faz ouvir as suas certesas.

Quando os imperios ruem, as cotovias voam no mais puro azul.

Outrotanto fazem os poetas.

Sendo a sua missão principal submeter ao rithmo, ao numero, ao espirito e á disciplina do Amor as rebeldias do Mundo e do Sentimento, elles são inacessiveis ao vulgar desanimo dos peitos fracos. Com alguns sorrisos e algumas folhas sêcas fazem um himno ou uma elegia — o que para elles vale tanto como os grandes factos do universo: formação de um orbe ou queda de algum astro.

Quanto elles tecem com a palavra e a inspiração!

As aves fabricam os ninhos com musgos, pennas e fios de lã. Elles são-lhes iguaes, nesta subtil arte.

Augusto Casimiro, no seu proprio lar, no sacrario intangivel das suas afeições domesticas, encontrou a fina materia prima do seu recente livro *Primavera de Deus*. Para ser feliz conservou-se, proximo ou distante, na plena comunhão dos misterios do amor — amor de pae, amor de filho, amor de esposc. Raramente um poeta conseguiu variar os mesmos themas sentimentaes em tão differentes carmes.

Como Carrière, que pintou principalmente as figuras do seu lar, compondo um poema de alma e côr, assim Augusto Casimiro, para se sentir na posse completa da sua humanidade emotiva, optimista e ardente não careceu de internar-se na selva bravia das paixões e procellas, onde os vates difficeis estudam a epopeia das gentes. Para elle o universo é tão vasto que nelle cabem quatro corações que pelas irradiações simpathicas do affecto se constituem soberanos contra a Desventura.

Se não fôra o tom monotono de alguns dos seus poemetos, a maneira de diluir nelles sentimentos que muito ganhavam em traduzir-se sobriamente em phrase limpida, Augusto Casimiro teria feito o seu melhor livro.

A edição, cuidada, elegante e leve, pertence á Renascença Portuguesa, do Porto.

*
* *

Antonio Correia d'Oliveira, iniciou uma série de dez poemas, para dar expressão lirica, religiosa, amorosa e elegiaca á paizagem e aos lares de Portugal, sob este titulo — *A Minha Terra*.

Estão já publicados os dois primeiros: *Caminhos* e *Auto do Ano-Novo* e, tanto num como noutro, ele sabe ser o poeta, cuja arte toca as coisas pequenas e humildes e lhes attribue a irradiação de agouros e vaticinios que convem a um paiz, o qual, na tristesa, descobriu o seu martirio e a sua ventura. E ao mesmo tempo, num fulgor grande de quem adivinha que, de distancia em distancia, de altura em altura, se chega ás portas do Infinito, elle mostra-nos como, dentro de nós, nas vibrações do nosso sentimento lusiada, pal-

pitam os maiores desejos e rugem os maiores clamores do homem em busca de si mesmo e da sua estrada redemptora.

Nos *Caminhos*, Antonio Correia d'Oliveira esboça, em quadros, onde a redondilha se faceta de maneira de reflectir as mil variações da nossa alma que, desde o berço ao tumulo, se inquieta e se busca, entre anceios e chimeras, as differentissimas figuras que os nossos passos desenham no solo — *Caminhos da Infancia*, *Caminhos da Terra alheia*, *Caminhos da minha Terra*.

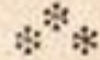
Todas as veias do corpo
Ao coração vão parar :
— Caminhos, veias da terra
Ao derredor do meu lar !

Dantes, á noite, aos caminhos
Sahiam almas de Avós ;
Sombras do Passado, agora
Quem põe mêdo aos mortos ? — Nós.

Eu deixei a minha terra ;
E vae ella, á despedida,
Abraçou-se em mim : e trago-a,
De rastos, por esta vida !

O *Auto do Ano-Novo* é a lenda christã do lar portuguez — gremio de corações velhos e moços que, ao bater da meia-noite, saudam, os velhos, o passado que se esvae em cinzas, mas rutilo das certas impereciveis com que na morte se revive ; os moços, entre os beijos e abraços, que prendem os corpos mimosos numa rendição absoluta das suas almas, erguem o himno da mocidade que se aventura pela vida fóra, anciosa de saciar-se nas emsombreadas fontes, onde a illusão corre em murmurios de uma ternura que se sente, mas se não conta.

A edição pertence á casa Aillaud e é de um raro apuro.



Os poetas a respeito da vida teem tomado as mais diversas atitudes, ora aceitando-a na sua forma heroica e divina, ora sorrindo-lhe com a timidez de quem dá os primeiros passos na estrada mentirosa das chimeras, ora renegando-a como uma mentira, perante a qual devemos acautelar-nos para guardar puros os rithmos do coração.

Mario de Artagão, no seu livro *As Infernaes*, cuja terceira edição acabamos de ler repousadamente, apresenta-se como um dos muitos que não querem deixar-se enredar na meada de feitiços que a miragem perenne das formas cria em volta das mentes credulas.

Tem o scepticismo de Mephistopheles a sua musa. Inspira-a a malignidade satanica.

Temperamento forte que a visão tragica, comica, caricatural ou funerea incita ao bello e aos caprichos da rima, que se presta ás mais raras irisações da ironia e do sarcasmo, Mario de Artagão mostra-se um principe de maldi-

ções que, ao vêr correr os seus semelhantes atraz de phantasmas e sombras vans, morde os labios num gesto de cansaço e desillusão, incapaz de incorporar-se na chusma dos que, crentes nos sortilegios do sentimento, caminham pelos areaes e pelos desertos, em busca do Palacio encantado da Ventura.

O optimismo é para elle uma maneira mui imperfeita de consumir-se no captiveiro das falsas esperanças. Prefere a duvida, a negação audaz, o nihilismo consciente e seguro de si, o atrevimento que mette os dedos pelos olhos da Esphinge, para bem se convencer da inamidade do misterio.

Os seus versos, resentindo-se do momento em que nasceram — a poesia procurando mirar-se na lamina dos punhaes, os poetas subindo ás terras gothicas para imprecarem as Potestadas — accusam toda a verdade de um destino que, para não se comprometter em rondas nocturnas e diurnas de um lirismo facil de vates bohemios, decidiu ser exacto comsigo mesmo, dizendo ao mundo e aos homens o que, perante a sua consciencia, se desvelava e impunha como o vaticinio de uma Inspiração sujeita a errar, mas não a mentir.

A edição pertence á Livraria Classica Editora, de Lisboa.

No proximo numero fallaremos dos seguintes livros e publicações: *A Cathedral de Reims*, de Pedro Martins, Livraria Portuense de Lopes & C.^o; *Revista de Educação*, n.^o 4, boletim da *Sociedade Estudos Pedagogicos*; *Gramatica Sintetica*, de Candido de Figueiredo; a *Lenda Infantista*, de João da Rocha, edição da Livraria Ferreira, Lisboa; *Camilliana*, n.^o 1, archivo de materiaes para um monumento litterario a Camillo Castello Branco, edição, propriedade e direcção de Alfredo de Faria.

J. MANSO.

CRÓNICA MUSICAL

A educação musical da população de Lisboa, que até há pouco tinha por única escola o teatro de ópera, vai-se já agora formando e desenvolvendo, com lentidão, é certo, mas com algum proveito, nas audições sinfónicas dominicais.

O Teatro de S. Carlos monopolizava, desde a sua fundação, a representação de ópera em Lisboa; de modo que, já pelo restrito número de lugares, já pelo preço dêstes, e ainda e principalmente pela sua natureza de teatro de côrte, a maioria da população via-se excluida dessas récitas.

O advento do constitucionalismo substituiu a aristocracia de sangue pela aristocracia da finança e burocracia: a plateia da ópera renovou-se, apenas, continuando, porém, S. Carlos a ser como que uma sala fechada ao público.

A darmos crédito à tradição, essa plateia, sempre a mesma, atingiu um alto grau de acuidade crítica, o que a fazia terrivelmente exigente e obrigava as empresas a contratarem sempre companhias de primeira ordem, tendo passado por S. Carlos as maiores notabilidades na arte do *bel canto*. E' dessa época que data a fama gloriosa do nosso teatro de ópera e da sua plateia.

Por minha parte, creio pouco nesta tradição, pois por demais conheço a total ausência de senso estético da burguesia aristocratizada e da plebe enri-

quecida : o que devia entam haver era um reduzido número de *dilettanti* artistas e conhecedores, cuja autorizada opinião era por todos respeitada e cujo juízo era dócilmente perfilhado e seguido por todos; daí, a aparência de sábia crítica dada pelos frequentadores de S. Carlos.

Acresce ainda que, vindo ao teatro apenas companhias italianas, era o fundo do seu repertório constituído por óperas italianas, e as estrangeiras dadas na tradução italiana e interpretadas por cantores da mesma nacionalidade e escola; dêste modo, a plateia conhecia apenas uma escola de canto e um gênero de música scênica, o que é evidentemente pouco para merecer a fama que grangeou.

Dêste mesmo exclusivismo proveiu a sua súbita queda : abertos novos horizontes à música de teatro com a criação wagneriana, a ópera entrou na agonia e o drama musical começou surgindo por toda a parte, sentindo-se em todos os países a formidável influência do genial bárbaro; perante as novas obras, a plateia de S. Carlos sentia-se inquieta, desnorteada, não sabendo como manifestar-se, falha de instinto artístico que a guiasse e lhe servisse de segura medida do valor daquilo que ouvia; desta lamentável falta de sentimento estético provinham extraordinários desvios do gosto, verdadeiras aberrações, quasi selvajarias, como, por exemplo, deliciar-se com a *Tosca* do sr. Puccini e aborrecer-se mortalmente com os *Mestres-Cantores!*

Tal era o estado em que se encontrava a educação musical do público que frequentava o nosso primeiro teatro, ou seja a *élite* social, quando a sorte mofina fez que ele fosse encerrado, e — já lá vão quatro épocas ! — encerrado permaneça.

*
* *

Fora da scena lírica, as manifestações musicais eram raras : um ou outro concêrto de música de câmara ou instrumental, de longe em longe, música de intimidade, imprópria para multidões, era a única amostra de actividade musical; a música colectiva, capaz de interessar a colectividade, de a apaixonar e educar, a orquestra, enfim, era desconhecida da grande maioria do público.

Não que em Lisboa nunca a tivesse havido : há largos anos fundou-se uma Sociedade de Concêrtos Populares, grupo de músicos saído da Associação Musical 24 de Julho, que, sob a direcção de Guilherme Coussoul, director do Conservatório e empresário de S. Carlos, deu o seu primeiro concêrto a 17 de Agosto de 1860 no Casino Lisbonense, instalado no prédio que faz esquina do Largo da Abegoaria para a Travessa da Trindade. Os concêrtos foram catorze nessa época, repetindo-se na época seguinte : este facto tem importância principalmente histórica; artisticamente eram estes concêrtos inferiores, pois se interpretava à letra a designação de populares, de modo que os programas eram destituídos de interêsse.

Só dezanove anos depois é que em Lisboa se realizaram verdadeiros concêrtos sinfónicos, sob a direcção do espanhol Barbieri : esta iniciativa deve-se a Tomaz Del Negro, o notabilíssimo trompista, que fazia parte da orquestra, cujas primeiras figuras eram excelentes. Foram dez os concêrtos realizados nesse ano de 1879 no Salão da Trindade entam se executaram pela primeira vez em Lisboa sinfonias de Beethoven, começando-se pela 5.^a Lisboa

só ouvia o maior monumento da música sinfónica setenta e um anos depois de ele estar feito!

No ano seguinte veio Métra dirigir os concêrtos, que também foram dez e no Salão da Trindade.

Nesse mesmo ano de 1880 inauguraram-se os concêrtos no Coliseu da Rua do Salitre sob a direcção de Colonne, que no ano seguinte voltou a dirigi-los, dessa vez em S. Carlos. Os concêrtos prosseguiram, tendo-os dirigido, além dos já citados, os regentes Breton e Rudorff.

Mas o público é que não seguia as audições com carinho e assiduidade, de maneira que em breve começaram a surgir dificuldades económicas; uma Câmara Municipal inteligente votou um subsidio de dois contos para a orquestra que mais tarde pretendia contratar o grande regente Hans de Bulow, o homem que elevou a arte de reger ao nível em que hoje se encontra, quando a Câmara se declarou impossibilitada de pagar o subsidio: os concêrtos sinfónicos desapareceram.

Largos anos se passaram sem que qualquer nova tentativa de organização duma orquestra sinfónica se produzisse, de maneira que as novas gerações desconheciam tal gênero, quando começaram a passar por Portugal as grandes e superiores orquestras de Paris e Alemanha: a Colonne, a Lamordeux, dirigida por Chevillard, a *Philharmonic* de Berlim por duas vezes, duma regida pelo húngaro Nikisch, doutra pelo alemão Ricardo Strauss, e por último, em abril de 1910, a Kaim de Munich, dirigida por Lassalle.

Estes concêrtos eram preciosos, inexcedíveis, e muito iam contribuindo para um comêço de educação: infelizmente eram sempre apenas quatro e de dois em dois anos; torná-los mais freqüentes era impossível, por isso que a economia do público não podia resistir a uma longa série de audições que tinham de ser muito caras.

Era necessário ressuscitar os antigos concêrtos, fundar uma orquestra, organizá-la, fazê-la, quasi executante a executante, realizar, enfim, um verdadeiro milagre. A tam árdua e bela empresa meteu ombros Michel Angelo Lambertini, que em 1906 dispunha duma orquestra numerosa, de que faziam parte os melhores executantes: os concêrtos foram apenas tres, muito espaçados, o êxito mediocre, e a orquestra dissolveu-se. Em 1911 repetia Júlio Cardona a tentativa; a orquestra durou um mês, em que deu dois concêrtos quasi despercebidos.

Esse mesmo ano de 1911 ia, porém, ver nascer os concêrtos sinfónicos; o milagre realizava-se por uma, de resto, naturalissima razão: tinha aparecido um regente.

A 26 de Novembro, num concêrto dado por Viana da Mota, a orquestra surgia a seu lado, sob a direcção dum aragonês pertinaz, de vontade brônzea, disciplinador, medularmente músico, artista sóbrio e honestíssimo nos processos, dotado ainda duma estupenda memória musical, que lhe permite libertar-se desde logo da partitura, e dominar absolutamente a orquestra.

A 24 de Dezembro a orquestra sinfónica apresentava-se só, tomando sobre si todo o programa, como pessoa já grande e emancipada: à sua frente Pedro Blanch conduzia-a nobre e galhardamente, não pretendendo apresentar as suas execuções como modelos mas apenas como amostras do que poderiam vir a ser.

As esperanças que logo todas as pessoas conhecedoras depositaram nas sólidas qualidades do regente não foram desmentidas, como o tem demonstrado o gradual e constante aperfeiçoamento das execuções, de ano para ano melhoradas, sendo as deficiências devidas mais ainda a causas materiais, como a má qualidade dos instrumentos, que a causas propriamente artísticas. Este mesmo defeito tem sido sucessivamente remediado pela substituição de alguns antigos instrumentos por outros de fabricação moderna.

O público logo no segundo ano começou a acorrer aos concêrtos do Teatro da República, a tal ponto que este gênero de audições passou a ter, além do seu valor artístico e educativo, um não menor valor industrial; dêste bem, que era a garantia da continuação e utilidade das audições, resultou um mal: o desejo de criar outras orquestras, sem se atender ao perigo que disso poderia advir, pois podia ser a morte de todas, nem à impossibilidade material de o poder fazer honestamente, visto não haver em Lisboa o número suficiente de executantes experimentados para constituir duas orquestras. Por isso a primeira tentativa, a duma orquestra dirigida por José Henrique dos Santos, no Salão da Trindade, não conseguiu vingar, morrendo á nascença.

A construção dum novo teatro fez reaparecer a mesma ideia: organizou-se uma orquestra sinfónica com um núcleo de executantes da já existente, que assim se viu privada de elementos que ela tinha educado e disciplinado, agregaram-se a esse núcleo os músicos necessários e a sua direcção foi tomada por David de Sousa, antigo aluno do Conservatório, que partira para o estrangeiro a estudar violoncelo e por lá demorara algum tempo, mostrando ao regressar, felizes propensões para regente.

Este facto grave não teve felizmente as terríveis consequências que seriam de recear; substituidas as figuras trânsfugas, a Orquestra Sinfónica Portuguesa continuou a sua evolução, porventura um pouco retardada por esse incidente, mas sem deixar de progredir incessantemente.

As suas audições tinham já criado um público numeroso, que não prescindia dos concêrtos dominicais, público que foi aumentando até o ponto de, estando a sala de S. Carlos absolutamente cheia, ainda o concêrto do Politeama ter larga frequência.

Tais são os altos serviços prestados à sociedade portuguesa pela Orquestra Blanch: a fundação dos concêrtos sinfónicos, a difusão do amor pela música, o desenvolvimento, embora lentíssimo, do senso estético, e a indubitável promessa de virmos a ter, dentro de cinco ou seis anos, uma verdadeira orquestra, que em qualquer parte poderá fazer-se ouvir e ser aplaudida.

*
* *

Para quem tenha vindo seguindo, época a época, semana a semana, as execuções da Orquestra Blanch, não cabem dúvidas àcerca desse futuro; todos os trechos são sucessivamente melhorados de execução, o que não quer dizer que não haja primeiras audições felizes, mas sim que o director da orquestra não se satisfaz com o suficiente, antes aneia sempre por melhor, o que constitui a característica dos artistas de raça e de essência.

Decerto a absoluta e rigorosa honestidade artística consistiria em ensaiar um trecho tantas vezes quantas as precisas para que a sua primeira audição

pública fosse sem senão; a isto, porém, se opõe o factor económico, esse implacável inimigo da Arte, e a leviandade do próprio público, que exige sempre novidades, preferindo a quantidade à qualidade.

Nos quatro primeiros concêrtos desta época — a quinta, — iniciada no dia 5 de Dezembro, foram executados pela primeira vez nada menos de sete composições, de diversos gêneros e escolas: os grandes clássicos alemães formaram a maioria, facto notável e consolador, como índice que é tanto da óptima orientação da direcção, como da capacidade dos ouvintes, que, se ainda, na sua maior parte, não conseguem apreender-lhes todas as belezas, lhes prestam em todo o caso a atenção solícita de quem deseja compreender.

As aberturas da *Ifigénia em Aulida* de Gluck e da *Flauta Encantada* de Mozart, e as 13.^a *Sinfonia* de Haydn e 2.^a de Beethoven, tais foram as obras clássicas trazidas pela orquestra ao conhecimento do grande público, sendo a execução das duas sinfonias digna do melhor elogio.

O romantismo de além Reno figurou com uma das páginas mais características e do mais representativo dos seus cultores: a *Bacanal do Taunhaeuser* de Wagner; que, atendendo à sua transcendente dificuldade, não fez desmerecer os créditos da orquestra.

A música francesa foi representada por dois dos seus autores modernos mais discutidos, louvados por uns até a glória, abocanhados por outros até a injúria, embora a tal semelhança de crítica corresponda a maior antítese de orientação: Cesar Franck e Ravel.

Do primeiro, o pai da *Scola Cantorum*, que tam altos serviços prestou à música gaulesa na sua luta contra o *maneirismo* do Conservatório, e fundador do neo-classicismo, que apparecia como natural reacção contra o ultraromantismo wagneriano, executou-se o trecho sinfónico da segunda parte da *Redenção*. Do segundo, cuja obra pertence quasi toda à literatura do piano, duma moderníssima e desconcertante originalidade, deu a orquestra a *Pavana para uma infanta defunta*, título que só por si define a modalidade do talento do autor.

Estas foram as novas obras dadas pela Orquestra Sinfónica Portuguesa aos seus ouvintes; das repetidas não podem deixar de mencionar-se, como interpretações ainda não atingidas anteriormente, e dignas de todo o aplauso, a abertura dos *Mestres-Cantores de Nuremberg* de Wagner e a abertura n.º 3 da *Leonor* de Beethoven; em ambas, condução e execução se equivaleram, sendo o ouvi-las um alto e nobre deleite espiritual.

HUMBERTO DE AVELAR.

OS THEATROS

Dada a sua permanencia no cartaz, a primeira peça portugueza este ano estreada no Nacional, comquanto não iluminasse de pura gloria literaria o nome que a subscrive, constituiu um apreciavel exito de bilheteira, muito do agrado, sem duvida, do sr. Chagas Roquette, o comediografo, e da sociedade artistica que lhe poz em scena *Dona Perpetua que Deus haja*. Afluindo ao teatro, o publico mostrou que acima de preocupações intellectuaes e esteticas coloca a idéa de se distrair e de desopilar. Divertiram-no os quatro actos da comedia que, embora se localise no Algarve, não possui caracter regional e com alguma propriedade se classificaria de mera farça, á maneira gervasiana,

se não houvesse o proposito de enternecer o espectador, desenrolando, a par dos episodios burlescos dominantes, um pallido, quasi ingenuo conflito amoroso entre pessoas ajuizadas e cultas. Não são essas, porém, com o seu sentimentalismo romantico, as personagens que enlevam o publico; as figuras grotescas e disparatadas, tanto pelo que dizem como pelo que fazem, seduzem-nos sobre todas, — a despeito do traço caricatural ser tão grosso que nem sempre a verdade se descortina através dele...

Com o diploma de engenheiro, um rapaz algarvio volta de Inglaterra á sua provincia onde vae dedicar-se a obras importantes, associado a um jovem camarada inglez que fala a nossa lingua como se aqui tivesse nascido e que forma da existencia o mais pratico e risonho dos conceitos. A familia do engenheiro parece limitar-se a uma irmã, quasi de saias curtas, que tem como professora e dama de companhia certa rapariga natural do Porto e orfã de pai inglez. A casa do recém-chegado correm a cumprimental-o amigos e conhecidos: o pároco, o medico, o professor primário, um major tarimbeiro, a mulher e a filha, um amanuense que acumula as funções burocraticas com as de poeta e jornalista e, por fim, os chefes das varias facções partidarias, que pertencem todos á mesma familia e que são recebidos em comum, satira politica que fecha o primeiro acto e que termina com a leitura das primeiras frases de uma mensagem de saudação ao rei, por descuido trazida no bolso, conjuntamente com a endereçada ao cidadão engenheiro, pelo republicano de fresca data que faz as apresentações... O major procura noivo para a filha casadoira, cujas prendas de mãos desvanecem os seus progenitores. Ninguém a excede nas florinhas de cabedal, nos bordados a missanga, nos pasteis de massa folhada, na execução de polcas e valsas ao piano. Dois partidos se lhe oferecem: o engenheiro inglez, que simpatiza com a menina, e o amanuense-poeta seu assiduo cortejador, um grotesco de cabeleira a quem o mestre-escola, que lhe tem birra, a cada passo enche de bordoadas com um cavalo-marinho. Mas o inglez resolve conservar-se celibatario e assim o comunica ao pae da donzela que o interrogára com uma insistencia idiota sobre as suas intenções e que acaba — do mal o menos! diz a mulher — por dar a menina em casamento ao poetastro, já nessa altura afortunado herdeiro de sua tia D. Perpetua, que a morte surpreendera a tempo. Simultaneamente, nasce e floresce o idilio do engenheiro portuguez e da miss. Por instantes, ensombra-o a suspeita, fundada num facil equivoco, de que a melancolica professora se deixara seduzir por um aventureiro da terra de seus avós. Tudo, no entanto, se esclarece: pertencia a uma irmã da inocente miss a grinalda de flôr de laranjeira que o D. Juan londrino desfolhara. E o pano desce sobre o ajuste de dois consorcios...

Onde reside o encanto, onde está o chiste de *Dona Perpetua que Deus haja* e porque razão agradou ao publico? O interesse, a graça, o exito da comedia proveem do que fazem e do que dizem o major e a mulher, o amanuense-poeta e o professor primário. O publico nem por um segundo se demora a pensar na inverosimil figura daquele oficial que pasma do talento da filha, só porque ela, tocando, tem o condão de transformar a marcha funebre de Chopin no mais ruidoso e alegre *passe-calle!* O publico delira com as inconveniencias, os solecismos, as facecias do major e da mulher que correm parselhas na desmarcada ignorancia e na grosseria inconsciente e deixa-se ca-

ptivar pelos ditos, muitos deles jocosos, outros dum humorismo trivial ou rebuscado, que esmaltam *Dona Perpetua*. O publico, em suma, segue com a infantil curiosidade de alguns visitantes do Jardim Zoologico os movimentos e as frases do ridiculo e guedelhudo poeta, modelo de critinismo e de poltronaria com intercadencias de bom humor e bom senso, e compraz-se em ver o mestre-escola perseguil-o como um maniaco, sobraçando (o generoso e previdente aggressor) um metro quadrado de adesivo — esse pouco! — para soldar as brechas que o cavalo-marinho porventura venha a produzir na cabeça, lombos e mais partes da sua victima...

O major asinino do sr. Chagas Roquette, supposto que alguma vez existisse, é hoje um fossil, se bem que Joaquim Costa, um actor de recursos, tirasse desse papel os maximos efeitos. O poetastro (Luiz Pinto) quasi inspira repulsa e o professor (Ignacio Peixoto), atrazado nos pagamentos mas dispondo de musculos e nervos para aquele malhar obcessivo nas costas do outro, dir-se-ia na afadigada e desprotegida classe uma excção. Entre as figuras grotescas, a mulher do major será a mais aceitavel, podendo crer-se — não nol-o diz a peça — que exercia o mister de lavadeira quando ligou os seus destinos aos do futuro official. Puliu-se a pedra do lavadoiro, mas não se lhe puliram os modos, que permaneceram sensivelmente os mesmos, apesar das promoções do marido, seu emulo em necedades e destemperos. Lucinda do Carmo, admiravel comediante, incarnou com a necessaria *gaucherie* a pitoresca mulher do major. Outras personagens, como o engenheiro inglez, o pá-roco e o médico, são bem tracejadas; seria, porém, arrojo considerar a comedia do sr. Chagas Roquette um seguro padrão de técnica teatral. Mas que mporta isso ao publico, que apenas deseja distrair-se e desopilar?

* * *

Querendo render homenagem a Julio Dantas pelo exito que obteve *Sóror Mariana*, representada cincoenta vezes seguidas no seu teatro, para o qual foi expressamente escrita, organisou a empreza do Gymnasio uma recita cujo programa abrangia, alem do acto referido, a farça *D. Beltrão de Figueirôa* e a tragedia moderna *Mater dolorosa*, concluindo o espectaculo com a leitura, pela actriz Luiza Lopes, da primeira das celebres cartas da freira de Beja. *D. Beltrão*, que o proprio autor denominou «comedia ingenua, ao gosto do seculo XVII», é uma das mais delicadas miniaturas da serie soberba de peças de Julio Dantas em um acto, já agora quasi todas traduzidas nas mais cultas linguas da Europa. Havia anos que essa linda farça se não representava, despertando assim a sua reaparição o interesse duma primeira. Escrevera-a o autor para um notavel grupo de artistas: Lucilia e Lucinda Simões, Cristiano de Sousa, Chaby Pinheiro e Henrique Alves. Mais modestos, os seus novos interpretes não avivaram saudades dos outros porque se houveram quasi todos com inteligencia e probidade artistica muito de louvar. Para que Celeste Leitão (Celiména) fosse uma preciosa galantissima, concorreram, além do seu talento, o viço da sua juventude e a sua belleza insinuante. Joaquim Almada (*D. Beltrão*) e José de Almeida (Frei André) disseram e representaram com inegavel acerto. *Mater dolorosa* — outro aspecto da obra de Julio Dantas como auctor de teatro — é o intenso drama de uma rapariga engomadeira que arrasta a tuberculose e um filhinho por quartos alugados e a quem o pae do

amante, que lhe morrera, leva a criança para a furtar á miséria e a livrar do contagio, abandonando impiedosamente a triste mãe. Julio Dantas que nas suas peças historicas ou de sabor historico revive figuras e épocas, costumes e caracteres, com um singular poder evocativo, reproduz com o mesmo vigor e teatralisa com a mesma arte scenica os episodios, as luctas, os soffrimentos da vida contemporanea. Pinta, esculpe, fotografa, anima as suas personagens com identica virtuosidade, quer se ergam, movam e falem trajando veludos, luzindo joias, fazendo mezuras, em armoriados salões, quer agonizem no algido e lugubre desconforto duma casa de hospedes, vestindo trapos, gritando angustias, curtindo fomes... Os interpretes de *Mater dolorosa* puzeram o maior empenho na reprodução do pungente realismo da tragedia e quasi todos compartilharam com justiça das carinhosas ovações de que foi alvo Julio Dantas.

*
* *

A companhia de declamação actualmente no Politeama prepara um largo repertorio com que pretende visitar dentro em breve o Brasil. As primeiras figuras, societarias do Nacional, são Palmira Torres e Inácio Peixoto. Faz tambem parte da companhia Etelvina Serra que abandonou a opereta. Entre as recentes peças representadas no Politeama deve mencionar-se *A Martir*. A gente velha, que viu os Rosas, o Brazão, a Virginia, a Damasceno, a Falco declamar e chorar esses cinco actos, correu de novo a ver a peça, saudosa de um tempo que não volta mais; a gente moça, familiarisada com o moderno teatro, teve ensejo de admirar ainda mais, mediante o confronto, a perfeição attingida pela técnica dos dramaturgos dos nossos dias e não só a diferença de processos, que hoje se não admitiriam tão ingenuos e artificiosos, mas tambem a dos assuntos. Como obra de arte, *A Martir* é já uma peça de museu, um documento apreciabilissimo na esfera da arqueologia teatral; como intriga, a sua inverosimilhança não se discute, porque apenas patologicamente se admitiria a abnegação da protagonista, o seu criterio de honra e de virtude. O melodrama de d'Ennery obteve por parte dos artistas do Politeama um desempenho muito aceitavel, em que se distinguiu Palmira Torres. Cultivando, ao mesmo tempo, a farça e a tragedia, esta actriz representou em seguida a scintilante e maliciosa peça franceza *L'enjôleuse*, tres actos de X. Roux e M. Serginlo, que Acacio Antunes traduziu com o titulo de *Bichinha gata*. E a mulher coquette, que sabe o que vale e o que pode, e que se compraz em ver a seus pés rendidos os admiradores que seduziu com a caricia dum olhar, com a musica duma frase, com a promessa dum sorriso, com a graça duma attitude, com o perfume inebriante do cabelo e da carne, mas sempre fiel ao marido, um architecto a quem ama como na primeira hora, incapaz de atraí-lo e por cujo amor atrae os seus apaixonados, tendo apenas o fito de lhe alcançar... clientes. Através dos três actos de *L'enjôleuse*, encadeia a fantasia dos auctores scenas dum humorismo delicioso, por vezes levemente picante mas nunca desbocado ou descomposto. A interpretação de semelhantes peças dum parisianismo requintado deixa, por via de regra, a desejar. Palmira Torres, que é uma actriz de talento e cultura, procurou na protagonista suprir a deficiencia de condições pessoas, lançando mãos de todos os recursos da sua arte, que são muitos.

*
* *

A revista prevalece nas simpatias populares. *O dia de juizo*, de Eduardo Schwalbach, prosegue triunfalmente na Trindade; por sessões, mantem-se no Eden o *Dominó*, de Pereira Coelho e Alberto Barbosa; na Rua dos Condes, tambem por sessões, resurgiu *Não desfazendo*, de André Brun, com o aperitivo de Cinira Polonio em varios numeros da sua auctoria literaria e musical; no Avenida annunciou-se *Maré de rosas*, a nova revista de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos. O teatro Nacional, porém, reconsiderando sobre o papel que lhe incumbe exercer, prometeu resuscitar *Frei Luis de Souza* com a estreia duma actrizinha de treze anos, Judit de Castro, na personagem de D. Maria de Noronha. Nunca é tarde para arripiar caminho...

AVELINO DE ALMEIDA.

CHRONICA D'ARTEEXPOSIÇÃO DE AGUARELA, DESENHOS E MINIATURA,
DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES

Com todos os seus defeitos e insuficiencias, a exposição de aguarelas, desenhos e miniaturas, atualmente aberta ao publico nas salas do edificio da Sociedade Nacional de Bellas-Artes, tem para nós, alem do interesse de algumas obras expostas, o encanto especial da sua particularisação. Sem a selecção que seria para desejar, a producção artistica portuguesa tornou-se excessiva para um só *Salon*, e tanto mais excessiva quanto são bastante relativas as dimensões do recinto que lhe é destinado; e o resultado é as exposições anuaes resultarem de pouco ou nenhum ensinamento por as obras más se exhibirem de mistura com as boas, o que sem aproveitar ás primeiras prejudica e desvaloralisa as segundas.

Depois as obras de reduzidas dimensões e com a discreção que revestem necessariamente os desenhos, aguarelas e miniaturas exigem uma atmosphaera especial incompativel com a visinhança das grandes telas, absorventes na vastidão das suas proporções e na nota tantas vezes gritante das suas côres. Bem avisado portanto andou a direcção da Sociedade organisando as successivas exposições que se iniciam agora.

Das secções do certamen a mais attrahente é a da aguarela, arte de uma suggestiva intimidade como nenhuma outra e vivendo sobretudo do poder de anotação rapida e impressiva do artista. Mas para quem, nestas syntheses dos esforços dos artistas que são as exposições, procura, como nós, alguma coisa mais do que o encanto dos olhos, a secção dos desenhos impõe-se como a de melhor prova e mais seguro ensinamento. E pena foi por isso que a ella não tivessem concorrido todos os nossos artistas, sobretudo os maiores, como Columbano, Souza Pinto, Malhõa, Salgado, Freire, Marques de Oliveira, João Augusto Ribeiro, Antonio Ramalho, Carlos Reis, Antonio Carneiro, Constantino Fernandes, Sousa Lopes, etc. O conjuncto d'esses desenhos, que em grande parte seriam decerto dignos da *cimaise* de um grande museu, explicar-nos-hia melhor do que qualquer outro elemento as qualidades e defeitos das modernas gerações, como igualmente nos daria a chave da solidez ou insufficiencia da obra d'esses nossos mestres.

Para olhos pouco educados, o brilho das côres encobre muitas vezes,

sobretudo emquanto as telas teem a frescura do seu recente acabamento, defeitos essenciaes de construção que conveniente seria que o publico se fosse acostumando a observar para melhor orientação dos seus julgamentos. Demais é preciso dar-se ao desenho toda a importancia, bem mais do que a que infelizmente lhe é dada por alguns dos nossos artistas em evidencia; e uma das maneiras de o valorisar seria, parece-me, apresental-o de per si como uma arte, não o deixando no plano secundario de um simples elemento accessorial.

*
* *

De entre todos os desenhos expostos, destacam-se os de Martinho da Fonseca, a quem, com absoluta justiça, foi adquirido, para o museu nacional de arte contemporanea, o seu «Perfil», n.º 210 do catalogo. Martinho da Fonseca, cujos trabalhos, de ano para ano, o vem afirmando com mais segurança como um dos novos a quem está certamente reservado um brilhante futuro, comprehendeu que o verdadeiro triunfo em arte só cabe aos que, em um obscuro e paciente esforço de todos os dias, teem a coragem de sacrificar-lhe as faceis e immediatas gloriolas. E nessa orientação vem medindo cuidadosamente os seus passos, gastando com avaresa na accumulção de elementos para um trabalho mais largo, de futuro, as forças que outros, com menos valor e qualidades do que elle, teriam já desperdiçado em exhibições mais espetaculosas e de mais rapido efeito. Os seus desenhos, com excepção do seu «retrato do arquiteto Rebello d'Andrade», a que é de lamentar se tenha dado o logar de honra que se lhe deu, recomendam-se pela sua solida correção e grande character, o que é tanto mais de louvar quanto o seu traço, sem duresas nem empastamentos, reveste sempre uma grande elegancia e levesa.

A seguir e ao lado de Migueis, destaca-se Alves Cardoso. Educado por em, e diferentemente de Martinho e Migueis, nos methodos impressionistas, os seus desenhos ganhariam com uma maior observação, soffrendo de serem «feitos um pouco do chic», como se diz em calão de *atelier*. Só o seu carvão, «Rapariga d'Aldeia», escapa quasi por completo a esse mal, contra o qual Alves Cardoso, justiça é dizel-o, vem luctando victoriosamente de exposição para exposição. Com ligeiras faltas de modelado, essa cabeça que, para mais, o artista conseguiu tornar «habitada», é de um grande encanto de côr e tem a magia que lhe dá a expontaneidade que, pelo menos, aparenta. Migueis é um desenhador correcto, reflectindo a boa escola em que foi educado, mas na maioria dos seus estudos d'este ano o seu processo muito esculptural, de tracejar, surge-nos com demasiada duresa para a qual concorre, tambem, a anatomia da figura que lhe serviu de modelo.

Na secção de aguarelas, destacaremos Roque Gameiro com a «Manhã no Valle da Ronca», Alves de Sá com os «Choupos no Outomno» e «Recolhendo a casa», adquirido para o Museu Nacional de arte contemporanea, Migueis com o «Jardin du Luxembourg», José de Barros com a «Tapada da Ajuda», José Julio de Barros com «Casas á Tarde», «A Porta da Misericordia» e «A Biguinha» e Mily Possoz com o «Estudo de figuras n'um Jardim» e «Creança pintando», adquirido para o Museu.

Graças sobretudo não já aos novos, mas aos novissimos, esta secção é deveras interessante, devendo reter-se os nomes de José Julio de Barros e José de Barros como o de dois temperamentos de aguarelistas que virão de

futuro a triunfar na especialidade a que se dedicaram, desde que venham a ter um mais completo conhecimento do desenho. A aguarela é bem aquilo, com o toque rapido da aguada e a valorisação impecavel de importantes espaços reservados; pena é que a casa que constitue o tema principal de «A Biguinha» não esteja de pé e que a mesma falta de conhecimento das leis da perspectiva se encontre nas suas «Casas á Tarde», em que ha lindos e bem observados effeitos de luz nas vidraças da casaria.

Gameiro que é, sem duvida, o grande pontifice da aguarela em Portugal e a quem, na sua especialidade, a arte portuguesa tanto deve, apresenta-se mal, sendo o grosso do seu *envio* constituido por trabalhos de caracter industrial que melhor seria não ter exposto.

Bem andou entretanto a Camara Municipal de Lisboa em lhe comprar, para o futuro Museu da cidade, a sua «Rua de S. de Miguel (Alfama)», que é um interessantissimo documento para a historia da nossa capital. Alves de Sá, que é tambem um dos nossos bons artistas no genero, cuidou egualmente d'esta vez menos a sua remessa e só isso pôde explicar descuidos como o que tão evidente é na sua linda aguarela «Choupos no Outono», em que o artista aproximou, ao centro, duas manchas de côr absolutamente eguaes: a do pêlo de uma das vacas e a do tronco da arvore a que ella se encosta. E isto é tanto mais lamentavel quanto esse trabalho que, na sua tonalidade quente e finamente doirada, nos faz pensar em Silva Porto, é uma das boas coisas de Alves de Sá.

Dos miniaturistas expositores, citaremos Arthur Vieira de Mello e D. Maria da Conceição Silva; e, de entre estes dois, destacaremos Vieira de Mello que, no seu retrato de uma senhora de idade, se affirma como um artista cujo nome mais tarde, a continuar o sr. Vieira de Mello nesta boa orientação, terá o direito a ser lembrado ao lado dos de Primavera, Menezes e Almeida Furta-do, que tão superiormente se evidenciaram como miniaturistas no começo do seculo passado.

J. F.

RAMALHO ORTIGÃO

A Sociedade de Estudos Pedagógicos consagrou a sessão publica de 22 de Dezembro à apreciação de Ramalho Ortigão, o moralista de acção, o lutador que aspirou a regenerar, de alto a baixo, a sociedade portugêsa de há quarenta anos, que deu «com uma profunda convicção de solidariedade e de responsabilidade», segundo as suas proprias palavras, uma lição e um exemplo valiosísimos, inolvidáveis, mantendo-se, por cêrca de vinte anos, em guerra aberta, pela justiça e pelo dever, contra tudo quanto se lhe afigurava atroflador do espírito público, estirilizador da vida nacional.»

Assistiram o Ministro de Instrução Pública, o Secretário Geral do Ministério, muitos sócios da Sociedade, bastantes pessoas de elevada categoria no meio educativo português. Leu a apreciação o professor do Liceu de Pedro Nunes, Sr. Prado Coelho, apresentado à assistência pelo Presidente da Sociedade e Reitor da Universidade de Lisboa, Prof. Almeida Lima.

O conferente referiu-se à aparição, em 1871, das *Farpas*, «a sua grande obra por excelência», que aproximou das *Conferências do Casino*, «movimento intelectual contra a depressão do viver português, extremamente apá-

tico, atolado na banalidade, a que faltava a primeira, a mais indispensável das condições orgânicas do progresso, «a coesão da vida portuguesa», conforme os próprios termos de Ramalho Ortigão.»

Historiou a intervenção de Ramalho na *questão coimbrã*, em que, em 1865, se tinham revelado quasi todos os promotores das conferências de 1871, e recortou de uma carta de Ramalho ao Sr. Dr. Teófilo Braga a orientação doutrinária do autor das *Farpas*: «Liga-nos um comum espírito de racionalismo, de humanização positiva das questões morais, de independência de vistas, mas de modo nenhum impomos uns aos outros opiniões e ideas, fora do âmbito marcado tão largamente à nossa unidade por êsse comum ponto de vista. Seremos, em religião, pelo sentimento criador do coração humano, contra os mitos doutrinários das teologias; seremos, em política, pelo govêrno do povo pelo povo; em sociologia, pela emancipação do trabalho; em literatura e arte, pelo fim social e civilizador da arte e literatura, combatendo as tendências egoístas e esterilizadoras que hoje predominam. Dentro disto, todas as opiniões são perfeitamente livres, assim como todos os assuntos. O nosso fim é produzir uma agitação intelectual na nossa sociedade, lançando em cada semana uma ideia ou duas para o meio desta massa adormecida do público.

As *Farpas* fizeram o que o brusco encerramento das conferências não permitiu fazer-se. Através delas, «perpassa, como uma lufada de ar puro, um saudável espírito que não deixa de ter íntimas afinidades como que unia os propagandistas do Casino».

«O que as *Farpas* representam de energia, de esforço, de coragem, de abnegação, de sacrifício é, pensando bem, verdadeiramente extraordinário.

«Um autor menos viril, de qualidades morais menos exuberantes, de mais apagadas virtudes cívicas, não as faria, ainda que o servisse a arte mais aprimorada e a mais apropriada ao género.

«E' trabalhador quem quer, mas já não é lutador quem quer. Ora as *Farpas* eram, por sua natureza, uma empreza de lutador, mais que uma produção de estética literária.»

Apreciou o processo de crítica das *Farpas*, que mais teriam valido se, fazendo uma crítica de desbaste, como era preciso, esta fôsse contrabalancada por uma crítica mais rasgadamente, mais intencionalmente construtiva.

«Os grandes problemas sociais, o político, o religioso, o educativo, foram tratados imperfeitamente, o educativo talvez mais ainda que o religioso, o religioso sem dúvida mais que o político». Quanto ao problema educativo, por exemplo, de uma gravidade excepcional para quem com tanto ardor empreendia um movimento de renovação, faltam nas *Farpas* as soluções concretas, positivas, coordenadas em plano.

«Em 1899, «ressumbra das palavras de Ramalho um desânimo extremo» — desde então as *Farpas* perdem a sua razão de existir e com efeito pouco mais duram. «Nesse dia, pode declarar-se bem alto que o lutador morreu e o homem começou a envelhecer».

O trabalho do Sr. Prado Coelho deixou em todos que tiveram o prazer de o ouvir a impressão dominante de uma não vulgar honestidade de crítica e de um sincero amor da verdade, «a incorruptível verdade», que, no dizer do próprio Ramalho, aos mortos é devida.

BRAGA PAIXÃO.

Noticias & Comentarios

O BRAZIL NA ACADEMIA DE SCIENCIAS DE LISBOA

Publicamos hoje, na integra, a interessantissima comunicação do nosso querido e eminente colaborador dr. Alberto de Oliveira, na ultima sessão da Assembleia Geral da Academia das Sciencias de Lisboa:

«Cumpre-me, em primeiro logar, agradecer a honra que me fez a Academia, dando para ordem da noite desta Assembleia Geral as singelas considerações que tive ocasião de expôr na sessão de 2.^a classe de 18 de Dezembro, sobre a necessidade cada vez mais instante de se estreitarem as relações intellectuaes luso-brazileiras.

O assunto é por demais conhecido do illustre auditorio para que eu tenha de ocupar o seu tempo a versá-lo nos seus pormenores. Foi de resto um dos vossos mais eminentes consocios — o falecido professor Consiglieri Pedrozo — que em tempos recentes se fez o apostolo dessa boa causa e traçou para a sua propaganda e defeza um programa de linhas nitidas que ainda agora deve servir de base aos nossos esforços.

Eu sou apenas, pela circumstancia da minha residencia no Rio de Janeiro e porventura tambem pelo affecto e interesse que sempre me mereceu a vida brazileira, uma testemunha de vista capaz de depôr perante vós sinceramente sobre a passividade ou apathia de que me parecem sofrer as relações intellectuaes entre os dois povos.

Por isso, ao agradecer a minha eleição de socio correspondente desta illustre Academia, quasi simultanea á da minha entrada, sob igual titulo, na Academia Brazileira, eu vos dizia, em officio datado de 26 de Julho ultimo, que só de um modo me seria porventura dado corresponder ao lisongeiro testemunho de consideração com que me honrastes, e que bem quizera poder ter merecido, não apenas pelo ardor das minhas predilecções literarias mas tambem pela continuidade e fecundidade (que infelizmente não posso invocar) do meu culto ás letras.

Oferecia-me eu, visto achar-me investido no Rio de Janeiro de uma função official que me impõe o dever de procurar estreitar os laços de

toda a natureza que ligam Portugal ao Brazil, para tudo o que tendesse a estabelecer uma aproximação mais intima, um contacto mais directo entre as duas Academias que quasi ao mesmo tempo, e com tão indulgente gentileza, me acolheram no seu seio. Lembrava a proposito que a Academia Brasileira, cujo numero de membros nacionaes e estrangeiros é limitado respectivamente a 40 e 20, inscreveu nos seus estatutos a clausula de que metade dos seus membros estrangeiros devem ser portuguezes. A oferta ao nosso paiz desta excepcional prerogativa não partiu apenas, observava eu, de um sentimento de grata amizade. Ela encerra um pensamento fecundo e revela quanto os Brasileiros estão conscientes da parte que tem de caber sempre aos seus ascendentes de aquem-mar na formação do Brazil e quanto se empenham em tornar bem ampla o que poderei chamar, lançando mão de um termo juridico, a nossa *legitima*, na repartição, não só dos proveitos, mas especialmente dos encargos e responsabilidades, que os destinos d'aquelle grande paiz impõem em comum a todos nós.

Observava eu, por fim, que á Academia das Sciencias de Lisboa, que nasceu luso-brazileira e que ha um século tinha como seu secretario geral o illustre José Bonifacio, uma das maiores figuras do Brazil, cabia de direito tomar eficazes iniciativas a fim de que se criem multiplos e constantes laços de solidariedade, cooperação e harmonia entre os homens de sciencia, de letras e de arte de Portugal e Brazil, empenhando nessa tarefa todo o nosso zelo vigilante e até o nosso natural ciume em face de alheios competidores.

Reproduzo estas palavras porque elas exprimem claramente o meu pensamento; e aqui ratifico á Academia, de viva voz, o oferecimento da minha boa vontade, maior que o meu prestimo, em todas as incumbencias que a sua illustração e patriotismo lhe indicarem, e para cuja realização eu possa contribuir.

Interessei-me sempre fervorosamente pelo Brazil e sempre dê longe procurei segui-lo em todos os progressos da sua cultura intelectual. Ligavam-me a alguns escritores brazileiros, a quem conhecera na Europa, relações affectuosas e cordeas. Mas só depois de estar no Brazil pude medir a amplitude da minha ignorancia sobre as coisas brazileiras, reconhecendo que Portugal corre o risco de perder de vista esse seu grande filho de além do Atlantico, e que a distancia que dele nos separa está pezando muito mais gravemente sobre as nossas relações, hoje que os paquetes de luxo a transpõem em poucos dias, do que nos tempos idos das nossas tão gloriosas como perigosas e lentas navegações.

No Brazil fui encontrar, mais intenso e mais brilhante do que esperava, o culto da nossa lingua e a projecção da nossa mentalidade em todos os aspectos da vida nacional. Vi que as influencias de outros paizes, por mais engenhosamente que se exerçam, não conseguiram ainda destruir o fundo portuguez, a *lusitanidade* da formação brazileira. Ao encontrar em casa de Ruy Barbosa o ultimo Dicionario Portuguez do Snr. Candido de Figueiredo lido da primeira á ultima linha, e crivado de notas e observações em todas as suas paginas, ao ver como esse grande Manuel Bernardes ou Antonio Vieira dos nossos tempos guarda ciosamente, e acrescenta dia a dia, o precioso thesouro da nossa lingua, eu sinto-me seguro e orgulhoso dos destinos da nossa cultura na America do Sul.

Quando pude ler as conferencias que Joaquim Nabuco, sendo embaixador do Brazil nos Estados Unidos, pronunciou em diferentes Universidades americanas, tomando como assunto de todas ellas Camões e os *Lusiadas* e fundindo assim numa só a historia do seu paiz e a nossa, compreendi melhor que largas e novas possibilidades se abririam ás relações luso-brazileiras se todos as cultivassem com a superioridade de vistas do eminente diplomata, parlamentar e escritor, que tanto honrou a nossa raça.

Fiquei desvanecido de ver que nas bibllootecas particulares dos homens de letras brazileiros os classicos portuguezes são colecionados com amor e lidos assiduamente. É tal o gosto da boa linguagem vernacula, que escritores nossos como Castilho e Latino Coelho são admirados e sobretudo estudados no Brazil porventura mais do que em Portugal; e posso até dizer que o grande poeta brazileiro de quem tenho a honra de ser homonymo é verdadeiramente um segundo Castilho, em quem o Mestre severo não teria deixado de reconhecer um digno herdeiro dos seus altos dotes literarios.

Não falo já dos nossos escritores modernos que, como ninguem ignora, fazem o seu nome ao mesmo tempo em Portugal e no Brazil e ali encontram fructuoso mercado para as suas obras, colaborando muitos deles regularmente nos mais importantes jornaes do Rio de Janeiro e de S. Paulo.

Devemos ao Brazil, neste ponto, uma mais ampla e carinhosa reciprocidade. Temos de confessar que muitas obras valiosas da literatura brazileira moderna são quasi desconhecidas entre nós, apesar de sêrem bastantes vezes editadas por livreiros portuguezes. Romancistas eminentes como o grande Machado de Assis e a illustre D. Julia Lopes de Almeida, quasi portugueza — seu pae, falecido ha poucos mezes, era um dos decanos e um dos ornamentos da nossa colonia no Rio — não são conhecidos e estudados em Portugal como tinham direito a sê-lo. E não quero citar mais nomes ao acaso para não incorrer em omissões involuntarias, tanto são os homens de real valor que no romance, na poesia, na critica, no jornalismo, na historia, nas sciencias juridicas e economicas, alcançaram a celebridade no Brazil sem têrem deixado de ser quasi ineditos em Portugal.

Esta situação, se não fôr modificada a tempo, não pode deixar de vir a ocasionar graves danos á nossa cooperação, ainda hoje tão intensa, repito, na formação inteleciual d'aquela nação nossa filha e nossa irmã. Não hesitemos portanto em definir o mal para melhor achar o remedio: somos, creio eu, distrahidos estudantes do Brazil, tanto do seu passado, apesar do estreito entrelaçamento que o prende com o nosso, como da sua vida actual em todas as suas formas e aspectos. A historia, a geografia, a literatura, a politica, a administração, o movimento economico, scientifico, juridico, do Brazil, occupam deficientemente os nossos espiritos. No entanto o Brazil, apesar de estar tão longe, é o verdadeiro prolongamento, amplissimo e ilimitado, do nosso exiguo territorio nacional. Portugal e o Brazil deveriam pois casar-se e fundir-se como as duas vogaes do mesmo ditongo, deveriam constituir sempre dois sons diversos numa unica sylaba.

É indispensavel que as nossas gerações novas, que a mocidade das nossas escolas estude e conheça o Brazil, e se habilite assim a cooperar no engrandecimento dessa nação, que ainda ontem se ergueu do berço, e na qual terá de desdobrar-se cada vez mais, em sucessivas e decerto que felizes evo-

luções, a nossa propria personalidade. Quem nos dá o bom exemplo do cumprimento desse dever é a nossa população emigrante, que continua a acudir ao Brazil como a terra propria, a enfileirar entre os seus mais uteis constructores, e a manter entre os dois paizes, por esse vae-vem continuo, o mais fecundo contacto affectivo e economico. Visitem pois tambem o Brazil os nossos homens cultos e atraiam a Portugal os brasileiros que se estão rapidamente deshabitando de desembarcar nesta terra santa dos seus avós.

As nações mais poderosas e cultas da Europa não cessam de promover por todos os meios a expansão da sua cultura e da sua lingua, em toda a parte onde encontram terreno apropriado para essa expansão. Quantas delas se orgulhariam de ter sabido crear um Brazil! E seriamos nós, os que o criamos e educamos, que nos julgariamos hoje impotentes ou apathicos para o acompanharmos no seu crescimento? Neste momento da historia europeia em que os diversos representantes de cada raça se congregam e unem contra as raças adversas, iriamos nós enfraquecer e dissolver, pela indiferença e pela ignorancia, os dois ramos illustres da familia portugueza?

O sonho de gloria que levou um Padre Vieira a ir missionar nos sertões maranhenses, não teria mais o dom de atraír os nossos espiritos, hoje que esse sonho está realisado na sua parte mais difficil e que dessa realizção nos advem tanto prestigio e tanto proveito?

Durante séculos fomos ao Brazil para o descobrir, para o cultivar, para o povoar, para dele fazer uma nação — e agora que essa nação se levanta lentamente dos alicerces que nós lhe constituimos, o nosso interesse por ela, em vez de aumentar, havia de extinguir-se?

Espero e creio que assim não ha de ser. E' preciso que dentro do maior numero possivel de portuguezes e brasileiros palpitem corações altivamente e ardentemente luso-brasileiros.

Afirmam-me que a Cathedral do Pará, e creio que outras egrejas d'aquelle Estado, são norteadas na direcção do Lisboa, como as mesquitas moiras o são na direcção de Meca. Portugal marca ali sempre o Norte — ao coração do Brazil!

Este deveria continuar a ser sempre o simbolo fecundo da reciproca fidelidade do nosso affecto.

Deixei-me arrastar pelo magnetismo do assunto, mas já é tempo de dar por findas as minhas considerações. Desejo apenas acrescentar que, no sentido das ideias que acabo de expôr, estou diligenciando junto das estações competentes promover a creação de uma cadeira de estudos brasileiros, com character obrigatorio, e regida por professores brasileiros, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Muita satisfação teria se este projecto merecesse o apoio da Academia, como já mereceu a simpatia e o interesse do nosso illustre consocio, aqui presente, sr. dr. João de Barros, Secretario Geral do Ministerio da Instrucção Publica, que tanto tem feito pela aproximação intellectual dos dois paizes.

Se essa cadeira vier a crear-se, os estudantes da Faculdade de Letras, que se destinam em geral ao professorado, sahirão d'aquella Escola aptos a transmitir os conhecimentos adquiridos sobre a vida brasileira a novas camadas e gerações de alumnos; e assim se desvanecerá rapidamente um estado de coisas que não podemos encarar hoje sem desgosto.

Fui também informado que segundo o art. 78.º da actual Lei Orçamental é permitida a matricula nas nossas escolas superiores aos alumnos que tenham feito os seus estudos preparatorios em escolas estrangeiras que o governo reconheça como equivalentes aos liceus.

D'este primeiro passo não será difficil partir para uma solução que abra aos estudantes dos mais reputados gymnasios brasileiros as portas das nossas universidades, providencia cujo alcance para o estreitamento das relações luso-brazileiras não preciso de encarecer.

Eu desejaria mais ainda que os alumnos das escolas superiores do Brazil podessem matricular-se em qualquer anno das nossas universidades, desde que se submettessem a exame de admissão, o que permittiria aos estudantes brasileiros vir fazer estudos de um ou mais annos em Portugal e assim conhecer e apreciar o nosso paiz, seguindo o exemplo que lhes dão os estudantes suissos e belgas nas universidades francezas e allemãs.

Faço também votos para que algum dos nossos grandes orgãos da imprensa periodica obtenha a collaboração assidua de reputados escriptores e jornalistas brasileiros, a quem confie a tarefa de nos trazer ao facto dos aspectos mais interessantes para nós da vida do Brazil.

Restringi as minhas considerações á vida intellectual dos dois paizes. Mas V. Ex.^{as} não ignoram que o assumpto é bem mais vasto.

As relações luso-brazileiras absorveriam a actividade de uma repartição official que algum dia viesse a ser creada exclusivamente para a ellas se consagrar. A questão da emigração, a do nosso intercambio commercial — o Brazil é o unico mercado solido e completo de que dispomos no mundo — a da navegação, a das nossas relações juridicas, são questões todas vitaes para Portugal, e de interesse maximo para a população portugueza tão laboriosa e honesta que além-mar é exemplo vivo d'algumas das melhores virtudes e forças da nossa raça.»

O TURISMO

Com este fecundo começo de verão carioca, quando do céu implacavelmente azul o sol nos manda os raios que dão o calor e dão a vida, e os elegantes procuram a frescura de Petropolis, *Atlantida* surgiu, muito leve e muito brilhante nas suas paginas de arte intensa, para fazer essa união, desde a Independencia, tão desejada — e ai de nós! — tão adiada entre Brasil e Portugal. Quasi cem anos levámos nós a protelar essa communhão de nacionalidades, tão forte como o Destino. Nesse quasi seculo decorrido depois que um principe portuguez nos separou da velha e gloriosa metropole — com um facil grito nas colinas do Ypiranga — vivemos todos nós no mais absoluto alheamento das coisas de Portugal e a terra de Camões quasi esqueceu lamentavelmente a sorte do filho mais moço, perdido do outro lado do Atlantico, vago e tenebroso. E' facto que, daqui ou de lá, de quando em vez, distrahidamente indagávamos:

— E no Brasil?

— O que acontece agora em Portugal?

Mas, logo, voltavamos a cuidar dos nossos interesses, cada um em sua casa, como egoistas burguezes.

Apparece a *Atlantida*. E eis que essa antiga aspiração se nos afigura suavemente facil e agradável. Essa revista vae apresentar aos portuguezes os nossos poetas, os nossos intellectuaes e vae mostrar ao Brasil que, depois dos *Luziadas*, de Herculano, de Camillo, de Eça, ainda existem escriptores em Portugal apurados por alguns seculos de cultura e de refinamento de raça.

Atlantida, porém, não pretende só dar versos e dar o que nós latinos chamamos *litteratura*. No seu programma cabe tambem o intercambio commercial entre as duas Republicas e a partir da edição deste mez ella vae crear a pouco e pouco, no espirito de seus leitores, o desejo das viagens, a vontade de vêr novas terras e novas gentes, essa curiosidade que o ironista de *Fradique Mendes* louvava com delicia e sinceridade no perfil de Eduardo Prado, como um dom precioso das Fadas, que levou Colombo a descobrir a America

Por ahi esse programma da *Atlantida* coincide magnificamente com a missão de uma companhia brasileira — que tem á sua frente a actividade moça de Alcibiades Delamare Nogueira da Gama — unica na America do Sul que até agora tem levado os viajantes a todos os pontos do mundo. A *Transoceanica* não pretende outra coisa senão facilitar o turismo, e, de tal fórma, que as viagens fiquem ao alcance daquelles que não pôdem, como os capitalistas, empatarem, de prompto, grandes sommas, para conseguirem o seu *desideratum*.

Assim, por exemplo, quando *Atlantida* dá uma chronica meditada sobre curiosidades historicas as de Portugal, seus monumentos, seu *folk-lore* ou quando, risonha e elegantemente descreve as delicias das *seasons* em Caldas ou no Bussaco, em Friburgo ou em Cintra, e pela seducção do estylo de seus collaboradores faz pensar como seria bom vêr todas essas coisas, fascinantes para um espirito educado, é a *Transoceanica* quem promove os meios faceis de realisação desse ideal.

Ora, a mim me parece que nada melhor para o intercambio commercial e intellectual de duas nações que o desenvolvimento desse gosto pelas viagens. O brasileiro e o portuguez são por natureza contemplativos, sentimentaes, desse sentimentalismo que os faz viver agarrados ao torrão natal, dentro de um horizonte que se não alarga para além das colinas que limitam o seu *home*. E sacudil-os, fazel-os curiosos de conhecer outras cidades, outros povos, outros costumes, é fazer uma obra altamente meritoria, porque é educal-os, é restituir-lhe as brilhantes qualidades de raça, aquellas qualidades que levaram os portuguezes á Africa e á India e deu a Portugal o maior renome, no seculo XVI, como nação maritima.

Eis o que *A Transoceanica* procura ha tempos realizar.

O esforço persistente que tem feito para obter esse fim, faz suppôr que mais facil e seguramente, o turismo ha-de tomar agora o desenvolvimento indispensavel para completar o conhecimento reciproco do filho prodigo e do seu velho e desmemoriado Pae...

Rio, dezembro de 1915.

CARLOS RIBEIRO.

PORTUGAL-BRASIL

Do *Jornal do Brasil*, de 9 de Dezembro passado, transcrevemos alguns trechos do notavel artigo do illustre escritor Carlos de Laet, sobre a proposta, que inserimos n'este numero, do Dr. Alberto de Oliveira na Academia de Sciencias de Lisboa. E' um artigo de sinceras tendencias *luso-brasileiras*, que a *Atlantida* não podia deixar de archivar :

O escriptor portuguez sr. dr. Alberto de Oliveira, que cumpre não confundir com o brilhante poeta brasileiro do mesmo nome, nesta capital ultimamente exerceu o cargo de consul e aqui promptamente angariou um largo circulo de affeições, já por sua lhaneza de trato, já por seu innegavel talento e dedicação ás lettras que chamarei luso-brasileiras, abrangendo nesta denominação os dois ramos litterarios em que pouco antes e depois da nossa independencia politica se bifurcou a litteratura portugueza.

Agraciado com o titulo de membro correspondente da nossa Academia de Lettras, a esta honrosa distincção se mostrou extremamente grato o illustre portuguez, comparecendo não raro ás sessões ordinarias e sempre ás solemnes da companhia que em seu gremio fraternalmente o acolhera. E do seu amor ás cousas da nossa terra acaba o mesmo escriptor de dar notavel prova em um discurso por S. Ex.^a proferido na Academia de Sciencias de Lisboa, e do qual nos dá noticia um telegrapha, com data de 7 do corrente.

Nessa oração, segundo nos informa o recado telegraphico, fez o Sr. Dr. Alberto de Oliveira o elogio da Academia Brasileira de Lettras e, outrosim, propugnou a idéa da criação de cadeiras de historia, chorographia e litteratura do Brasil em alguma das faculdades de lettras portuguezas.

.....
Com um laço de sympathia entre o preclaro membro correspondente da nossa Academia de Lettras e o humillimo escrevedor destas linhas, tambem aqui devo dizer que, não ha muitos dias, na Congregação do Collegio Pedro II, que é o nosso estabelecimento modelar de instrucção secundaria, apresentei uma proposta para que alli se restabelecessem as cadeiras de litteratura impensadamente supprimidas na ultima das reformas que padeceu essa casa de ensino.

Desde longos annos taes cadeiras havia, e occupadas foram por professores de relevante merito, Os fallecidos conego Dr. Fernandes Pinheiro, que compoz excellentes manuaes quer para a litteratura geral, quer para a nacional, barão de Loreto, Dr. Velho da Silva, Dr. Ferreira França, e não me lembra se outros, conscienciosamente se desempenharam dos encargos do seu magisterio e transmittiram a muitos alumnos um solido cabedal de noções exactas, de seguros conceitos, e, sobretudo, o pendor á leitura e á critica dos grandes monumentos litterarios. Actualmente na regencia de taes cadeiras estavam dois homens intelligentes e bem preparados, o nosso imaginoso Coelho Netto e o Sr. Dr. Pinheiro Guimarães. Veio a reforma e, deixando-os em disponibilidade — o que nem sequer allivia o thesouro — supprimiu a litteratura no instituto modelar de ensino secundario !

.....
Devo assignalar que quasi unanimemente (com discrepancia de um só voto)

a Congregação do Collegio suffragou a minha indicação. O voto discrepante foi o do Sr. Dr. João Fernandes Ribeiro, que, *sotto voce*, ponderou ter a proposta um caracter *pessoal* (!) e não ser admissivel desde que tambem não se restaurasse o ensino do grego . . . Entrego ao bom senso publico o valor destes argumentos.

Peço aos homens do Governo, se acaso não se dedignam de ler estes artigos, que reflectam na situação desvantajosa em que vae ficar o nosso paiz, se por ventura for acceita e posta em pratica a sympatica idéa do Sr. Dr. Alberto de Oliveira.

Seja como fôr, o gesto do estrangeiro amigo que aos seus conterraneos quer facultar os meios de melhormente nos conhecerem, a nós os Brasileiros, e não só pelas opulencias da nossa natureza como tambem pelo irradiar do nosso intellectualismo, merece ficar em registro, com dobrado titulo — á gratidão dos pensadores e á dos patriotas.

ANTONIO FEIJÓ

CARLOS DE LAET.

A *Academia Brasileira de Letras* acaba de eleger seu socio correspondente o illustre poeta Antonio Feijó. Como se sabe, *dez* dos vinte socios estrangeiros da Academia devem, pela letra dos respetivos estatutos, ser portuguezes. Escolhendo para a vaga de Ramalho Ortigão o autor da *Ilha dos Amores* e do *Cancioneiro Chinez*, os academicos brasileiros consagraram um dos mais nobres e puros talentos da geração parnasiana.

“A AGUIA,,

Agradecemos com efusiva simpatia as palavras carinhosas da *Aguia*. Excessivamente elogiosas, traduzem um sentimento de boa camaradagem que nos orgulha e penhora. Esperamos que nunca se desmentirá essa leal e sincera confraternisação, tão necessária entre pessoas e iniciativas que uma aspiração identica associa e aproxima.

No proximo numero publicaremos colaboração em prosa e verso de Anselmo d'Andrade, Teixeira de Queiroz, Mario d'Alencar, Eugenio de Castro, José de Figueiredo, Julio Brandão, Mario d'Artagão, Alfredo da Cunha, Raul Lino, Silva Araujo, Leonardo Coimbra, Afonso Duarte, Alfredo de Mesquita, Queiroz Velloso, Alvaro Hogan, João Luso, João do Rio, etc.

Publicaremos tambem, devidamente autorizados pelo Ministerio dos Negocios Extranjeros, o *Relatorio* d'um dos nossos consules no Brazil, do maior interesse para as relações economicas das duas Republicas d'aquem e d'alem-Atlantico.

ERRATA

N'uma parte da tiragem do presente numero deixaram de ser emendados, por lapso, os seguintes erros:

A pag. 200, linha 29, em vez de *testamento*, leia-se *testamenteiro*.

A pag. 204, linha 2, em vez de *com um jardim*, leia-se *como um jardim*.

BORDALLO PINHEIRO,
LALLEMANT, L.^{DA}
FOTOGRAVADORES



49, Largo do Conde Barão, 49
LISBOA

GRAND PRIX — Rio de Janeiro, 1908

GRANDE PREMIO E MEDALHA
DE OURO — Lisboa, 1913

GRAND PRIX, Leipzig — 1914

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

FOTOGRAVURA E OUTROS GENEROS
DE GRAVURA QUIMICA
PELOS PROCESSOS MAIS MODERNOS

CAXAMBÚ
A SOBERANA DAS AGUAS DE MEZA

